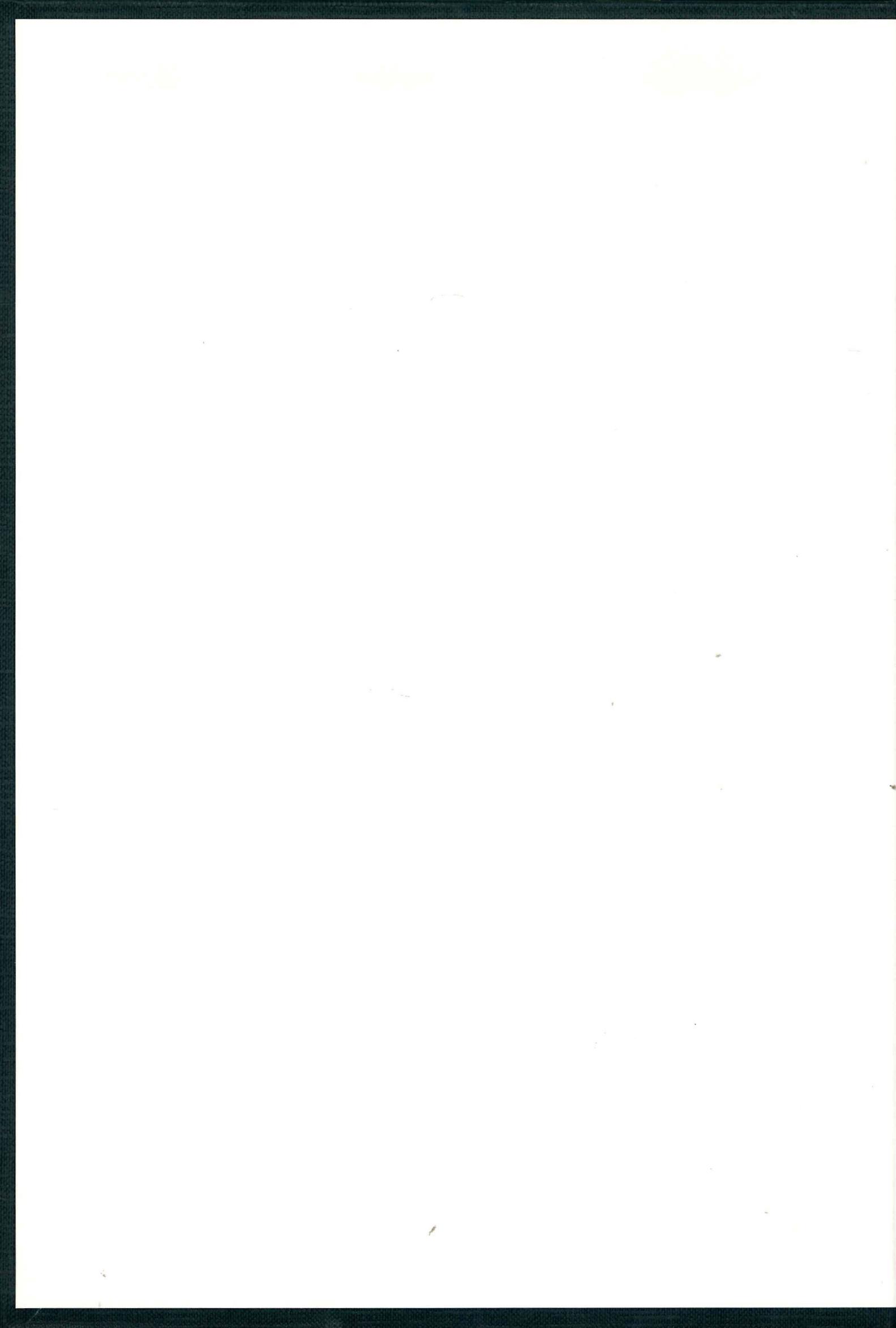




2)(046)



Volume Décimo
(x m 10)

A AUTOR ...FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

N CONTEÚDO:::ARTIGOS DE JORNAIS REGIONAIS
(E ALGUMA RESPOSTA E ATÉ CARTA)

D TEMPO;;;;;UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)

O ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES

R SERIAÇÃO ::::CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA

I DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNAIS):
NA BIBLIOTECA DA C.M:de BARCELOS

N
ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/

H
QUE DATA/_FOLHA/_OBSEVAÇÕES
ÍNDICE::::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÉTICO

A

TÍTULO DA COLEÇÃO:



Bonalme
Pern.

LISBOA.....1996



FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

JUIZ DE DIREITO JUBILADO

ALTERO a nota infra:

Rua D. Carlos Mascarenhas, 70, 2.º-Esq. — 1070 LISBOA q. aconteça... leitor do
385 58 55 q. segue (mutatis mutandis)

A quem aconteça

vir a ser leitor dos artigos que
seguem: foram todos publicados no jornal
barcelense A Voz do Minho; são de
texto menos pesado que o da Monografia
de Galegos. Reuni esses artigos porque
a Monografia se esgotou. As pessoas de
Galegos não puderam entender bem a
Monografia (é uma sopa com muita "sus-
tância" que poucos "stâmagos" suporta-
ram), mas entenderam bem estes artigos.
Exigem os artigos menos de mim do que
a idealizada nova Monografia que me
PROPUSEARAM FIZESSE (a máquina, hoje, es-
tá a pregar-me partidas). Também os
artigos saíram com gralhas, mas não é
preciso que rectifique.

Aos curiosos direi que escrevi o se-
guinte:

C/ a S.ra D.ra Lança Cordeiro-1967 Ou
1966, 1 Colecção de Pontos de Exame-
A Minhaa Sexta Classe. Língua Pátria.

Uns 10 anos depois, um Guia do Si-
nistrado do Trabalho.

A seguir, a Galegos, Sta Maria Barcelos,
que, de 160 fui apertando e ficou com
32 páginas apenas. Alguns artigos de Di-
reito, nem todos com Separatas. De 71 a
96 publiquei mais que mil artigos em
vários jornais de terras como estas:
Viana, Vilaverde, Braga, Barcelos, Sertã,
T. Vedras e uma ou outra mais, tudo em
menor escala e menos valia que os tra-
balhos do ex-condiscípulo e amigo,
Silva Araújo. Mas também já o compen-
saram: tem seu nome gravado na Gr. En-
ciclop. Port. e Bras. Para aéns.

Em 1967 foi um texto de suas 90 pgs que me atrevi a fazer circular pelos então meus alunos, mais de 400. Matéria bem difícil - A Religião e a Moral. O Autor teve aplausos, mas de sacerdotes não se lembra de os ter tido, sinal evidente de que lhos não mereceram. Mesmo assim, ainda às vezes se distrai a ler alguma daquelas 90 folhas que já não saberia repetir.

Ultimamente começou a elaborar um Dicionário de Galegos (de Coisas e pessoas de...); e portanto autonomizou umas folhas para Santo Amaro; e quanto aos Azevédos; e meteu-se também nuns Estudos sobre o Tombo de Galegos. E dos tais mil e tal artigos fez estes ou aqueles recortes que colou sobre folhas A4, e destas, construiu 12 volumes a 60 para 80 fls. cada um. O trabalho que isso deu nem digo nem o conto. Perguntam-me quando publico. Mas não tenho intenção de publicar nem sequer os Estudos acerca do Tombo. Falta um Latim (Exerc. c/ Soluções), de 67.

Dedico este trabalho, assim: 1º a Deus. Depois, a minha Mulher e aos meus Filhos, a meus Pais, em Galegos e ao sr. dr. Vale Lima, de A Voz do Minho, em que, primeiro, saíram.

24.2.97.
e 20.3.97

FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA - ARTIGOS DE JORNAL

COLEÇÃO ANDORINHA

VOLUME X (10)

ÍNDICE SEQUENCIAL DOS ARTIGOS

Nº	Título do art	Jornal	data de saída	folha	Observações
				no	Vol
1	: Coisas de Lon	: e d. Perto	: 3.1.74	1	:
2	Ac. d. Calot.	: Comarc	: 2.2.74	2	tem reso.no ;
3	Raízes da Guerra	Cáv.	: 24.8.74	3	1 a 4
4	Coisas	: V M	: 3.9.74	4	
5	Alg. Jorn. d Barr	: V M	: 31.12.77	5	
6	Curiosd. vida na	: V. Verd.	: 11.X.79	6	
	Rús.				
7	Minh. em Lisb	: C Sar.	: 2.1.76	"	
8	C ao Dir.	Barc	: 13.1.79	7	
9	Nov Liv s	Barc	: 28.7.79	"	
	====pedaço	: Lib. :::	+++		
10	t guer. Vietn	; C S	9.3.79	8	Rep
11	"	"	++++		
12	Cons. div.	CS	23.9.79	9	
13	C. de Lagos	J Barc	27.9.79	9	
14	ERmidas Conc.	Barc	29.9.79	10	
15	Por ter d. Cism.	Badaladas	6.4.79	10	
16	Ben. da Cruz	C V	5.6.80	11	
17	Polón. e Filosof	C V	1.1.82	12	
	Polit.				
18	Crón: de Férias	- J. Barc	6.10.83	13	
19	C de Lx..	Barac	3.3.84	"	
20	Notas s t Religas	C s	24.2.84	14	
21	C a D Joaquina	Barc	20.10.84	15	
22	IM dMundo=DIaM	Mis CV	15.11.84	16	
23	Polít e...	Barc	15.12.84	17	e 18
24	Biog da A. Mar	Barc	5.1.85	19	
25	Haj paz.. 1 dia	CV	24.1.85	20	
26	C Lx	V M	2.3.85	21	
27	Barc. Sr da Cruz	Barc	2.3.85	22	
	e o dos Passos				
28	Serm Quaresm.	C S	29.3.85	23	
	1943				
30	Nov Estili serP	==Vian.	30.3.85	24	
31	Temos Sta Eul.	J Baarc	4.4.85	25	
32	P Hist Freg.	C S	5.4.85	26	
33	P 6ª Santa	Barc	6.4.85	27	
34	Lit. Brac	CV (:4.85			
35	=====	Guarita	Ab/85		
36	DO ext. int. da	J B arc	25.4.85	31	e 32
	Arqueologia				
37	s. Pol. intern	Barc	27.4.85	33	- Abreder
38	25 Ab/ cru zes	J Barc	16.5.85	34	35
	diabo				
39	mulheres em menses	de Maio		36	
		Barc	1.6.85	37	
40	Valaress =Pico	=			
	Villala da Mota	V Verd.	30.6.85	38	
41	Taref de Educ	: V M	6.7.85		
42	Coisas	V M	31.8.85	39,40	
43	Carta	=	9.9.85	41	p. Alberto

44 Mis <u>Libert d.</u>	Barc	16.x.85	42]]]=
45 Mis em 85	J Barc	24X85	43	
46 Ronda....	C S	25X85		
47 A <u>p.D.M</u> Mis	N Fam	1.11.85		
48 O <u>Brac M Mateus</u>	CV	7.11.85	46,47	
49 As M.deram nov	C S	8.11.85		
50 Nov antepass,	VM	23.10 85	49	
51 Coisas	V Mo	30.11.85		
52 Coisas	VM	4.1.86	51 e 52	
53" Unidade	VM	1.2.86	53 e 54	
54 Falsas..Cosm.	Barc	31.5.86		
55 As coisas belas..	VM	7.6.86	56,57	
56 Fil Popular	Barc	1.11.86		
57 Sant e F Def Sociol	V M	1.11.86	59,60	
58 Raz.pol Nat An Novo	VM	10.1.87	61,62	
59=====	CV =====			
60 Mon.Esmeriz	N Fam	13,5.88		
61 Coisas =Gente				
n terra	VM	24,9.88		
62 3 Ajuntamentos==Cv		3.2.94	66a 68	
63 Nov ab Ucha	VM	14.7.94		ver Vol V
" "	"	23.2.95		fim=====



UNIVERSIDADE DO MINHO
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Exmo. Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência

Data

BPB-117/96

Assunto

30 OUT 1996

021642

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da coleção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de coleções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmiti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes
(Assessor de Biblioteca)

Índice B, dito no rosto" TEMÁTICOSÓ DAS MATERIAS PRINCIPAIS

[|||||...]

A[|||||...]

A-----

Agostinho de Campos 10.13 G
Algalhas 10.4
Galegos/acto de
Oliveira Bagança 10.46
Ao léu,elas 10.13 H
freira 10.14
Guarita,jorn de Barc 10.30
Alheira 10.14
Arrojo da francesa,timi-
dez da portug. 10.16 H
Hist de Barc-prémio
miserável-220 c, 10.24

B

Barcelos desc 10.13Barc.leite-1\$20,10.1Biog.dizer como fez na Ivida 10.19 (Exemplum)Barc-Passos 10.21 e 22O Belo q a Cä revela 10.56Índia,lares de irmãs

10.16

P

Petites Sears 10.16Política 10.17

" 10.33

P.Vilela da Mota 10.37

C

Cristologia-de Jesu 10.20(o)Cão,o calote 10.2uma vinda para Lx.

10.6

Coreis,vietname. 10.8

II J J

Jornal-Barcelos 10.5

Q

Quaresma-sermão emGlube de doentes 10.27Cismaticos,não vemos 10.10Évora,1943-10.23Comunican ges(vasis) 10.40Cosmognose -falsa 10.55Dona Jaquimina 10.15 (Bras)dar seu valor a mr doNorte 10.5Dic.Hist da Ig.Port.Diabo-25/Abril 10.34

L

Lagos,a algarvia 10.9

R

Libertar(o..das mis.

1042 e 48

Latina Vetus(Bib) 10.46

E

Ermidas-conservar ou...

10.10

M

Moscóvia 10.6c-Seitas 10.53Egipto dos faraós-leituç //Mrs/ Maios 10.36ras de educ.em livros de //Mortos vivem 10.49escola 1022 //Mãe viva e 2 mil an-Estilos:o de ser Papa-10.24 // anos 10.50S.ta Eulália(ik Covo)mlonografia 10.18Sexta-Feira Santa 10.27per grato,10.41Educação-tarefas 10.38Esmeriz 10.64Freirinhas 10.14Filosofia Polític 10.12Férias-crónica 10.13Filosofia de rua 10.58

[[T[[[T

TVI 10.68

U

V

X

Z



COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo Dr. Francisco de Almeida

SOAM por vezes queixumes de que alguns jornais não publicam senão aquilo que lhes convém.

Quer dizer: o jornal católico arreda de si um artigo que lhe parece incômodo; um jornal progressista afasta como peste uma observação de cautela; e até o pequeno jornal de uma pequena terra é acusado de fazer jogo, que é o seu jogo, ou o jogo de quem é seu dono.

Daqui a observação que há dias ouvi de pessoa com algumas responsabilidades: «leio vários jornais para poder estar razoavelmente informado — os das direitas, os das esquerdas e os do centro».

Um dirigente afirmava: «leio o Político e seus contrários. São extremistas, já sei. Eu fico-me pelo meio, porque aí estará a verdade».

Não vou perguntar se é mesmo assim.

A propósito de preços de leite, estranha-se muitíssimo que o litro seja pago a 1\$20 na região de Barcelos.

Não há terra em Portugal onde se produza mais leite que na ilha de S. Miguel, a principal dos Açores.

Em S. Miguel, existem milhares de vacas leiteiras. Mas vacas mesmo: isto é, vacas a produzir, cada uma, de 5 mil a 8 mil litros por ano.

Pois, apesar de o leite produzido por ano se contar por milhões de litros — nem assim o preço do litro foi, nestes últimos tempos, alguma vez de 1\$20.

Que leite era esse tal? Qual a gordura dele? Aconteceu num caso, ou é geral esse tão baixo preço?

Entendemos que um dos sectores agrícolas para que os terrenos do Minho têm vocação é exactamente a produção de leite e gados para abate.

No Alentejo — que não é mimoso para a pecuária — nunca o litro de leite se vendeu, desde há anos a esta parte, a 1\$20.

Essa tal firma não estará falida? Não é constituída por aventureiros? Desse modo não prende clientes.

Vai aí grande discussão por causa de algumas regras da 1.ª Lei portuguesa, que é a Constituição.

Querem uns que o Presidente da República seja eleito por todo o Povo, mas isso não o querem outros e lá sabem.

Por minha parte, entendo que o ideal era o Chefe de Estado ser eleito por todos, como os Deputados. Mas não vejo inconvenientes em que assim não seja, ao menos por estes anos mais próximos.

Quem esteve em África, mesmo mobilizado — e portanto nas condições mais difíceis — ficou quase sempre a gostar daquelas terras e daquelas gentes.

Muitas vezes se fala só de cor, mesmo nos centros da Governação.

Pergunto sómente: Quem era que, em Portugal, em 1928, sabia que os Russos — comunistas russos — tinham planeado tornar toda a África independente? (v. Socialismo)

Dir-me-ão que ninguém, ou quase ninguém, já que ficámos surpreendidos ao ser atacados em 1961.

A nossa previdência foi sempre assim, valha-nos Deus!

O que aí vai sobre algumas regras acerca da liberdade religiosa!

Nem admira, num País onde quem não vá à missinha é «maçónico» e onde os aldeões querem ensinar aos párocos o que é e deve ser a Religião.

Mas, por hoje, basta.

Francisco de Almeida

87 fm



3
vandona-
somenos
s merece
atenção e
aumentar
isso sim,
está certo.
atas, eco-
esforçam
forma que
itadura in-
importando
português
s produtos
lógica, de-
a a alimen-

de claudi-
atropelos,
ómico e pla-
ndo apenas

2-2-74

10.2

5

Acerca de caloteiros

C. A. Festa de

2/2/74

nº III

Dr. Francisco Almeida

A Comarca de 22-XII-73 publicou um apontamento meu, sob o título «Da protecção aos Trabalhadores», atribuindo-o a alguém que não sou eu. Mas não costumo vir clamar por gralhas.

Na Comarca de 19-I-74, veio o leitor sr. Bernardino Lopes aludir a esse apontamento e concluir pela prisão dos caloteiros.

Sem muitas palavras, quero ficar esclarecido aos leitores o seguinte:

1.º) do meu artigo não consta

que um devedor qualquer possa ser preso por dívidas: não o pode por dívida civil, como renda, etc.:

2.º) as Caixas não recebem as folhas sem as contribuições, salvo se eu, em vez de ir lá, lhes remeter só as folhas pelo correio: recebe e não devolve, pois até servem para fundar uma execução;

3.º) falei em «processo penal»

(Conclui na página 3)

Acerca de caloteiros

(Conclusão da 1.ª página)

e nesse é que o imposto de justiça, se não pago, podia vir a ser convertido em dias de cadeia, coisa que acabou desde 1972. Ficaram a ser convertíveis só as multas de carácter criminal, também se não pagas, e nem sempre nem todas.

4.º) Em processo penal do Trabalho, o gerente efectivo de sociedade, condenada esta em multa, se ela não pagar, pode ter de pagar de seu bolso.

* * *

Virá a propósito do problema suscitado, dizer mais algumas palavras. A 1.ª é que os credores de rendas se podem prevenir—e previnem—com garantias de que elas vão ser pagas. Se o inquilino não paga, avançam as garantias. O mal está muitas vezes em que as pessoas se *atreverem* a fazer por si os mais difíceis contratos e quando se trata de os pôr a andar—porque a coisa emperrou—é que vão consultar o jurisconsulto e pôr a cabeça dos julgadores em água. Mal, mas é muito assim.

Por outro lado, pode ser que, com o andar dos tempos, se altere a administração da justiça. Explico.

No crime, o Estado tem o monopólio da acusação e os particulares podem apenas «assistir». Processo público em 70%.

Nos acidentes de trabalho, o Estado não tem esse monopólio, mas pedida a intervenção do tribunal, o interessado nada mais tem a fazer ou precisa de fazer, sendo um trabalhador:

pôr aquile a andar compete ao respectivo Delegado. Precessa que diremos público em 50%.

Nada disso há numa acção contra um inquilino: O Tribunal está proibido de dar um

passo sem o interessado o requerer, ainda que tenha teda a razão. Ora ao Estado—por via da boa ordem—não pode ser indiferente que alguém não cumpra as suas obrigações para com outrem. E por isso bem se poderia alterar a lei de modo a que, posta uma questão, os Delegados a mexessem, com os interessados a auxiliá-los, com os advogados pagos pelo Estado. Claro que ia haver abusos, mas, para esses, ripada pelas orelhas.

Poderia... mas não confundam: não é.

As Raízes da Guerra

Por ACÁCIO TORRES

8 O Rávalo (C.V) de 24/8/74

Olhai à volta: as pessoas atacam-se umas às outras. Porquê? Diz António: — porque é que aquele malandro do Repas há-de ter tanta terra e eu, nenhuma? E o servente: — porque é que o engenheiro há-de ganhar 20 contos eu, apenas três? E a cabeleireira: — porque é que se a Amália tem 100 contos, não hão-de ser 50 para mim e 50 para ela? Não somos iguais?

É verdade: somos iguais. E é falso: somos desiguais. Iguais quanto que temos; mais ou menos as mesmas necessidades: de comida, de vestuário, de habitação. Mas desiguais: na vontade de trabalhar; na iniciativa de inventar coisas novas; na perseverança de levar uma obra até final; na força para tolerar o sacrifício que leva à vitória.

Demonstro (e afinal todos sabem disso):

— Se eu, em vez de ir pescar ou à caça, prefiro ficar deitado, las e tudo o mais que sirva para justiça.

Em Portugal, em 1947, nem as pessoas são tão fáceis de iludir (mas a ambição a tudo pode levar) como na Rússia de 1917, nem a terra é de tão poucos como lá era, nem há a miséria que lá existia.

Salário justo? Óptimo. Mas justo em função de quê? Então lá o patrão não trabalha também? Não tem fome? Não tem encargos de família? Ou justo significa pesar só para um lado? Pode neste ano ser justo — equilibrado — que o patrão pague 6.000 porque os negócios correram bem. Pague-os. Mas se para o ano correrem mal, deve poder pagar só 5.000 ou menos. É esta instabilidade que se pretende.

Que disparate e falta de dignidade são esses em que os operários se recusam a trabalhar por menos de 6.000 e para ganharem a partida chamam para o seu lado o Ministério do Trabalho? Então não é uma vergonha vencer causas pela força que não pelo peso da justiça? Ou somos uma gente essencialmente injusta, parcial, a pensar que nós e só

não terei à noite peixe nem coelho;

— Se meu avô tivesse preferido ser boémio, não poderia ter deixado a meu pai a terra que arroteou transformando-a de mato em vinha;

— Se o rapaz, em vez de se agarrar aos livros com afinco, tivesse preferido jogar e ir às moças, não teria obtido a qualificação de engenheiro.

Como é possível alguém atrever-se a dizer que o livro que escrevi é de lá a cadeira que construi lhe pertence, do peixe que pesquei lhe pertence a metade, pelo menos? A ser assim, não mais acaba a guerra, porque a minha cadeira leva-a o João, mas ao João logo lha levará, pela mesma razão, o Joaquim e a este levar-lha-á o Jerónimo sem mais parar. E como isso não vai ficar assim, vai tornar-se guloso o negócio das facas, navalhas, pisto-

(Continua na Pág. 6)

nos, sempre e em todo o lado, é que temos razão?

E se assim não pensam, o silêncio deles ajuda. Os operários cristãos não piam; nem os pastores atalham; nem essas greis e outros saem a lume; não criam novos sindicatos que se oponham à omnipotência dos que havia. Tudo ficou sem voz, faltam denunciadores como João Baptista. Perderam, a voz antes de perder a cabeça, mas vão perdê-la também.

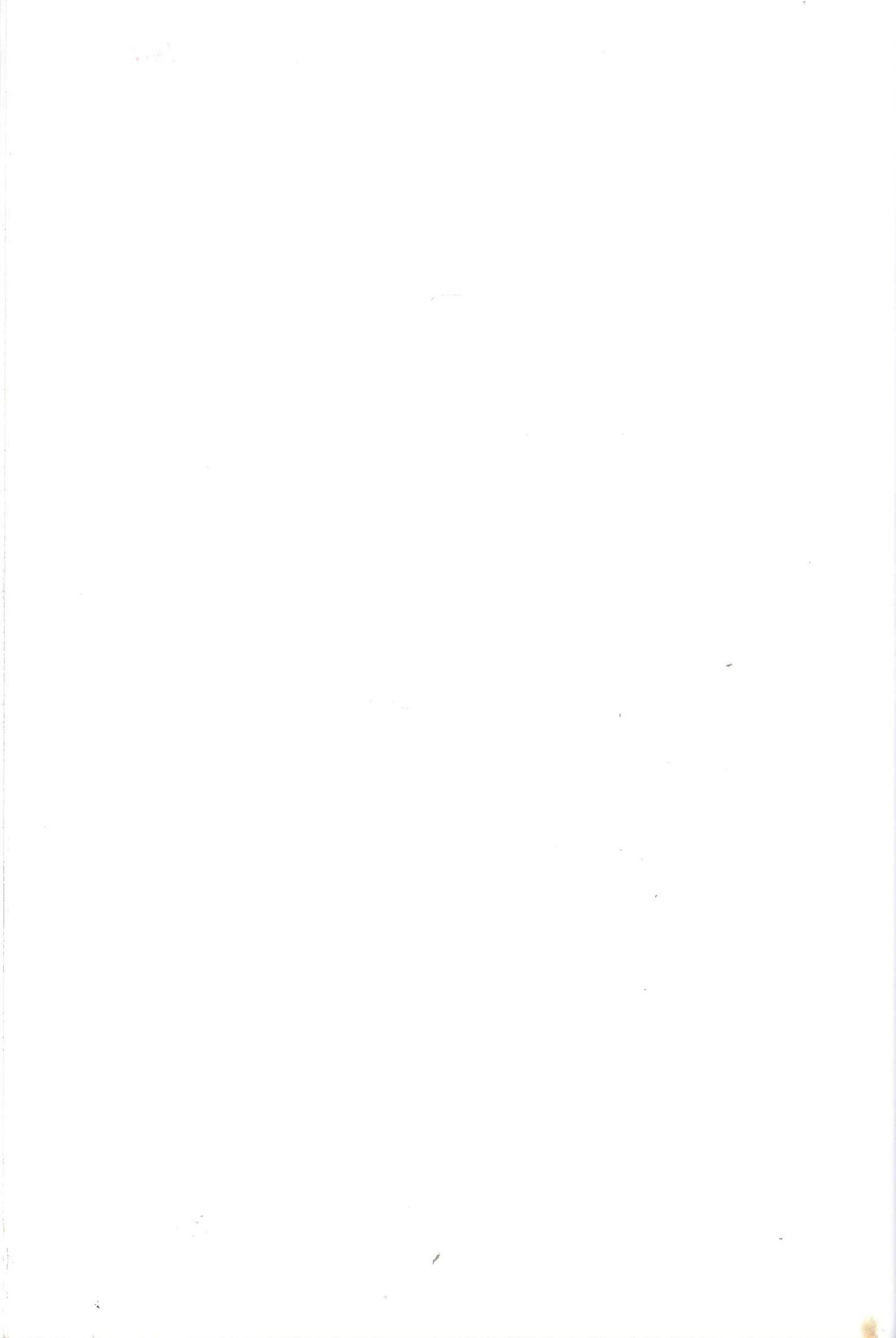
Sessões de esclarecimento onde o que se faz é confundir? Falem-lhes em responder a perguntas e já verão. Mas responder é que era esclarecer.

Os jornais não informam. Os que topam não criticam e a crítica consiste em apurar para um lado o que é falso (lixo) e para outro o que é verdadeiro. Mas em política isso não basta: é preciso ir até às intenções porque há muita gente aí de duas caras: uma para a propaganda (cara falsa, máscara, mentira), outra por baixo da máscara, verdadei-

ra, que se não vê e contudo é só essa que conta. Ora uma democracia fundada em mentiras é uma falsa democracia e a falsa democracia só pode gerar atropelos, ódios, inimizades e por isso, a manter-se, só pela força ou estado permanente de guerra.

São várias em Portugal as correntes de opinião sobre o modo de organizar o governo da cidade, seja sobre política. Mas poucos são — por incúria e o mais — os que conhecem as muitas doutrinas políticas que há. Pois informem-se e peçam informação aos vários doutrinadores. Pesem-lhes as doutrinas e desconfiem dos que falam como discos (frases feitas): a solidariedade, a democracia, os movimentos, a cultura, etc. Até aí também um papagaio pode ir. O que não pode — nem os papagaios — é, sem esforço, criar riqueza para todos e paz e felicidade. Mas isso é que está no 1.º plano: hoje e amanhã.

Acácio Torres



DE LONGE E DE PERTO

3.9.77 (Continuação da pág. 1)

Tremores de Terra. Os leitores repararam na série de abalos que ultimamente a terra sofreu e nos imensos estragos que eles têm causado: na China, vezes diversas, nas Filipinas, na Turquia, na Pérsia e do outro lado do Atlântico, nas Américas. Bem podia a Terra andar certinha nos eixos, mas por causa de bombas atómicas que Russos e Americanos lhe metem dentro ou outras razões, é isto que se vê: tão agitada como os homens que

Silva-Barcelos), que resolveu pôr-se em desacordo com o Papa, no que toca ao modo de dizer missa: quer ele que esta — e o resto — não seja em Português, Italiano ou Tupi, mas em Latim, língua universal. Chama-se D. Lefebvre e contra a ordem do o habitam. Boa ocasião para, da Papa — que já lhe tinha retirado as nossas pobrezas, destacarmos alguma ordens — foi dizer missa solene em fatia e com ela socorrer os atingidos Lille, França. Não em igreja, porque pelas catástrofes. Não vamos dizer todas lho recusaram, mas no estádio. que dêem os ricos. Vejam que os Filhos e alguns o acompanharam: uns sete pinos — decreto mais pobres que nós — mil, entre franceses, alemães, suíços, são os que mais ajudas prestam, até e alguns mais. Chama-se a isto um cisma. Bem estranho porque D. Lefebvre nem é parvo nem é novato: com os pés na cova (72 anos) já tem idade para ter juízo e temor de Deus, bispo que é.

Desaventuras. Agora é um bispo francês, antigo superior geral da Congregação do Espírito Santo (os da

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Dr. Francisco de Almeida

As gralhas, por vezes, enxameiam o nosso jornal e se a benevolência dos nossos queridos leitores nos desculpam, no último número, porém, uma arreliadora troca de nomes desvirtuou o nome do nosso distinto colaborador porque foi mencionado Dr. Luiz de Almeida quando escrevemos Dr. Juiz Francisco de Almeida.

Que nos perdoem, mais uma vez, os nossos leitores e o apreciado colaborador de «A Voz do Minho».

O valor da nossa mulher. Vejo que algumas andam muito afadigadas em se promoverem. E acho bem que o façam, livres que são, e descontando uma ou outra mazela. Mas cometem um tremendo erro, a saber: não há coisa que vingue se, feita pelo marido, não tiver a bênção ou não-oposição da cara-metade. Ela sabota-lhe os planos.

(Continua na pág. 4)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

3.9.77 (Continuação da pág. 1)

nos. Vice-versa: nada conseguiram sem doutrinarem seus maridos e levá-los às águas dos seus moinhos. Porquê? Pois, uma roda, só, não anda, diz o camponês e é bem dito. De resto, vejo muito vez escrito que em casa manda ela! Então que mais querem se já têm o mando?

Viragens. Oiço que nas ordens religiosas vão escasseando as entradas de novos: irmãos leigos, nem falar; com destino a sacerdotes, nenhum candidato têm tido, por exemplo, os Capuchinhos. Não vejo mal algum nisto, porque as almas são de Deus e como dizem os da nossa Terra: — Ele sabe que nos cá tem. E elas? São um milhão. Pois em 77, relato do jornal «Nova Terra», (Lisboa), desfreiraram-se umas 120 mil. Assim é que! Já não são precisas missionárias nem em Angola nem Moçambique com o alívio que os de Lisboa lá introduziram. Quer dizer: há muita mulher que errou a vocação batendo

às portas de um convento. J façam pela vida cá fora, há-de remediar sem elas. E

Imprensa de Braga. É um livro saído há tempos, escrito por um Sr. Oliveira — que vejo também a escrever umas folhas sobre diversas terras. Tem várias referências a jornais e revistas que se publicaram em Barcelos e daí a razão desta minha nota a respeito da história de Barcelos.

Porto de Sines. Falavam para aí no colosso que aquilo havia de ser: fixar milhares de gente, arrancar minérios das zonas próximas, dinamizar o Sul. Mas a força deve ter-se escapado para outros lados: aquilo parece que não anda nada ou anda a passo de formiga. Bem sabemos — não bem porquê — da contestação que a Sines se fez. De onde que não vejo obras novas, nem conservar sequer as velhas. Ora uma fé sem obras dizem que é morta.

Francisco de Almeida

Alguns Jornalistas de Barcelos

10.5

5

7.11.31.12.77

ver TV

vol. 11

— Da I maioria daqueles que escreveram em jornais de Barcelos pouco mais é conhecido que o nome. Mereciam mais. Na obra IMPRENSA BRACARENSE do Sr. A. Lopes Oliveira

PELO

Dr. Francisco de Almeida

ra — 1976 — indicam-se muitos dos que aqui escreveram.

Eis alguns.

— B. (António R. F.) — dirigiu «O BARCELENSE» em 1851 (obra citada, pág. 49).

— Lima (João Evangelista) — no mesmo jornal, 1865.

— Lima (João Evangelista de) — idem.

— Osório (José Silvério da Cunha) — idem, director que

estava em 1853 em O BARQUEIRO DO CÁVADO — pág. 50.

— Azevedo (Manuel Guilherme de) — Aurora do Cávado, 1869, fundador (obra cit, 45).

— Pereira (Bernardino Luís) — idem.

— Baptista (António) — mesmo jornal, por 1897.

— Rosa (Padre J.) — idem. Este escreveu também no mensário A JORNADA.

— Viana (Arq. Manuel G.) — idem.

— Veloso (Dr. Rodrigo) — foi director e esteve ligado aos jornais FOLHA DA MANHÃ (partido Regenerador) — pág. 100, A LAGRIMA — pág. 123, O POVO — pág. 148, adversá-

(Continua na pág. 4)

rio de O DESENGANO — 73, já em 1870 e ao A KERMESSE — 1894, pág. 232. Possivelmente irmão dos jornalistas Padre Veloso (José Dias) — de A Folha da Manhã e Luís e Manuel de A Mocidade — 1886 — pág. 130. Este Luís administrava o jornal SEMPRE UNIDOS, defensor dos empregados comerciais em 1914 — pág. 161, de que era redactor António Veloso com outros.

— Carvalho (Marcos Emílio Cândido de) — dirigia A JUSTIÇA em 1910 — pág. 121 e esteve ligado ao IDEAL, 1905 — pág. 11 (director), a O MINHO (administrador), 1888, pág. 128 e A PRIMAVERA, 1904, editor — pág. 153. Editou também A LYRA — 1885 — pág. 126 e O BARCELENSE em 1904 — pág. 49.

— Araújo (Gonçalo) — colaborou em O CÁVADO, fundado aqui em 1916 — pág. 57; dirigiu o ECOS DE BARCELLOS, republicano, 1919, pág. 89 e o republicano ERA NOVA, 2.ª série, 1914, pág. 91 e foi o redactor principal de O REGENERADOR LIBERAL em 1909. Era licenciado — pág. 158. Em 1911 fundou o quinzenário CRÍTICA EXTRAVAGANTE — p. 71.

— Lamela (Padre Bonifácio) — dirigiu o DEUS E PÁTRIA (1904) — pág. 74 e colaborou em A KERMESSE.

— Lamela (Plácido) — colab.

borou em A LAGRIMA — pág. 123 e em A JORNADA — 185.

— Roriz (Artur ou Artur Roriz Pereira) — editou O INTRANSIGENTE — 1926 — e tinha dirigido O MINHO — 1888 — pág. 128 e O MINHOTO em 1882 — pág. 130; A PORTUGUESA — 1891 — pág. 148 e A VERDADE em 1922 — pág. 168. — 31.12.77 —

Ficam para outra vez nomes como padres Leituga e Maciel e de escritores como Landolt, Leite, Marinho, Fogacá, Esteves, Matos e Portela.

Os nomes de mulheres são um quase nada.

Francisco de Almeida

S de Barcelos

ina 1)

7

Curiosidades da vida na Rússia

706

Ao contrário daquilo que os comunistas em Portugal afirmam, o povo soviético sua as estopinhas com a estúpida governação que lá se impõe. Foi por isso que um russo e para mais, comunista, escreveu um livro cauteloso a sugerir algumas modificações nas leis.

Conta ele que os futurólogos de lá andam a dizer que no século XXI ou seja, daqui a 20 anos, muitas hão-de ser já as empresas privadas na Rússia. Ela vira então capitalista?

Realmente o escritor sustenta — e é comunista — que estarem todas as empresas e terras na propriedade do Estado só causa desgraças porque um mal que se podia corrigir no máximo de 3 dias, por causa dos papéis e papéis, demora 30 dias a corrigir.

Ora isto num país de 250 milhões dá prejuízos incríveis.

Minhotos em Lisboa

(Not. de famalicão
nº 1230 de 21.76 - fl. 4-)
V. Card. Seraiva

Um jornal de Braga veio com a notícia de que há em Lisboa umas 60 mil pessoas do Minho. Dessas só uma por cada 100 se inscreveram na Casa do Minho, que há na Capital. De 60.000, só 600.

Do Minho, isto é, para quem não saiba: de Barcelos, Famalicão, Braga e Vila Verde e por aí acima até ao S. Bento da Porta Aberta, Melgaço, Monção, etc, há em Lisboa de todas as profissões: domésticas, muitas; padeiros, pedreiros, homens de escritório, de bancos, advogados, médicos, juízes, etc.

Acredito ser certo o número dos sócios. Não sei como se obteve que são 60 mil os minhotos cá.

Há, diz ele, pessoas que trabalham por sua conta, nas bem poucas já que o governo não quer e para as afastar disso manda-lhes com cada imposto! ... O resultado, reconhece, é que essas pessoas trabalham clandestinas para que o imposto lhes não coma o suor do trabalho que fazem. Nem sequer uma modista ou a cabeleireira e assim deixam ser capitalistas! ... V.T. 11/XII/29

Queixa-se de que é demais um russo não poder deixar o sítio onde mora para ir visitar os pais, um movimento, etc. Porque todos estão registados no cadastro de polícia do lugar onde vivem e não se pode viajar sem passaporte interno e autorização. A poucos autorizam. Então para fora da Rússia é quase impossível e todavia a Rússia assinou o tratado internacional

que a obriga a deixar sair os cidadãos.

Refere que os rurais vivem tão mal face aos das cidades que se não fossem os passaportes internos, todo o campo dava com a tralha em Moscovo e esta se tornaria logo a maior cidade do Mundo.

F. ALMEIDA

Boas Festas

11/12/29
Tiveram a gentileza de no-las enviar a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Barcelos Dr. Francisco Alves de Almeida, Dr Mateus de Macedo e Manuel Tomás do Souto Gonçalves.

POR F. A.

terrâneo, agora licenciado. Querem ver que nunca soube onde ele morava? E andáramos ambos na escola.

Se querem maior individualismo...

Conheço um comerciante cá que veio de Guimarães (Minho também). Faz a sua vida e raro procura encontrar conterrâneos. Decreto «atriga-se».

Aqui até há os Armazéns do Minho. Seguem sóis. Na Malveira há um grupo de familiares vindos de V. N. de Cerveira. Fazem dinheiro, não fazem faísca. O minhoto é assim.

A Casa do Minho pode ter uma ação benemérita, sim senhor. Para tanto tem de mudar de métodos. Se quiser.

Francisco Almeida

neiva cismática. Nunca como hoje a URSS despertou tanto interesse: uns dizem que o povo vive mal, outros, que não: tem foguetões, logo técnica avançada (cuida muito da cibernética e há em Portugal manuais universitários traduzidos do Russo), o Governo é P.C. — mas só 7 por cento estão no partido (eles não querem lá mais). Estaline venceu os bispos cismáticos, não o povo cren-te. Igreja separada, mas acusada (hierarquia) de colaborante. A ser exacta a mensagem de Fátima, a Rússia (não a URSS) alterará suas rotas religiosas.

LFBANO — Do nome do monge Maron, um grupo de cristãos libaneses é chamado maronita. Há os católicos e cismáticos, como é o caso da Síria, Israel, Egito, Etiópia, Pérsia e Turquia. As formas de culto são diversas: no Egito, diferente da da Síria, diferente da da Pérsia. Todas de há muitos séculos.

CHINA — Os católicos foram separados de Roma à força. De facto estão em cisma; de direito, não, pois não terão culpa dessa ruptura.

P. AFONSO

70.7

Carta ao Director

Barre 13. I. 39

Ex.mo Senhor Director do «O Barcelense», recebi hoje, 8 de Janeiro, o seu jornal que me traz umas palavras do meu Amigo muito ilustre, Sr. Dr. Paulo Figueiras, datadas do Porto a 20 de Dezembro, sobre a Apontamento por mim escrito e aqui publicado a 25 de Novembro acerca do livro O RIO NEIVA. Parece que o Amigo, que teve até a gentileza de me oferecer o livro com

umas palavras não gostou do meu escrito.

Antes demais, aproveito para agradecer a oferta porque ainda não tive tempo de o fazer. E respondo já—mesmo de modo telegráfico como ele disse—para não ficar a pensar mais nisso.

Muito e muito poderia responder, mas porque tal não adiantaria, direi só: — que não escrevi *tanto* descoordenado, mas é uma opinião, que mantenho, não é para aqui demonstrá-la e admito seja incorrecta; — admito que fosse publicado em Agosto e não em Setembro; — folgo por que tenha já 2.ª edição e ainda, por ser apreciado por catedráticos; — informo que o artigo foi breve, mas suficientemente compulsado o livro (até indiquei as páginas); — reparo que fiz justiça ao dizer estar «bem (a) nascente do rio Neiva»; — suponho que era difícil dizer mais com menos palavras; — acho que os Autores me deviam agradecer por dele ter falado e não vejo tal.

(Continua na 4.ª página)

NOVO LIVRO SOBRE BARCELOS

O Dr. Matos da Costa, fez-me chegar às mãos o livro *ARTES E TRADIÇÕES DE BARCELOS*, editado (feito) em Lisboa já em 79. Parabéns à Escola Preparatória de Barcelos a cujos professores se deve a recolha dos materiais. *Barre. 28. I. 39*
FREGUESIAS ESTUDADAS: *Baixões* a arte de Assunção Pereira de Sousa, gamelas página 29; *Lijó*—Francisco Brochado e os requereques—35; *Alvelos*—o Cartola faz cabeçudos (amazonas)—45; *Fragoso*—o Bico toca gaita escocesa; *Galegos*—os Baracás e o Coto fazem bonecos e assobios; *Varzea*—as caroças da Ti Laurinda (67);

Qoins—D. Natividade Machado e seus tapetes de penas (se as lisboetas sabem, não terá mãos a medir)—83; *Greixomil*—Reis, tamancos (ver móveis de madeira—109 e 117); *Carreira (S. Miguel)*—bordados; *Galegos (S. Martinho—não Barcelos)*—Eduardo Sousa, alcunha, o Caniça—brinquedos em barro—133.
No fim há um razoável mapa do concelho de Barcelos. O livro é uma espécie de caderno, com o n.º 1. Oxalá vinhão mais e se corrijam alguns erros que este apresenta. A bibliografia que serviu de base é curta por incúria dos autores pois havia muita mais.

Continua Francisco de Almeida

CARTA AO DIRECTOR

Continuação da página 1)

Mais: sustentos que não sei o fito dos Autores (e não vou inventar aqui) e que me pareceu deslocado (outra opinião!) ali o tal estudo, que não disse bom nem mau, sobre direito. Eu esperava coisa bem diferente, mas pelos visto o erro é meu.

No que toca às qualificações dadas ao Apontamento de serem «apreciações ligeiras e impensadas» e conter «acusação vaga, contradictória e inconsistente», devolvo tudo ao meu amigo Dr. Paulo nesta volta do correio. E não precisa de ficar «grato» por quanto disse o que me pareceu verdade e os Autores não gostaram nada de a ouvir. É tudo.

Francisco de Almeida

Em torno da nova guerra no Vietname

■ por Francisco de Almeida

C. Sar. 9/3/79

10 Artigo

ANTES de mais, uns avisos: — 1.º ficámos a saber pelo «Cardeal Saraiva» de 16/2/79 que colaboram aqui homens do P.C. e do C.D.S. e do P.S.D. e do P.S. E verdade ou são meros rótulos? — 2.º escrevo para as gentes das aldeias, a maioria, que não para catedráticos e pretendo uma linguagem terra-a-terra. — 3.º se é certo que ninguém pode esquecer as suas necessidades do dia a dia, também é certo que nas actuais condições da nossa vida, o mundo é cada vez mais pequeno e por isso não podemos alhear-nos dos grandes problemas que se levantam neste nosso tempo. E tão graves que pode ser que daqui a dias tenhamos aí à bulha o Vietname, a China, a Rússia e outros numa fogueira imensa. Oxalá não.

II

O que é o Vietname, sabem? Dir-lhes-ei só que fica para os lados do nascer do Sol e tão longe que quando em Portugal é meio dia, lá já é sol posto e à nossa meia noite já eles começaram novo dia. Quem em Poate se voltar para Poente vê as terras a subir encosta acima. E assim que vê o Vietname quem estiver num barco no Mar da China que rodeia aquela terra, Mar da China porque a China fica pegada ao Vietname como o Laos e o Cambodja.

Fiz esta descrição para os que não saíram grande Geografia. Reparem que os Portugueses antigos foram os primeiros europeus a chegar às terras do Vietname, China e Japão, se tirarmos o italiano, famoso, Marco Paulo (ou Polo) que por lá já viajou nos anos 1200. Eramos então um povo de gente corajosa que se aventurava em quantas terras havia no Mundo. E foi por isso que o Padre João Lucena ao contar a vida de S. Francisco Xavier em

1600, se viu na necessidade de descrever as terras da Índia e arredores desta forma que resumo aqui: ilha de Socotra (no Corno de África), Golfo da Pérsia e Arábia, Ormuz, Goa, Cabo Comorim (sul da Índia), Golfo de Bengala (agora Bangla-Desh), ponta de Singapura onde fica a cidade de Malaca. Ora Malaca é já perto do Vietname.

Há livros das viagens por estes mares do Oriente dos quais o mais famoso é um chamado *Peregrinação* que relata coisas incríveis sucedidas ao português Fernão Mendes Pinto (morreu cá em 1583). E também um Castanhedo e um Gaspar Correia relataram curiosidades destas terras, isto sem falar já dos que contaram naufrágios que tivemos com navios nossos. Por exemplo: Galeão S. João em 1552, Nau São Bento em 54 etc. Hoje a T.V. facilita ver essas terras imediatamente. Quando deixam filmar. Já viram filmes do Irão, mas da guerra no Vietname, não: não são nada tarecos.

III

Até há poucos anos o Vietname não tinha importância nenhuma. Assim é que uma Geografia do 5.º ano dos Liceus publicada em 60 (há 19 anos) só dizia: Indochina (terra banhada ao Sul pelo Mar da Índia e a Nascente pelo da China): Birmania, Malásia, Sião, Vietname

(Continua na 4.ª página)

Em torno da guerra no Vietname

(2)

■ por Francisco de Almeida

AINDA há dias um jornal de Lisboa — só um — se atirava ao Governo por lhe ter parecido que este não atacou a China como invasora do Vietname. E uma querela em que uns se hão de pôr, justa ou injustamente como sempre, ao lado da China e outros ao lado do Vietname, via URSS. Quem sabe o que objectivamente lá se passa? Quem é que tem razão? Dar-se-á o caso de

Em torno da nova guerra

no Vietname

10-8

(Continuação da 1.ª Página)

do Norte, Vietname do Sul, Cambodja e Laos. C. S. 9/3/79

E do Vietname do Norte. De influência chinesa e russa, ocupa a bacia de Tonquim e tem por capital Hanoi. E do V. do Sul: com capital em Saigão, porto exportador de arroz. E mais nada.

Sabido é que estes dois estados foram reunificados sob regime comunista e deram um país importante: 4 vezes superior a Portugal tanto em território como população, mas na China há 20 pessoas para cada vietnamita. Como opor um tampão às tropas da China?

Fica para a próxima

agora o Vietname (a ser) engolido pelo dragão chinês?

Se sim, os pequenos povos podem ir pondo as barbas de molho porque também a Polónia e outros a seguir à guerra de 45 foram papaços. E o certo é que ou a Rússia dá cabo da China agora ou amanhã pode ser tarde: viria a China dominar a URSS o que não seria já a 1.ª vez. Tudo é possível, é o perigo amarelo (dos quase 900 milhões de chins, pequeninos, olho de amêijoas e nada parvos).

No apontamento anterior falei dos muitos portugueses dos anos 1500 que andaram pelos mares da China (que são os do Vietname também). Refere Mendes Pinto, o missionário S. Francisco Xavier cujo corpo se conserva intacto em Goa, etc. Podemos bem dizer que aos portugueses antigos muito devem Cristo e a Santa Sé. Eu expliquei: quem senão os portugueses fizera o Brasil ser cristão? Quem senão nós cristianizou os povos de Amboino ali perto do Vietname, que preferiram deixar-se matar a renegar o Cristo a que tinham dado o coração?

Ainda há 15 anos se publicou o livro de um português que missionou na China. Título: *Condenado à Morte*, porque quase por acaso é

que o padre Joaquim Guerra não morreu a tiro pelos comunistas chineses. Lido esse livro e comparado com os elogios ao derrubado Mao, com o título *Formigas Azuis*, ficamos passados de como é possível a um mortal ler só com um olho, só o que lhe convém, só um dos lados da verdade. Fica o caso para outro dia. Foram imensos os portugueses que na China e Vietname foram bispos, comerciantes, etc. Um português houve que foi mandado pelos anos 1550 como enbaixador à China. Não voltou porque foi preso e por isso lá casou e teve filhos. Anos depois passaram lá uns naufragados portugueses e acharam que era só o que em Portugal eram cristãos. E para provar que eram cristãos, disse o Padre Nossa que era só o que em Portugal sabia e contou sua história:

Nasceu do casamento desse embaixador de Portugal com uma chinesa; dele aprendeu a respeitar Portugal e a doutrina que Cristo ensinou. O pai morreu já, mas ela e a família eram uma célula de cristãos naquela terra e tal como o pai fazia

em vida, continuavam a ensinar a doutrina a quantos a quisessem aprender. De ir ensinar Cristo às gentes é que não consta de um Frei Francisco de S. Luís nem de outros.

(CONTINUA)

Considerações diversas

o 28/9/29

■ por Francisco de Almeida

QUEM tiver pequena ideia que seja do que é a vida nas aldeias não estranhará que eu acuse os jornais de trazerem imensa matéria alienante: porque falam de ideias abstractas em vez de falar das coisas do dia-a-dia; falam de carapuças mas deixam as crianças andar descalças e rotas, senão nuas e sujas; falam para os catedráticos de café da vila que não da pequena medicina que interessa às nossas gentes saber; são contra a emigração mas repimpam-se eles nos melhores lugares do Estado ou da Câmara e os outros que emigrem que quando vierem por-lhes-emos festa. Ora tudo isto é ideologia barata que não resiste ao desemprego que arruina os lares nem resiste às faltas de casas decentes nem resolve as faltas de escolas a preparar os que sobem a ladeira da vida. E lá diziam os Romanos: primeiro, viver, depois filosofar.

II

A nenhum homem é lícito fechar os olhos para não ver o que se mete pelos olhos dentro. E' execrável e indigno ver as coisas só por um lado que isso é ser deliberadamente injusto ou parcial.

o 28/9/29

Até o lavrador com queixa do boi amarelo, porque «escorna» e dá couces, lhe sabe louvar a destreza, a altivez e a força — e ele é rústico e o louvado é boi. Quantos mais intoleráveis são os que no próximo só vêm fascistas ou só esquerdistas em vez de os ver também com algumas qualidades boas que não há quem não tenha! Senhores, o mundo não é feito de extremos: em vez da terradeira de sol ou da geleira do inverno, temos a Primavera e o Outono. E' ler a Natureza como já Séneca ensinava. Vejo todavia que o saber anda de rastos e o que se escreve vem nos discos! Que grandes papagaios somos! Ora Ponte nem terra nenhuma progrediu com papagaios.

pital. Além disso facilitam a vida a muitos jovens casais que pretendem casar sem terem casa nem meios para a fazer ou adquirir.

Infelizmente um dos negativos do Algarve é a droga: ela entrará de contrabando por barcos que por cá acostam e daí que bastantes jo-

CARTA DE LAGOS

Aqui é o Al-Garbo, nome dado à terra pelos Mouros e significa o Ocidente. De facto assim é para quem, como eles, tinham a capital de governo no sul da Espanha, em Granada. De Lagos a Lisboa gasta o comboio directo seis horas e não são mais de 270 quilómetros por estrada e por estas, vindo-se por Faro, não há grandes curvas, mas elas já aparecem aos que de Lisboa se destinem a Vila Real ou a Lagos — atravessa-se a serra de Caldeirão que separa o Alentejo do Algarve fazendo deste um país diferente do Alentejo: menos calor, mais água nas terras, e já verduras e pormares, um pouco como no Minho.

Até a música popular dá conta dessa mudança: em vez das pachorrentas toadas alentejanas, surgem os alegres e rápidos corridinhos do Algarve.

o 28/9/29
Bastantes possibilidades tem aqui os agrícolas e contudo eles têm vindo a arrancar as figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras que salvam o lavrador. Como em toda a parte, os rapazes fogem do cam-

po — que não compensa as estafas que dá. E porque o algarvio é tão senhor do seu nariz como o minhoto, segue-se que não há hipótese de dois se juntarem para poderem comprar um tractor. Ora a agricultura sem máquinas não tem futuro.

Mais: se não se unirem a bem, alguém se encarregará de os unir à força.

De estranhar é que em Lagos existam uns poucos de prédios quase abandonados, velhos e grandes, que desfeiam as novas construções, todas brancas e cheias de luz. Como em Lisboa os senhorios estão a vender aos inquilinos ou rendeiros os prédios porque nem podem aumentar as rendas nem o que recebem — às vezes 200\$00 por mês — basta para mandar sequer cair o edifício. Males que vêm, por bem já que ainda há pouco se vendeu em Lisboa um andar desses por 180 contos apenas e valeria 1.800 se não tivesse inquilinos.

A propósito diria aos nossos leitores que em vez de prédios de luxo na aldeia comprem andares nas cidades que no futuro lhes garantam uma renda e valorizem o ca-

vens do Porto para cá venham, eles e elas, à deriva, por temporadas de três meses, mesmo sem dinheiro. De que vivem então eles e ainda os estrangeiros, muitos de pé descalço, que passam as nossas fronteiras? Uma médica que conheço e por cá trabalha sabe que até ao hospital recorrem para obterem medicamentos que possam transformar, e transformam, em drogantes. Há tempos foi a filha de um dos nossos militares mais categorizados. E pobres dos pais de quem os filhos se viciaram na droga porque quase nada se pode fazer por eles: morrem pela certa — antes do tempo. Acautelem-se porque alguns médicos afirmam que na região de Barcelos se consome muita droga, além de estarem a surgir outros víscos destruidores, por enquanto encobertos. Decerto que as farmácias hão-de ter clientes e os de casa hão-de ser os últimos a saber que nela há maçãs podres.

Francisco de Almeida

Por terras de cismáti cos

ERMIDAS DO CONCELHO DE BARCELOS

Barc. 29.9.29

Dos variados temas estudados para cada freguesia pelo Dr. Teotónio da Fonseca em O Concelho de Barcelos, um de muito mérito é o das devoções com capela própria, fora das de cada igreja paroquial. Alistei essas capelas das nossas 89 freguesias, o que me sugeriu este apontamento. Tais devoções abarcam uns 71 títulos, não contando com aquelas que já em 1929 ou 1937, os 8 anos que o Autor levou a escrever a obra citada, tinham as capelas arruinadas, abandonadas ou profanadas. E também possível que desde então alguma capela desaparecesse.

Curiosa a distribuição em 71 títulos: 32 referem-se à Mãe de Deus, a saber: Senhora da Purificação, da Salvação, dos Aflitos, da Guia, da Boa Morte, do Socorro, do Leite, da Conceição (a mais

POR

Dr. Francisco de Almeida

Barc. 29/9/29
frequente), da Agonia, etc.. Numa, venera-se um anjo: S. Miguel; numa outra (uma só), o Espírito Santo; uma do Coração de Jesus, devocao recente; noutra (uma só), o Bom Jesus; há uma (só uma) da Sagrada Família (Jesus, Maria e José). E dos santos temos 18 capelas de santos-homens e 11 de santos-mulheres.

Tais santos são Amaro, Lourenço, Sebastião, António, Antão, João, Bento, Frutuoso, Francisco de Assis, Tiago, etc. E elas: Santa Comba, Apolónia, Luzia, Teresinha, Catarina, Ana, Margarida e outras.

(Continua na página 4)

Ermidas do Con

Continuação

Barc.
Tenho reparado que muitas vezes já vimos certas coisas, por exemplo, uma capela sem ficar com mais que vaga ideia. Explico:

se perguntarem a qualquer pessoa da minha terra quais as imagens que na igreja há, é certo que lhes não saberão responder, caso para perguntar de que servem então estarem ali as imagens, quadros, pinturas, etc.. E a falha não será apenas dos paroquianos.

Ora o que vemos no Dr. Teotónio é que grande parte dessas capelas da nossa Terra não brotaram da devoção da população mas antes da deste ou daquele morador desejoso de ter em sua mão um chão benzido que lhe recebesse os ossos. É o caso da Senhora do Leite, na freguesia da Lama, e isto porque, a certa altura, deixou de lhes ser acessível ter sepultura na igreja paroquial como na Matriz de Barcelos as conseguiram Pinheiros e Barbosas.

Por isso mesmo, muitas são as capelas paupérrimas, anexas a esta ou àquela casa, nobre ou plebeia, mas sempre abastada.

Não raras são capelas com brasão de armas, coisa que deixou de ter qualquer valor, após a revolução de 1910.

Parece que já é tempo de essas

celho de Barcelos

da 1.ª página

29/9/29
casas cederem a capela e o competente logradouro às populações das freguesias por serem a únicas entidades capazes de velar pela conservação desses monumentos paroquiais. E a não ser assim, vão ser estupidamente aplicadas em habitações, senão pior, como já no seu tempo viu o Dr. Teotónio fazer, parece que sem oposição dos paroquianos.

Isto precisava de ser continuado mas a vossa paciência eu sei, tem limites.

Voltaremos ao assunto.

Vivemos uma época de internacionais: no cinema, na literatura, na notícia, no futebol, nas viagens. Bem podíamos ter carros russos, se bons e baratos.

Mas nem sempre estamos atentos a esta nova dimensão da nossa vida. E também não é muitas vezes que o jornal nos fala do viver de outras gentes. É preciso dar maior importância ao que vai lá fora. Vejamos algumas terras. Barc. 6/1/29

ALBÂNIA — País pequenissimo, ali a nascente da Itália, antiga Ilíria, uns 25% do nosso território, 1/4 da nossa gente, sendo uns 120 mil católicos, mesmo número de cismáticos e o resto, maometanos. O governo é comunista. Há pouco fuzilaram um padre por ter baptizado. Mudou a constituição para ter socialismo a sério: ateia, no que será a primeira do Mundo. Aquilo promete!

GRÉCIA — O facto de ter sido tantos anos feudo dos Turcos não a arabisou. Antigamente foi de gente muito culta — a mãe de muito na cultura portuguesa: Filosofia, Artes e Letras. É ver qualquer história da Civilização. Quase todos são ortodoxos, cismáticos, com instituições semelhantes às nossas: bispos, patriarcado, paróquias. A ortodoxia é a religião aprovada e privilegiada pelo Estado. As igrejas são no geral pequenas e redondas. Há um bombo que separa o sacerdote do povo. O altar-mor chama-se «trono». Em certas passagens o povo não vê o sacerdote porque o biombo foi corrido. Não há uniformidade de cerimónias como cá. Lá, cada terra tem seu uso, mas usos de muitos séculos. A missa tem duas comunhões: uma de hóstia e cálice, outra de simples benzido.

ROMÉNIA — A língua é como a nossa derivada do Latim popular. Terras de planuras e pescadores (Mar Negro). São quase o dobro de nós. Governo comunista. Como na Rússia, Hungria e outros onde havia cismáticos, a ortodoxa era a religião nacional e portanto autónoma e estadual. Como os comunistas são ateus, a solução foi declarar a separação e domínio das instituições de culto. Não será domínio mais leve que o do Papa, mas enquanto existir quem acredite em Deus, é assim.

POLÓNIA — É uma antiga nação, muito fiel ao Papa, sempre. Alguns cismáticos (influência da Rússia, vizinha, que já a fez retalhar mais de uma vez). O Governo, comunista, volta agora a preocupar-se porque aquele povo não passa a ateu. Falso problema, mas os homens lutam por suas doutrinas.

RÚSSIA — Ensinada religiosamente pelos gregos, é como eles

O Senhor Benigno da Cruz e o Cardeal Saraiva

Num dos últimos números do jornal de Ponte de Lima que dá por Cardeal Saraiva deu-se notícia da homenagem prestada naquela Vila ao referido purpurado. Mas não sei porquê, bem resumida, também por isso anotei a diferença, extensiva, com que Benigno Cruz dá a mesma notícia em «O Cávado» de 12/5 nos Ecos de Uma homenagem. Em resumo, sustenta que «Foram relevantes as iniciativas que desenvolveu... serviu o País... deu-se à Igreja Católica... seu feitio francamente liberal e o seu ingresso na Maçonaria... personagem polemica... pela simples circunstância de ter sido Frade e Mação».

Ora tão rotundas afirmações

pareceram-me menos seguras. E é por isso que escrevo estas linhas. Não duvido de que precisamos de valorar os nossos muitos esquecidos valores. Mas ao Saraiva suponho que é melhor deixá-lo em paz. *CV. 516180*

Com efeito: quem não sabe que esse homem estudou à custa do povo — viveu nos mosteiros de Carvoeiro e Tibães — povo que depois veio a prejudicar tanto como os nacionalizadores de Abril de 74? Onde é que já se demonstrou, todavia, que ele foi pedreiro-livre ou mação? Só porque um ou outro livro o afirma? Mas se for, ele traiu exactamente a Igreja que Benigno refere porque antes de ele viver já a Maçonaria tinha sido

condenada por alguns Papas: ela era então bem pior que o Comunismo de hoje. E eu devo achar correcto que um comunista de hoje aceite ser nomeado bispo e até patriarca? A hipocrisia tem limites, embora veja bispos romenos ser acusados de comunistas (decerto bispos cismáticos, ortodoxos), Deuses à Igreja ou à Maçonaria? Ou deu as igrejas de Coimbra e Lisboa, de que foi bispo desde 1822 a 24 (só 2 anos — depois adoeceu...) e de 1840 a 45 — praticamente ainda em tempo de cisma — à Maçonaria? E merece louvores?

Afora algumas obras que escreveu — cujo valor quase ninguém

(Continua na 3.ª pág.)

O Senhor Benigno da Cruz e o Cardeal Saraiva

(Continuação da 1.ª pág.)

sabe — que nos deixou o monge Saraiva? Sintomático que dele ninguém fale nos tempos de agora salvo um Oliveira Ramos, um Flauzino Torres e assim das bandas

CV. 5.687
do dr. Cunhal. A ter sido maçon, o nosso limiano era capaz de criar cá uma Igreja viva como um russo do tempo de Lenine fez ou um Cramer no tempo de Henrique VIII. Ou será que o Saraiva jogava tão secreto que até a Santa Sé enganou? Então... estranho modo de se dar à Santa Sé, bem diferente da daquele monge inglês, dito em The Carthusian Martyrs que preferiu ser arrastado por um cavalo durante quilómetros e no fim ter o coração arrancado ao vivo, a cabeça decepada e o corpo esquartejado em 4 pedaços a separar-se da Igreja Católica, isto já em 1535. Talvez porque o nosso Saraiva não leu este relato de Dom Chauncy, mas leu — está provado — quantos Voltaires houve no seu tempo.

Enfim, estão de parabéns os progressistas: isto há-de ir sempre

de mal a pior. Que teoria virá ubs-
tituir a do marxismo-leninism , a
moçanoria de há 150 anos?

A. C. TORRES

v. Lírea - A. 82

A. 1.1.82

A Polónia e a filosofia Política

A. 1.1.82

Define-se a ela própria, desde o fim da segunda guerra como República Popular, querendo dizer: onde "o povo é quem mais ordena" (como canta a Grândola Vila Triqueira). Mais ordena a quem? Ao resto da população, a qual ordena, manda, o menos, quer dizer, fica sob a ditadura, tiranía, arbitrio, do proletariado.

E quando o Popular se revolta, como agora?" quem mais ordena" é então aquele a quem Lenine, o mestre desta desgraca toda, chamou "bando armado", seja, o exército, a tropa. É sabido.

Evidente é que para os de Grândola o "povo" é só aquela gente esclarecida, que optou pelo Marxismo-Leninismo. É uma minoria, o menos, a montar-se no mais: 10 a 20% a mandar m 90 ou 80%. Como assim? Mas isso é facto como todos sabem. De resto, os Polacos que têm a cercá-los os Russos, os Checos, a Alemanha Comunista, só podem libertar-se atorando-se ao mar do Norte, o Báltico e afogando-se nele. Nestas condições, queira ou não, tem de estar quieta e comer socialismo a todas sa refeições: nem pode fugir nem comer outros artigos.

Que querem os 80 ou 90% dos Polacos? Referindo para saber se devem ser os do P.C. a governá-los? mas os comunistas não podem acei-

tar essa aposta: sabem-na perdida. Não jogam. Não vão deixar referendar. Querem a auto-gestão nas empresas? De facto a Jugoslávia aceitou isso, o que lhe ia custando os olhos da cara e a invasão pelos soviéticos — que a seguir à Polónia talvez se virem para a Jugoslávia. Nem na Jugoslávia há a unidade nacional que a Polónia tem. Na Jugoslávia equilibram-se mal as nacionalidades croata, Bósnica, Montenegrina, Macedónica, Eslovénica, Sérvia e ainda a Albanesa — que se debatem entre si como é costume entre pobres e ricos, grandes e pequenos, católicos e ortodoxos e maometanos. Ora os Polacos declararam-se 93,5% Católicos! (mais que os Portugueses).

É de grandeza razoável: 35.000.000 de pessoas (a França 53-54, a Jugoslávia 21 - a Itália 56 - a Inglaterra 56 - a Rússia 260 - Checos 15 e Alemanha do Leste 17). Neste contexto: a teoria da não intervenção é um mito e os vizinhos coro — e além disso, os Russos proclamam a "soberania limitada" dos outros (não dela). Resultado: a Polónia e outros são Colónias da URSS — e mais nada. Estes os factos. E já aqui referi que todos os de leste têm centrais atómicas, menos um — a Polónia, agora já vêm por-

Polaca. Mas não são os russos a clamar contra os colonizadores? Pois é: antes do 25 de Abril, eles diziam dos Portugueses, para a propaganda, que éramos colonialistas e para si próprios, que éramos atilados; e depois do 25 de Abril: os Portugueses são democratas e de si para consigo: — lixaram-se!

Quem se der ao trabalho de ler uma história universal, há-de reparar que os Gregos tiveram governantes (antes de Cristo) a que chamaram Tiranos, a que agora

Segue na pág. 2

A Polónia e a filosofia

Vem da pág. 1

A. 1.1.82

chamariam ditadores. E disseram que eram ladrões do poder, assaltantes, usurpadores. E ensinaram a História e a Etnologia que não é possível uma etnia ou nação existir sem ser com uma chefia.. Senão, quem castiga os ladrões? quem resolve os conflitos sobre um terreno, um casamento, os filhos, uma guerra de defesa, e assim? "Haja quem nos governe"! Significa que uma chefia suprema é tão necessária à população como a água, a comida, os casamentos, os tribunais, a polícia e por aí fora: a auto-

ridade civil ou poder político é uma exigência natural, vital, uma necessidade absoluta, sem a qual, nada.

E dizem, daí, os filósofos: logo ela vem tanto de Deus como os homens e as mulheres. Logo o poder é divino (quase como disse Paulo: todo o poder desce de Deus). O problema é este: como legitimar o poder do Juiz de meter seu irmão na cadeia ou mandá-lo fuzilar? Como legitimar o poder dos deputados de me tirarem a casa, a terra, os filhos e a vida? ou tudo isso é anti-natural e logo, ilegítimo? Porquê?

Entre os Cabindas, quem roubar, se não paga com fortes juros e

xam e por isso só há 18, mas cada uma tem 3 bispos como Lisboa tem. Só em 78 a Polónia mandou (ide) mais de 100 missionários: para o Brasil, Angola, Bornéu, etc.

A Praia da Rocha, que fica nos arredores de Portimão, está neste Setembro menos cheia que noutrous anos: falta bastante o turista estrangeiro, escaldado decerto das manhas que o corrupto português lhe têm pregado. Em Montechoro viu-se nada menos que o estrangeiro pagar o que ele e um português compraram: Assim: Zé português comprou bugiganga de 40\$00, que pagou ali à boca da registadora. A seguir foi o inglês pagar. E a mulher, já bem madura, registou os preços do estrangeiro e mais os 40\$00 do português. Não roubou muito! Só 40 patacas. Esta não leu nas Escrituras as ameaças de Deus contra esses que defraudam os pobres, os sem pai que por eles rache lenha, aquelas que ficaram sem o seu homem e ainda os estrangeiros a quem os câmbios atrafalham as contas. Ora bem e fiquem-se nesta: a cidade a quem o respeito a Deus não protege não tem polícia que a defenda.

AS PEITO NU

18.6.X.83

Da Rocha até à Torralta são várias as praias e praiinhas em que as macetonas andaram de seios ao sol. Não coram nem ninguém lhes diz nada. As portuguesinhas já vão copiando, que nem o pai nem o marido conseguem fazê-las obedecer. Elas viram o Malu Mulher e

ficaram vacinadas contra tudo quanto seja machismo. Porque a galinha é igual ao galo, a fêmea, da mesma «natura» que o macho, logo, tudo igual, tudo unisexo — e não me venham com essa de a SIDA (que bicha!) andar na ceifa de unisexos. Bom! Lá para 84 hão-de ver-se nas praias 25% de adultas «peitos nus» para tostarem bem tostinho, que assim manda a moda. Essa é que é essa. Seria curioso ouvir delas as razões para tanta propaganda, pois achou-se que a algumas o nu as desfeia. Algumas são marginais, assim baptizadas por um comerciante de Monchique: que vem essa estranha por aí abaixo, anicha-se nas casas abandonadas das quintas, mantendo-se de quanto pilha em redor. Lá como cá a vida é cara; pior para os que engoliram garfos.

BARCELLOS

Não tarda que o velho burgo esteja rodeado de prédios modernos, Falta uma estrada desde Abade do Neiva ao Cavadão a poente da cidade. Mas a ponte!... Não me digam que agora os vossos políticos não estão no Governo. E fazem-se pontes por toda a banda, menos em Barcelos. Em abono da verdade, não quero regatear louvores pela

teitura da ponte entre Areias e a Pousa que me permitiu este Agosto atravessar; a vez 1.ª, as terras de Martim, freguesia que qualquer dia faz referendo para saber se há-de passar-se para Braga (que dela cuidará) ou se há-de continuar barcelense. Com isto, ficam a saber que se deve lutar contra uns quantos más línguas que só abrem a boca para dizer mal, para reclamar de tudo, para «exigir tudo! O resultado está à vista — tudo se corrompe, tudo se «merca», e nem os juízes de Barcelos se livram de mimos no jornal, com o que regressámos ao panorama social que era corrente nos anos de 1860. Mas não é verdade que Portugal está a viver e a dar

os mesmíssimos passos que seus pais deram de 1910 a 26. Senão leia a História do Prof. Oliveira Marques, II, pág. 260, por exemplo, sem esquecer o ódio desse aluno de Marx por tudo quanto é cristão: Este é um dos que em seu coração decidiu: — não há Deus! e a que o poeta do Salmo 13 chamou nada menos que insensatos.

Ouviram que o Papa disse que o ano de 1983 se deve considerar como aniversário do nascimento da Mãe de Deus? O grupo dos 33, de Galegos, fez festa. Com foguetes e tudo. Ajudaram à festa os bondosos Padres do Espírito Santo que facultaram a bela mata na Silva.

FRANCISCO DE ALMEIDA

CA RTA DE LISBOA

(Continuação do último número)

C) — Ora o livro do Padre Pio é também uma homenagem aos nossos Capuchinhos (os de Barcelos), pois o autor, italiano como Padre Pio, informa que ele capuz foi. Do que folheei, aí vai: o autor, A. del Fante, diz que foi da Maçonaria e foi dela salvo pelo dito frade; o livrinho traz este anúncio: não se vende, só se dá; é editado no Sameiro, à custa de uma tal Fraternidade de Cristo. Jovem, que desconheço;

E) — Vai-se-me o papel e quase monopolizo o jornal. Só mais esta: os de Tamel, Santa Leocádia (ver Barcelense de 21-1-84) que relatam aqui que pedras dos anos 1.000 é que lá acharam. E que o Tombo de Galegos, relacio na casais na vossa freguesia.

03/3/84

Pio tinha, além de outros, estes dons: cheirar bem que nem rosas, de converter até maçons e comunistas, de estar em Roma e a 1000 quilómetros de Roma ao mesmo tempo, etc., etc.: 107 páginas de notícias e muitos bonecos (fotos).

D) — Mas então, tal como o sr. del Fante, os maçons são tão ateuzitos que escrevem artigos fúribundos em jornais — contra os frades — só porque não podem com nada de sagrado! Aqui faz-me lembrar o que escreveu o nosso

E) — por isso que nenhum deles tem filiados seus também adeptos da seita?

Uma proposta ao Rotary: ex-pulse todos os seus que forem também maçons e diga-me com que saldo fica — isso querem os leitores saber.

escritor, Agostinho de Campos, em 1921, no II volume da sua Antologia Portuguesa, na pg. LXIII da Vida de São Francisco Xavier, dizendo: «insisto em supor que a sociedade tem o direito, não de perseguir violentamente (e afinal, sempre invulgarmente) as escolas dos Jesuítas, mas...». Cuido que Campos era outro maçon, mas já desiludido de perseguir os frades — afinal, confessa, isso é inútil. E nisso, louvo-o por inteligente.

Continua na página 4

Que interesse tem isto? É que há dias, num jornal de Barcelos, dizia-se que o Rotary não é nada maçon, como se andava dizendo. E eu reparei que, no Cavadão (Braga), de 26-1-84, pg. 5, um Sr. Bengno da Cauz se esforçou por demonstrar isso mesmo: o Rotary não é maçon (artigo: Maçonaria e o Rotary). Só falta agora que o Papa venha dizer que a Igreja não é maçona. Mas se o disser, isso não prova que filhos dele não sejam, alguns, bem afeitados à seita. Ou não é verdade?

O P.S.D. não é maçon. Nem o P.C. P.S. Nem o P.C.

03/3/84

(Continuação da 1.ª página)

Algumas notas sobre o tema-- Religiosas

(Continuação do número anterior)

927

C. Sar 6 24/2/84

Já disse que não sei nem pude ir ver quantas são as freguesias limianas, mas pelo Cardeal de 28-1-83, vi que os maiores de 18 anos (eleições) eram pelo menos 964 em Forneiros, 909 em Freixo (que já tem sua Monografia), 409 em Friastelas, 246 em Gaifar, 802 em Gandra, 396 na Gemieira, 387 em Gondufe, 428 em La-bruja, 212 em Mato, 731 em M. do Lima, 559 em Poiares, e 1859 na Vila. Quer dizer: centros bem pouco povoados, face às freguesias de Barcelos, Braga ou Famalicão. Dizem os psicólogos da religiosidade que só 5% do povo dá em artistas, escritores ou religiosos (sacerdotes ou freiras). Ora metade dos atrás indicados (mais ou menos), são mulheres, seja, umas 3150 mulheres em 12 povoações. Delas, entre artistas, religiosas, etc., deviam sair umas 160 pessoas. Pergunto: nessas 12 povoações haverá sequer 80 religiosas? É que Alheira terá seus 1500 habitantes — umas 750 mulheres — e deu 24 religiosas ou seja 1 freira por cada 30 mulheres de Alheira. Ora sabendo eu que há freguesias barcelenses sem uma freira sequer, como per-

ceber que lá em Alheira nascessem 24 durante os 30 anos em que o abade Lima — que agora tem lá estátua — a paroquiou? Há mais: na minha Galegos, enquanto a paroquiou o abade X, professaram umas 10 ou 12 moças. Mas no tempo de outros párocos, nenhuma. De onde provém tal diferença?

7

Pus-me a ver uma história das civilizações e verifiquei isto: entre os Romanos do tempo anterior a Cristo já havia religiosas, de instituição oficial, pública, a que chamavam *vestais*. Não o eram por toda a vida e às que se portassem bem davam muitas prendas. Entre os Indianos, tanto do culto hindú como do culto bu-

nor Francisco de Almeida dista (não cristãos) há religiosas, semelhantes às católicas, e desde há mais de 2400 anos. Mas nem entre os antigos Germanos, nem nos Persas nem Gregos nem Egípcios nem os Negros nem os Índios das Américas, nos Mongóis ou nos chineses, havia raparigas que renunciasssem ao casamento por motivo de melhor venerar a Deus. Porquê esta diferença entre Romanos e Indianos pa-

ra um lado e os restantes para outro? É que nem sequer os religiosíssimos judeus as tiveram.

C. S. - 8 24. 2. 84

Por outro lado, vejo uma história de Cristianismo, ao falar da Vida íntima dos Cristãos dos anos 100 e 200, falar assim: «Não obstante o grande apreço em que se tinha o Matrimónio e a vida familiar, havia maior estima ainda pelo estado de Virgindade — e isso não pelo desejo de se safar dos encargos familiares, com o acontecia com os pagãos de Roma que nem casar queriam, mas por causa do ideal de servir unicamente a Cristo». Quer dizer: já então as palavras e garantias de Cristo eram razão suficiente para que alguns eles e algumas elas deixassem o namoro, o casamento e os filhos que poderiam ter e sem obrigação de fazer nada disso, optavam por ficar sem nada, em celibato total, por amor e dedicação só ao Cristo, a Deus. Evidente é que para se optar, é preciso conhecer 2 caminhos. As nossas jovens raparigas conhecem outro caminho que não esse que vêm, na rua e na televisão, que é o de enriquecer depressa e o mais possível e preparar tudo para a todo o custo se casarem, mesmo roubando o marido a outra? Porque ela quer também ter o seu homem.

Ao que vejo dar-se em Alheira e Galegos, mas só com certos párocos, que não com todos, concluo que há falta de quem

248

lhes proponha esse outro ideal religiosa. E tanto que os pobres os doentes e outros aqui e no 3.º Mundo, precisam de-las».

9

Lá em Galegos, ao até se deu esta: a moça seu namorado. A cerfoga de casa e faz-se Manda uma carta a outra ao namorado, a todos desculpa. Toc furiosos, mas ela não. O namorado escolheu o pai, que tinha seus e no fim ficou «empreteve filha freira a dar assistência que as outras casadas, não podiam». Era o Zé do Pindor e dono de moinho, foi o voto (promessa que a filha, Céu fez vontade do pai, que caminho para ele p acarinhado como todos).

Aqui, outra vez, escrever direito cortadas.

7

UMA CARTA A D. JOAQUINA

— P O R —

Dr. Francisco de Almeida

Braga 20/10/84

Agora como ontem, alguns querem servir-se das massas (gente) para subir ao poleiro e vai daí até inventaram uma Teologia nova — a da Libertaçāo. Como só agora, quando já nem há colónias? O certo é que já em 1490 um frei Savonarola exigia do púlpito ao governador, Médicis, que libertasse os florentinos da ditadura. Para mais valer, inventou profecias. Teve azar porque, por abuso, o queimaram vivo. E a verdade é que frei Savonarola

Minha boa e prezada amiga, decerto já reparou — e lamenta — o facto insólito de os nossos melhores jornais só serem, ou podem ser, assinados por uns quantos «literatistas» de Barcelos e das freguesias. Nestas, então, as boas gentes ainda não lêem jornais. Bem podiam as Juntas de Freguesia ou as Paróquias assinar um que fosse. Mas como custa dinheiro... remedeia-se. Viu por acaso aquela notícia saborosa que da Lama mandaram, falando das vindimas? Aí tem: os velhos vindimam e os jovens vagueiam pelo café — à proletário. Não que eu conteste muito, porque os tempos mudam e os rapazes tem suas razões para cortar com hábitos de ontem. Mas cortaram tanto que razão tinha o Padre Abel, ao falar, como falou, aos do C.D.S..

Por falar em CDS: diga-me lá como ele vai, porque até nos Açores o não querem! D. Lucas arrasta-o pelas ruas da amargura. Lá na minha Galegos, ouvi que os P.S.D. e até C.D.S. andam afitos para decidir a melhor data de saltar de galho: para a CNARP, pois se espera que essa é quem dá tacho. E a tachada foi sempre de muito peso. Tanto que a gente até pasma ao ver tantos Papas e concílios a proibir que alguém seja Bispo por uns tantos contos de reis. E não eram laicos a fazê-lo, eram do clero. Excepções? — Evidente, mas houve-as sempre.

dar cabo das chefias. E informa que até já imprimiram 500 mil Bíblias, livro que os parentes do Cunhal nem ver podem. Bom seria que os tais fossem à URSS pregar a tal Teologia da Libertaçāo. Mas em parte os Russos merecem a ditadura que têm. Mais: sem a ditadura, a Rússia desfaz-se logo em 10 ou mais Estados. Disso até os russos moderados têm pavor. De resto, ai se lá o governo caísse! Eram encorados aos milhões.

Outro assunto de que pouco oiço falar é do **Dia Anual das Missões**. Acho que tanto as simpáticas freirinhas de Arcozelo como os beneméritos Capuchinhos e até os Silvanos ou Espiritanos de ali ao pé da Aparecida têm medo ou vergonha de falar

parece pelo menos muito honesto e todavia achava que a gente do seu tempo era tremendaente corrompida. Quem diria? A degradação moral não é só deste nosso 1984?

Libertar! Como? Dizendo-lhes que é lícito esmagar os ricos e os poderosos — justiça ou reino de Deus, à força. Ora leio agora um jornal aí de Braga que anuncia isto: Novo arranque de Samizdat. Que é isso? São uns malditos jornais secretos que outros amaldiçoados soviéticos fazem circular na URSS, a convidar o povo a

(Continua na quarta página)

aos Barcelenses sobre Propaganda Cristã. Digo Propaganda porque era este o nome do Ministério papal, em Roma, que desde 1600 e tal foi encarregado de dirigir tudo quanto era missões. E de facto, que fez Cristo, ou Paulo, ao viajar, senão propagar (propaganda) do novo meio de ganhar o Além — Túmulo? Por 1.600 os Papas tinham rendas de terras, Mas hoje — como Deus mudas as coisas! — as rendas do Papa estão nos bolsos dos fiéis: eu, tu, ele — e são 800 milhões menos poucos. A 1\$00 cada, deviam concorrer com uns milhões para ajuda não já aos tais propagandistas do Samizdat — que o Cunhal de lá não deixa — mas para fazer Cristandade onde a deixam fazer: no Japão, Filipinas, Noruega, Angola, etc..

Senão diga-me lá quanto custa manter um Seminário para formar os rapazes — e moços — que hão-de ser mandados falar aos pobres — ou ricos — do longínquo Sudão ou da civilizada Índia ou do martirizado Moçambique. E quem os há-de alimentar e alojar lá no seu centro (vila, cidade) de Missão? E quem paga as viagens de ida e volta, etc, já que os dessas zonas sempre são pobres e bem poucos?

Se ao menos fossem cultos — e curiosos de saber — como os russos do Samizdat! Mas também pouco sabemos do que pelas Missões vai. Logo: este sector precisa de uma viagem de 180 graus e de homens tão apaixonados como Paulo ou o tal Savonarola, salvo seja. E que vemos? Uma Braga

com 500 e tal padres quando uma Luanda pouco mais terá que 10 — ambas arquidioceses. Só o mal da Revolução Francesa é que conseguiu desalojar da França alguns padres e fazê-los poifar nas terras de Missão dessa época.

Reparo agora que um jornal de Lisboa informava, há dias, que alguns dos nossos padres, de padres só fazem uns biscatos, no mais são civis. E tanta e tanta gente, pretos, brancos e amarelos, a querer aprender o que foi isso que o tal Jesus veio ensinar! Como é que o que fez voto de Missão é hoje um estabelecido pároco aí no Minho ou no Alentejo? Como é que vejo um Dr. Gigante escrever no Diário do Minho uns quase tratados sobre o Direito de Associação na Igreja, quando há tantos temas urgentes como este da Expansão Cristã?

Mais lhe diria se mais pudera. Por isso quedo-me aqui.

Agradeço-lhe que discuta quanto aqui fica para correção de todos.

Imagens de todo o Mundo

A propósito do Dia Anual Missionário

No Jornal O Cávado de Braga — Disse «a propósito» porque esse dia anual já passou: foi neste ano a 21 de Outubro. Ora aqui há tempos e aqui no Cávado, reparei num apontamento sobre um Asilo de Velhos que há em Lisboa (freguesia de Campolide). Vi depois que as Irmãs que o artigo louvava são umas Petites Soeurs (soeurs), pequenas irmãs e na nossa língua, Irmãzinhas, que se dedicam a cuidar de pobres que sejam de idade — mais ou menos abandonados.

Mas aqui surge a pergunta: não havia já os do português São João de Deus e os do francês São Vicente de Paulo para tratarem dessa gente? Só que, se bastasse, não teria lugar a obra de uma bretã, francesa, chamada Joana Jugan — que foi quem fundou o grupo das ditas Petites Soeurs e está beatificada desde 1982. CV 15 XI 84

Pois bem; as do grupo de Campolide estão ali há 100 anos que comemoram agora. São-nos quase vizinhas, mas raro se vêem. Por isso, obteve delas 3 números da sua Revista: a de língua francesa chama-se Découverte, bom papel e tem 32 páginas. A de língua espanhola, 22.

Não existe em língua portuguesa.

As imagens vêm-nos nas capas da revista francesa e em selos: 1 da Itália onde possuem algumas casas de atendimento de velhinhos; outro do Canadá — casas 1; outro da India 11 casas; mais um da Formosa (retrato do missionário Ricci) — 1 casa; e ainda da Colômbia, de Malta, da República (Comunista) do Congo, da Austrália, Portugal, E. Unidos, Nigéria, Irlanda, Samoa, tudo nações em que as Petites Soeurs fundaram um ou mais lares da 3.ª Idade.

Onde arranjam, e como, dinheiro para sustentar tanta gente? Isso não sei nem a revista me diz. Ao que me parecem, as que trabalham em Lisboa são todas nasci-

das em França. Pergunto então: as portuguesas têm medo de tratar velhos se forem homens? No de Campolide há-os dos dois sexos. Não sei responder. Parece contudo que a mulher de França é mais arrojada que a nossa: nem temos uma fundadora. Jugam nem vejo as nossas casas da India e por esse Mundo fora. São feministas mas provam que valem (as de França).

A Revista dá outras imagens do Mundo — agora de gentes — que relatam benefícios pela mão da nova Beata: uns são franceses, outros são belgas, e ainda do Canadá, de Israel, etc. Vejam o que agradecem (e em

carta saborosa que os velhos da casa de Tuticorin (se calhar 10 vezes mais que Braga) escrevem às Irmãs a agradecer quanto por eles fazem e relata que os usos dessa terra da India que são vestir de noivos, de novo, a ele e a ela, ao fazer bodas de ouro de casados: com colares de flores e tudo, agora postos ao pescoço dos pais por uma sua filha que de longe veio para estas bodas. Prova-o ainda o relato que faz da ida de um cardeal francês a Brazaville (Congo) para a festa dos 100 anos de catolicismo congolês — que os missionários de França ali plantaram, bem perto da nossa ex-Cabinda. Festa

apesar de o governo ler pela cartilha de Marx e de Lénine. E o certo é que na comadre Angola, marxista, Cabinda, a vizinha de Brazaville, a fez agora bispado o grande missionário de Roma, João Paulo. CV 15 XI 84

Assim, a Découverte, que é apenas trimestral e feita para franceses, transmite aos amigos das Petites Soeurs muitas informações de cidades e pessoas e dores e gestos e festas que, mais não valeram, tinham valor geográfico, etnográfico, psicológico,

Petites
Soeurs

4

10.16

económico e social e outros, do 1.º Mundo e do 2.º e do 3.º, nesta nossa época de 1984.

As Irmãs de Campolide nem da França ou doutras geografias não vão ler este apontamento, a propósito. Mas a obra delas vale e o valor aqui lhes o dou: valor e reconhecimento, por tantas dores que aliviam e segurança que criam aos corpos e espíritos que de outro modo poderiam ir parar às mãos de um carrasco AK, matador dos supérfluos — como conta Jefim em Novos Contos Russos (Editora Progredior-Porto).

Vivam les petites Soeurs!

Acácio Torres

A POLÍTICA E OUTRAS COISAS MAIS

Se bem penso, é-nos preciso desapertar as correias que nos tolhem pernas e braços. Quero dizer: mesmo no jornal de província, que significa concelho ou coisa assim, regional, sectorial, local, não se há-de escrever apenas nem da ponte que vai e não vai, nem do Cávado todo poluído, nem só do doutor X que doutor não é, nem das cartas obtidas por preços extra, ou do contrabando, preguiça, efeitos dos trabalhadores, mazelas do patronato, etc.. De tudo, o que mais fere é essa de o doutor ter levado todos os barcelenses pela fraude: não é perdoável fazer-me que eu trate por excelentíssimo aquele que é exactamente um bandalho.

A conclusão é: não confiem, que eles não se confessam—como dizia o lavrador aos fidalgos, referindo-se à sua junta de bois. E a verdade é que poucos aí vos falam hoje que tenham temor de Deus. Sem Deus, vale tudo: o advogado mente-vos, o escrivão rouba-vos, o médico mata-vos, padre diz que Deus disse o que Ele não disse, o professor ensina as suas teorias que não a vera ciência, o lavrador muda os marcos, ela enfeita o marido, a moça proclama a sua desvirgindade, ele, têm vergonha de não ter amante, quem trabalha é estúpido, os ladrões passam por reguilas, etc., etc.,—tudo de pernas para o ar, a subversão.

(15/III) 03/03/184

E a Política que tem com isto? Muito. Onde pára o Ministro das polícias que os não faz prender os díscolos? E o Ministro das Leis que as não faz capazes de castigar os perversos? Pois é: mas se alguém se queixar, acho que só demonstra não ter nunca lido a História dos países. Na Inglaterra dos anos 600, já um rei mandou que no dia X fossem mortos todos os homens e mulheres e crianças da raça tal! E a gente a pensar que isso foi só em Angola, em Março em Março de 61! Vão tolerando, defendam-se que isto, ainda não deixou de ser um rico vale de lágrimas para muita gente. De resto, a 1.ª República foi de 10 a 26 (16 anos). Uma viragem nisto—mas não a cura—na tese do meu vizinho, que se guia por ciclos magnéticos!, só com uma nova geração.

Um problema de além fronteiras é esse criado na minúscula Nicarágua. Ai se fosse há 100 anos! Os ianques anexavam-na. Mas se os semi-índios de lá querem os amigos de Cunhal a governá-los, deve-se ou não se deve deixá-los como querem? Se pisarem o rico, então fogo neles.

(Continua na quarta página)

15-12-1984

A POLITICA E OUTRAS COISAS MAIS

(Continuação da 1.ª página)

Isto leva-nos a imaginar-nos por exemplo no ano 1.000 Nesses tempos não havia ano que não andassem à bofetada: na Lombardia ou na Navarra, na Estlândia ou na Morávia, na Palestina ou na Moscóvia. Se os políticos desse tempo imaginassesem que em 1984 todos esses reininhos haviam de ter desaparecido...

Daqui concluímos: que situação espera (vai ter) uma Rússia, um Portugal, uma Nicarágua daqui a uns simples 50 anos?

0 Barc. 15-XII-84

Não é política, mas quero dar-lhes duas notícias: a 1.ª é que a briosa Rio Covo acaba de publicar um livrinho que conta a sua biografia; a 2.ª é que os de Esmeriz (em Famalicão) acabam de fazer o mesmo quanto a eles. Então eu interrogo-me assim: estes diabos todos (Ucha, Vila Seca, etc.) para que querem a história deles em letra redonda? Para ter peso político? Pergunte-lhes. Ou porque as populações andam angustiadas à procura de saber que pai e mãe tiveram? Que pena terem acabado as Aguas Santas de Rio Covo! Se olho os lugares desta e os de Esmeriz, vejo alguns de nomes iguais: o Agro, a Agra, a Devesa, Lamas, Outeiro, Paço, Vilal. Como explicar os nomes de Pagãos ou Pachorico ou Mego em Rio Covo? Se me dizem que o rio de lá nem Covo se chama, donde diabo vem o nome àquela Silva Escura? (pg 53). A monografia mostra que os morgadios, apesar das suas desvantagens, e por isso hoje impossíveis, tinham seus méritos. Senão vejam como a família se conservou intacta no solar da Boavista (p. 28/29). Só que morgadios, não morgadios, isso é política. E os da Nicarágua, aventam que o querer deles é dar cabo de injustos morgadios, o que nos leva a um grave problema filosófico, que os bispos da URSS se puseram por 1940, a saber: diz S. Paulo que o poder (de governar os povos) vem de Deus; ora quem governa a URSS é Estaline (era). Logo foi Deus quem deu o poder aos Seus próprios inimigos, ateus? E decidiram então: se eles o têm, temos de agir em conformidade, etc., etc.. Do mesmo modo em Portugal, hoje: pelo menos Deus permite que tanto safado mande em nós. Porquê e para onde iremos então?

Ao mesmo tempo, surgem novidades como estas: o Patriarca teve de mandar abrir um novo seminário menor (liceal); dão-se cursos bíblicos que até exigem inscrição e propinas. Logo: à falta de clero, vamos passar a ter teólogos populares? Aonde nos levará esta nova novidade? Porque uns tais teólogos obrigarão uns quantos jornalistas que aí polulam a estudar as Escrituras ou a negá-las ou a emudecer como bois.

Digo francamente que nada me apavora, mas há aí muitos sinais de como vai ser o futuro.

FRANCISCO DE ALMEIDA

BIOGRAFIAS DA ALÉM-MAR

Ora na minha Além-Mar, nome que parece copiado da França que dizia *Outre-Mer* ou coisa assim, fala-se em muitos Senhores. Um deles é o filósofo, poeta e político, Senhor, do Senegal. Parece que este homem é um dos que aderiu ao Menino de Belém. E aqui eu estranho estas duas coisas, a saber:—a) como é que, tendo Cristo passado seus 1.ºs anos na África (Egipto), só nos anos 1800 a Doutrina de Cristo é levada pela África abaixo; b) porque é que tendo a África do Norte 250 bispos já nos anos 300, nunca eles se lembraram de ensinar Cristo aos da África ao sul do Saará (Angola, Chade, Rodésia, etc). Foi preciso aguardar que Portugueses e Franceses o fizessem! *OBRE 5.1.85*

Uma biografia movimentada há-de ser de certo a de um tal Padre Bizard (pelo nome se vê que é gaulês). Mostra-o a revista frente ao seu avião em que se deslaca como missionário no Alto Volta, país que, por coisas, mudou o nome para Burkina (ver Além-Mar, no n.º 2 e 10; anotem isso aos alunos de Geografia). Pois saibam que o padre-piloto é pároco de tribus nómadas (os Bambara) e tem nada menos que 80 anos menos 2! Aquele diabo ninguém o convence a paralisar na reforma (e há tanto paralítico desses por cá!).

Outra biografia: Madre teresa, a tal jugoslava que se prendeu à Indiana cidade de Calcutá—lá para junto do rio Ganges. Depois é um chinês que estudou em Portugal quando de seus 20 anos, o dr. Tang, depois bispo, preso por Mao. Quando lhe perguntaram se, preso, o torturaram ou obrigaram a trabalho forçado, respondeu: —Nunca e de nenhum modo.—Mas não é isso o que outros presos dizem ter sofrido na pele, lá na China.

Muitos são os relatos sobre leprosos, tantos que esquecem os nomes dos sujeitos para só os biografar pela doença—a lepra. Ficam também sem biografia as muitas freiras que têm o arrojo de ir até junto deles para os tratar, ouvir, fazer companhia, etc.. Se não fosse o Natal, estes doentes não tinham estas mães adoptivas a cuidar deles. Prova-o que as outras religiões não criam mulheres destas.

Se mais não valesse, só por produzir gente tão destemida, o Cristianismo, Cristo, já valia muito, já merecia honras biográficas.

Outro é um tal padre Alírio, rapaz novo a missiar ao norte de Moçambique. Uma emboscada dos Rebeldes ao Governo levou padre Alírio para junto de Menino Deus, a quem em Nampula, servia. Também pouco há de biográfico nos muitos Refugiados negros que fogem aos tiros das guerrilhas na sua terra: no Sudão, onde 1 missão houve de ser encerrada; no Zaire, etc..

FRANCISCO DE ALMEIDA

70.20

Haja paz nem que seja um dia!

O Cávado

Isto é um voto, um desejo, um Oxalá! Não é pedir muito que a Paz dure 24 horas, um dia na fracção, pequeníssima, dos 365 dias do ano. Mas para em todo o lugarejo da terra haver paz no dia 1 de Janeiro era preciso, no dia anterior, atar de pés e mãos pelo menos os desordeiros. Quer dizer: parar o Mundo. Como isso é impossível, impossível será que venha um dia que seja em que não haja «coisas» distúrbios. Por isso, dizia o outro: paz, só no cemitério. O que significa: onde há vivos há guerra. **CV 24.1.85**

O que é a Paz? Se fosse um latino, dissertava que vem de Pax, o que me não explica coisíssima nenhuma. Porque, como é que os Romanos inventaram a palavra

Pax? De outro modo: como é que um chinês diz a ideia de Paz? Significa a palavra deles coisa como O Mar sem ondas? E os Apaches? Para eles Paz significa homem a dormir? E os Turcos? A palavra com que traduzem Paz significa dia de Sol e sem vento? Se fora poliglota, ia dizer-vos como é. Mas valia a pena procurar saber que imagens têm na nuca o chinês, o português e até o banto lá do centro-sul da África quando se refere àqueilo a que nós chamamos Paz. Possivelmente quando os Papas dizem Paz, querem significar uma coisa e quando nós dizemos Paz estamos

em canal diverso ao do Papa. Ora a 1.ª coisa necessária para nos entendermos é estabelecer de que coisa é que falamos.

Doutro modo, um diz alhos e o outro responde «bugalhos»: não sintoniza.

— ★ —

Vem este discurso aqui porque eu me pus a folhear um livro que diz: Um Homem que é Deus. Mas o capítulo tal é este: O Príncipe da Paz. Estes escritores que para tudo se servem de frases feitas, de expressões já ditas. E contudo, Príncipe da Paz terá sido o nome com

Carta de Lisboa

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Notas para os Passos em Barcelos

O que hoje vos escrevo tem de ser bem telegráfico, como me accusam de ser, já que me prometi dizer só uma página escrita com esferográfica. Os do jornal têm mais que compor. Lembrei-me dos PASSOS por causa de um livrinho, muito sumarento, que ando a ler e se chama A VIDA NO ANTIGO EGIPTO, escrito por um fulano muito versado nessa matéria. Porquê? — Porque além dos temas — capítulos — de Os Cultivadores, as Ciências, etc., traz um que refere peregrinações. E os nossos Passos implicam para os das freguesias, uma Peregrinação. Certo: as do Egipto eram as de festas alegres e a dos Passos é o contrário da alegria.

ATOS ANE. 2/3/85
 A propósito: lá na minha Galegos — 5 quilómetros da cidade — falava-se dos Passos de Barcelos, mas usam mais ir aos da Lama ou de Vilar, Manhente ou S. Veríssimo. Digam-me então os de Barcelos: de quais freguesias (e são quase 100!) é que vai gente aos de Barcelos? Não sabem dizer. Mas é pena.

Das Monografias que temos, só a da Pousa se refere aos Passos que lá fazem — ou faziam — com um Senhor que «bifaram», ou isso, aos da Graça! Os de Manhente nunca disseram linha sobre Passos. Foi bom ver os da Lama darem a lume um documento, dos anos 1700 e tal, sobre a história dos Passos deles. Estou a recordar-me que pouco sabemos sobre esta devoção. Nos anos 1300 ou 1400, houve procissões nas ruas, de homens em tronco nú, chicoteando-se até fazer sangue (elas flagelavam-se em casa). Porquê isto? O vosso capuchinho de Assis sofreu nas mãos e pés as dores dum crucificado. Nos anos 1700 fundou-se a Ordem dos da Paixão de Cristo — (os Passionistas, casa em Viana). Passos é:

1.º — Caminho — escadarias que Cristo pisou lá na Sua Terra;
 2.º — Passadas, falas, caídas que deu e teve, com 2 rolos de pincneiro, cruzados, aos ombros — e quando já nem sangue tinha. Experimentem imitar!

3.º — Qualquer rua, do sítio tal a tal, por onde o andor do Cristo e Sua Mãe passam. Se encontram, são olhados, seguidos em cortejo — e talvez escarnecidos, ainda hoje.

Os Egípcios de há 5000 anos iam em peregrinação, também para cumprir promessas. Os Portugueses não vão para essa coisa às Passadas do lindo Cristo de Barcelos.

Se hoje nos horrorizamos de ver sofrer! Os passos põem-nos problemas de consciência, porque se a Ele tanto se fez sofrer, que me espera a mim e aos de Barcelos e aos das freguesias? Um lindo enterro!

Oxalá a obra que ganhe os prémios da *História de Barcelos* — 200 contos — relate também sobre Passos.

BARCELOS—o Senhor da CRUZ e o dos PASSOS

— PELO —

Dr. Francisco de Almeida

10.22

É claro (evidente, para os Matemáticos que seguem raciocinante Sr. Pascal) que Barcelos mostra à Televisão o Senhor da Cruz. Cada um mostra o que tem e os vaidosos, até o que deles não é. Só me recordo de ir uma vez aos Passos de Barcelos. Por isso me

03/02/2018

pergunto se o Senhor dos vossos Passos é o mesmo que o Senhor da Cruz. Se sim, recomendo que façais Procissão dos Passos para os das aldeias vérem o vosso Senhor da Cruz, isto porque o templo é pequeníssimo e escuro e por essas razões, nem 1 por cento dos das aldeias viram já o Senhor da Cruz no Seu Templo quase bizantino. Quem seria o da ideia daquele mosteiro assim? Pois bem: vi, há anos, o Calvário da freguesia de Cervães, no Bom Despacho. Aquilo foi gente, foi obra e ainda merece ser visto, tão perto que é de nós. Todavia, quase escondido naquela Cervães, donde minha bisavó ou trisavó terá vindo para Galegos.

Outra coisa em que venho reparando: os peregrinos—haverá quantos por ano?—que de Pan-

que ou Silveiros, da Ucha ou Vila Cova, vão aos Passos de Barcelos, que recordações podem levar dessa Procissão? Vi pelas aldeias imagens do Sameiro, do Bom Jesus e assim, mas dos Passos em Barcelos, nada vi. E a Confraria não há-de permitir que os das freguesias até na compra dessas lembranças sejam explorados. E porque não fazer um folheto a contar a História dos Passos em Barcelos para os peregrinos lerem lá em casa? Talvez até com poemas que haja. Há 4000 e tal anos, um mestre pintor do Egipto, assim louvava a Deus: Demos graças a Amon (Deus dele) / Comporei hinos em seu nome (sua honra) / e o louvarei até ao Céu / e (até) aos confins da terra / Falarei do seu poder aos que vão para Norte / ... / Sede seus devotos! Repita-se isto

ao filho e à filha / aos que ainda nem existem / Conte-se aos peixes do rio / e às aves do Céu.

Mas isto é mesmo poesia, senhores poetas e poetisas! Nada rebuscado, torcido ou coisa que o valha. Que há sobre os nossos Passos? O egípcio continuava:

— Tu és Amon... / que acorre à voz do pobre / Eu te invoco na minha desolação / Dás alento aos desgraçados / és aquele que acorre de longe.

Comparemo-nos com esse poeta pagão: temo muito que Deus gostasse mais dele do que de nós, gente posterior aos 10 Mandamentos. E os Passos? Pois é! Nós custa-nos a ver ou imaginar sequer aquele Cristo a jorrar sangue com 100 quilos de madeira às costas. Mas fazer como Ele ainda é pior. Apesar disso, para não perdermos tudo, como dizia, há 100 anos, o Dr. Balmes, é de todo necessário olhar, de vez em quando, aquele Senhor da Cruz, a caminhar nas ruas ou seja, em Seus Passos. Os passos são úteis até para não esquecer o que ensinava outro egípcio antigo, di-

zendo: — Reduplica o pão que dás a tua mãe... durante três anos tiveste o peito dela. ou então: — Não procedelas de modo brusco com tua mulher... Que o ho-

mem acabe com as disputas no seu lar. Ou ainda: — é teu colho, não afastes dele o teu coração. (textos com mais que 4 mil anos!).

Sobre um Sermão da Quaresma

V. Carden
& Morete

ÉVORA — 1943

C.Sar. 29/3/85

10.23

44
21

Acabo de receber o «Cardeal» que se refere a 8/3/85. Se eu pudesse, coleccionava-lhe os números todos. Aconselharia portanto, aos que possam, que coleccionem. Fazendo-o, poderão comprovar o que disse no dia 8 um Colaborador: que nem 10 por cento do nele publicado é mastigado. De acordo, quanto a mim. Será por isso que raros terão visto no «Cardeal» lições de Catecismo, palavra que o Autor usou decerto para significar lições de Doutrina Cristã, por exemplo: que o divórcio é um atentado, também, à lei que regula os seres humanos, que o

aberto é criminoso (quanto ao Direito Natural e ainda que o não seja no foro estadual), etc.

Ora ainda bem, a ser como diz, que o «Cardeal» aborda temas dessas, como a um Cardeal convém. Daqui que não entenda a revolta de que fala ao ler o «Cardeal». Melhor do Mundo? Só que o que é bom o é face a uma regra, norma, critério. E não sei se há critério único para julgar o conteúdo dos jornais. Ao que vejo, o bom para uns é uma perversidade para outros. Nem o diabo se entende com Deus.

Mas voltando ao Sermão da

(Continua na página 6)

Évora, 43. Vão-me dizer que é catequese? E por ser isso não pode ser obra de arte ou de pensamento social, etc? Vejam Vieira! C.Sar. 29/3/85

Tal sermão vem transscrito num livro do ano de 75, polémico, chamado Mensagem. Conta que havia em Évora um rapagão, de apelido Bívar, sobrinho de um Bívar aqui dos Arcos. De que se havia de lembrar o moço? De se fazer estivador! E fez. E ia morrendo! O caso inflamou os brios do autor do Sermão, que por isso pregou uns Passos que terão dado alarme, lá em Évora. Grassava a Guerra!

Conta mais o autor que, durante o sermão daqueles Passos de 43, houve políticos que se ocultaram, o pregador foi logo chamado ao Arcebispo (de Évora) porque as queixas eram tais e tantas! E os aplausos também.

Évora rachou em dois, pró e contra o sermão!

Ora só disse verdades, mas lá, não quiseram mais Passos. Que verdades? As que hoje nos servem, a saber:

— 1) — Minha Mãe: porque ensinei o Pai Nossa, contra muitos que querem o mundo dividido em infinidade de escravos ao serviço dum reduzido número de senhores... Vou de cruz

às costas; — 2) os homens, criteus de uma geração gananciosa, quiseram monopolizar a paternidade de Deus... eis-me de cruz aos ombros; — 3) disse que os reis são pastores ao serviço do Povo... cruz às costas porque o disse.... Aconselhei o jovem a vender tudo, mas a mãe dele, Joana, reteve o filho e por isso o sacerdócio só pode contar com os filhos de pescadores... às direitas lhes dirá o escritor que só eram religiosas por conveniência de ~~morro~~. Disse-o. Aqui tenho a cruz às costas.

Quem há-de dizer que este padre de 43, em Évora, não podia ser repetido aqui em Ponte neste ano de 85? Para quê? Para corrigir os que erram e queiram seguir Jesus Cristo. Embora eu desconfie bastante dos denunciantes, proféticos, que se reuniram em Coimbra.

23 47
10.24

UM NOVO ESTILO DE SER PAPA

Escreve
Dr. FRANCISCO DE ALMEIDA

Creio que à maioria dos leitores do Vianense, Católicos ou não, interessa ouvir algumas notas sobre o Papa nas Américas. Oportunidade do tema: discutir sobre o fenômeno histórico, político, social e religioso de o Rei de Roma andar pelo meio dos, outrora, Índios selvagens, e de tudo extrair lição para ler no passado e se prever o futuro — que é isso que todos nós pretendemos, os leitores também. A forma e conteúdo deste apontamento: leve e rápido, que um jornal não comporta mais pormenores.

Situase o Equador a meio da laranja que a Terra é. Uma diferença importante com outros da mesma linha: não há nas Américas um deserto enorme como o é o Saará — que há dias o rali Paris/Dacar atravessou, recordam-se. Como a Colômbia, Venezuela, Panamá, Brasil, seus vizinhos, tem montes 3 vezes a altura da nossa Estrela. Estas nações formam-se de nações menores, as tribos, etnias, tais como os Quechuas e outras que só os séculos hão-de fundir em um só povo. Pior: cada tribo tem seus usos, suas leis de honra, seu modo de encarar a vida. Colônias dos Espanhóis até aos anos 1820. A zanga de Madrid com Roma, permitiu ao Papa reconhecer, em 1838, a independência do Equador.

A ideologia de 1820 era a de Rousseau, como se prova pela vida do afamado Bolívar, o Libertador — que tem estátua em Lisboa.

Povos dóceis, pachorrentos, sempre cansados porque devido às alturas, falta o ar que se respira — como ainda há tempos dizia um padre, nosso, lá missisionário, na Revista Além-Mar.

Baptizados? São-no na taxa de 90 por cento, mas muito rudes, de isolados que vivem. Por estes lados, 47 em 100 não sabem ler (admiro-me serem tantos a saber ler), 25 em 100 crianças não vão à Escola, as pessoas vivem em média, apenas 47 anos (Portugal, mais que 65 — somos do clube dos ricos). Também por aqui há pretos, filhos dos ex-escravos vindos das Áfricas. Há

crianças (muitas) a fugir de casa (o sonho das cidades) tal como em África onde os pais não mandam a rapariguinha à escola porque se fosse, não voltava, fugia. E já vêm no que ela ia dar.

Como na África, o sexo pesa imenso e daí a mulher, solteira, com 6 filhos, um de cada homem. Como na Venezuela, 50 por cento são ilegítimos. Um país destes funciona? Claro que funciona, como podem ver descrito na novela "El Señor Presidente". Pelo sangue, há-os ligados à África, há-os ligados aos Esquimós, há-os ligados aos de Castela (os brancos de lá).

Mostram as histórias do Cristianismo que para se deixarem baptizar até aos 90 por cento demorou de 1500 até agora (400 e tal anos). Dóceis. Porque os Japões por exemplo, nem 2 por cento são ainda baptizados — o que demonstra a diferente psicologia entre índios (os peles-vermelhas) e os asiáticos, sejam eles indianos, tailandeses, coreanos ou japões.

O Vianense 30/3/85
8-1pg-

Em Economia, o Norte é rico, tanto cá — eixo Europa/Africa, como lá — eixo Canadá/Chile, ligados todos, lá, pela famosa auto-estrada, Panamericana, coisa que não se conseguia entre a Suécia e a África do Sul. Curioso: a Europa exporta gente para as Áfricas e Américas, não vice-versa. Lá, virá tempo em que a Europa receba gente filha dos índios.

Tudo visto, podemos separar grupos como estes: — a) pelo sangue — e os índios da Nicarágua à Argentina mantêm com Chins e parentes (tais, birmânicos, etc.); b) pela riqueza — e o Norte é 10 vezes mais forte que o Sul do Planeta; c) pela Voz que falam — e aí temos Portugal ao lado dos índios brasíis, quicocós angolanos, suazis de Moçambique, etc.; d) pela Geografia — e aí temos Portugal perto da Itália, o Brasil perto da Colômbia, as regiões, o que deu origem a tratados económicos, militares, etc. — Nato — Pacto de Varsóvia, Seato, OEA, OUA, CEE.

Ora já sabem que há uns beneméritos chamados Médios Sem Fronteiras, sem limites entre nação e nação. De facto, o ideal era não haver fronteiras para eu poder ir a Vigo sem papéis ou de Sant'íago vir à Agonia sem pagar o que paga. Neste sentido já caminham a URSS e Satélites e os da CEE.

Neste sentido caminhou a Itália (de 50 ducados a Reino), a Alemanha (de 300 principados ao Império Alemão com Bismarck), os Estados Unidos (de 49 Estaditos à potência da Guerra das Estrelas).

A conclusão é: não tarda que as pequenas nações desapareçam — porque em 1985 é mais fácil governar a terra toda, desde o ponto X, do que foi para D. Afonso Henriques nos anos 1140 e seguintes. Segunda conclusão: se hoje temos fura-fronteiras, rápidos, como aviões, satélites, rádio, TV, etc., que mais se não descobrirá até daqui a 20 anos? O mérito dos portugueses foi só de descobrir como ir à Índia, por mar, antes de alguém lá saber ir. Mas se nós não descobrirmos, outro, mais tarde embora, o descobria. Quanto não há ainda para descobrir nas coisas do Universo? Só não descobrem Deus — não se deixa ver por telescópio ou sentir pela rádio.

Mas os índios descobriram! Que ironia a destes sábios, ricos, cheios só de vento!

DO PAPA

Ora vejo que: 1.º o território onde o Papa tem baptizados não tem fronteiras; 2.º governa tudo desde Roma; 3.º com este estilo (modo, forma) do nosso tempo — dantes, só podia mandar Legados aos da Venezuela, etc. Agora vai ele próprio. A diocese dele já não é só Roma, mas o Mundo todo, 4 biliões de bicos! O maior chefe humano da Terra. O chefe do Reino, ou República, de Jesus. Agora, sim, a fundação de Cristo, Eclesia, é mundial, católica. E o chefe tocam-no todos.

10.25 43 Temos de ir a Santa Eulália

*Turismo. Montes. Ladeiras, museu. Pias, quentes, águas termais, solstícios, festas
Sacramentos*

Diz-se na Monografia, recente, de Rio Covo, que esta nossa freguesia fica só a 6 quilómetros para o sul de Barcelos. Portanto, fica noutro país (além Cávado) para uns como Galegos, Abade Neiva, etc. Mesmo assim, agora que publicou monografia, deu de falar de si, o que nos incita a ir vê-la. Por falar disto, é bom recordar que ir vê-la é também uma forma de turismo e neste ano de 85, estamos em época nova, em que os povos se visitam uns aos outros. Ora vejam. *4/4/85*

Quem mais turistas tem são os italianos — com nada menos que 40 milhões cada ano, pasmem! E sendo os italianos uns 56 milhões, recebem cada ano quase tantos como eles (40). Ao todo somariam 96 milhões. Que colosso! Claro que beneficia (e soma) dos que vão ver o Papa. A seguir vem a Suíça — 30 milhões de turistas/ano, embora o Canadá lhe passe a perna (33 milhões/ano). Curioso que os checos (na cortina de ferro) tenham 17 milhões/ano, mais que a França que só tem 13 e até a Grécia (4,5 milhões por ano). Ah, já me esquecia: a Espanha têm 34 milhões e nós, só uns 3 milhões. A febre de visitar, ver outras gentes, é tamanha que o Egipto tem 1 milhão, o longínquo Japão tem 700 mil turistas por ano e até o Nepal, lá no pico do Himalaia, tem uns 85.000 por ano, a fria Islândia 72 mil, Madagáscar (perto de Moçambique) 10 mil, etc. Por isso, uma Revista de Misões, se queixava há tempos de que o turista ainda pouco gosta da África, Portanto, não é muito írmos a Santa Eulália. *4/4/85 (4. IV. 85)*

Eu passei mais de 50 vezes na estrada que passa junto a Rio Covo. E não desviei para a ver. Qual a área da freguesia? A Autora da monografia só me diz que é extensa (pg. 5). Que tem arvoredo variado. Acho que quase toda pinhal. Emigram muito, diz. Mesmo assim, a freguesia cresceu (pg. 17) de 392 habitantes em 1890 para 433 em 1900, desceu em 1920 (fome — 1.ª República) para 442 e em 1983 ia em 1.000 habitantes. Então, com os meios de agora, não justificam um pároco lá. E todavia foi sede de Comenda (pg. 13). *Parocho*

Toda a gente sabe porque é que a Itália e a Espanha têm tantos visitantes: têm que ver. Galegos tem os bonecos, mas falta-lhe um museu disso. E Rio Covo que tem? Ao que relatam, a antiga ermida das Águas Santas (águas termais — mas a História da Medicina, de Mira, não as menciona). E o belo Rio Covo que longe vai parar a Santa Eugénia. *1.º Magalhão*

Os vizinhos dela são briosos e conhecidos: a Carreira, S. Bento, Midões, Carvalhas, Silveiros, Moure, F. Coberta, Remelhe, diz na pg. 9. Só esses? se cada for de 1.000, são 8.000 pessoas a conhecê-la. Bem pouco. Também deu um monumento ao Museu da diocese (p. 8), uma velhinha pia de baptismo. Liga-se a Sequiade por outro curso de água (pg. 8), mas só em 1981 lhe calcetaram a estrada que o conterrâneo rasgara por 1920? Quanto não vale ser dono da Senhora Câmara! Culta freguesia, escola desde 1921 (muito antes que Galegos). Quanto mais ricas não são as gentes de agora, face às misérias de 1920! E nunca ninguém está satisfeito. *Defeito de fabrico*.

Rasgou estradas, certo. Mesmo assim, as nossas freguesias ainda estão muito isoladas: faltam vias capazes para ligar umas às outras, por exemplo, Galegos a Roriz: para ir de uma a outra de carro, são uns 10 quilómetros, mas de uma igreja à outra, carreiros, só uns 3. Atraso de vida, minha Senhora Câmara e Senhoras Juntas! Vassouras de giestas (pg. 22) foi chão que já deu uvas; carvão, decerto que o não faz agora.

A propósito: porque é que no Centro e Sul tudo faz resina-

gem na nossa zona, ninguém a faz?

Modernizou as indústrias. Oxalá frutifiquem: ele são os mármore, os móveis, etc. Nem todas se hão-de gabar dessa industrialização.

Porque este já vai longo, eis um caso, para acabar (comércio em Rio Covo — pg. 22). Conta um romancista que a paróquia X em Londres, recebeu seu novo pastor (protestante) que, todo moderno, disse logo ao Sr. Sacristão: eu cá, não posso perder tempo a tratar do registo paroquial (registos de casamentos, etc.) e por isso o senhor vai tratar disso. — Mas é que eu não sei ler nem escrever! Pois então, responde o pastor, vai ter que decidir-se — ou aprende e fica ou não aprende e tem de ir embora. Dou-lhe 8 dias para pensar.

O bom do sacristão não se assustou: pegou na mulher e foi viajar até à Escócia. E tendo visto lá uma mina em que não havia quem vendesse aos 500 mineiros, sequer uma onça de tabaco, disse à mulher: já sei, despeço-me de sacristão e monto uma loja aqui junto à mina. Ganhou rios de dinheiro, tanto que o gerente do banco lhe arranjou colocação e a bom juro. E disse ao ex-sacristão: tal dia venha a Londres para a escritura. Feita, disse o gerente: — assine aqui. E o nosso homem — mas se não sei assinar! — O quê? Se não sabendo, fez tantas libras, que faria se soubesse escrever! — Se soubesse, respondeu o outro, teria continuado a ser sacristão (e andaria teso!). Não é o caso dos de Santa Eulália!

Francisco de Almeida

Para a História das Freguesias

por Francisco de Almeida

24
10.26

26

No último «Cardeal», vi a notícia de que o Papa terá recusado (ou declinado) o convite do presidente chileno para lá ir. Tinha ouvido falar do convite (do presidente, mas não dos bispos), mas nem vi a recusa nem as razões dela. Presumo que nem o presidente terá discordado da recusa, que o Papa não é um mal-criado. E é sabido que nem Paulo VI cá veio a convite de Salazar, sim dos bispos.

A razão, mesmo para quem achar que tudo isto são Vaticanices (um neologismo a brotar de um coração triste), parecerá evidente, quer dizer, clara como água. E com isto fica apreciado tudo quanto foi dito sobre mercadoria vendável, se o Papa vende ou não vende, se acredita nela, etc. etc.

Tratava-se do salário máximo, exigível. Outro: mancebo das vacas — cinco morabitinos.

Do n.º 3): «o melhor boi valha três morabitinos velhos; outra vaca — 1 morabitino velho», logo 1/3 do boi, o que indica serem raros os bois. Outros animais: 4 ovelhas paridas — 1 morabitino velho e logo: 1 boi igual a 4 X 3 ovelhas que já parisse; 3 bodes = 4 ovelhas paridas; o melhor porco, de 2 anos, 18 soldos e o de 3, 1/3 do boi supra. Daqui já se podia retirar o nível dos salários rurais nesse tempo (sabendo-se que hoje vai em 16 contos, mínimo).

Do n.º 4): «o feitio do manto valha dois soldos e meio; da saia valha 18 dinheiros; do manto para dama valha três soldos» — donde concluimos que eles e elas usavam o manto (cota? sobretudo?); o da camisa para homem — 18 dinheiros e das calças curtas — 8 dinheiros; da camisa de linho para mulher valha dois soldos e de bragal, 1 soldo» — diferença que a alfaiate de hoje não entenderá. Será decerto, que a 1.ª tinha desenhos que faltariam na 2.ª

O trabalho é acompanhado de umas 130 notas explicativas, por exemplo Saia (nota 77): seria uma espécie de túnica, ou camisa até aos pés. Ou Saia escocês? Nós somos céltas (ver Civilizações Desaparecidas — os Céltas).

Há aí uma Nunciatura e quem quiser pode perguntar-lhe porque não foi o Papa ao Chile — onde se diz a presença tão necessária. O povo pontelimense não o vejo tão mal disposto assim com Roma como se pretendeu fazer crer.

Mas falo-vos hoje de coisas e loisas dos anos 1250 — há 700 anos. Trata-se de uma lei do Rei D. Afonso III, do ano 1253, que o Banco Pinto e Soto Maior, que por isso louvo, fez estudar, traduzir e dar à estampa, no ano de 83. É a Lei de Almotacaria. O interesse dela é lançar luz sobre a vida das nossas gentes. Ora vejam.

A) dirige-se apenas aos povos «desde o Minho ao Douro», o que significa, conforme a obra Regiões Homogéneas — Gulbenkian, 1966, pg. 76, a toda a Terra do Norte do rio

Douro, pois ainda em 1299 o Minho ia desde o Mar até Miranda do Douro.

Card. Sac. 5/4/85

B) trata de: 1) Troca de moedas ou conversão de moeda estrangeira em portuguesa (como hoje se converte o dólar ou a libra em escudos); 2) de alguns salários (o vagueiro, etc.); 3) dos preços de animais: boi, vaca, porco e assim; 4) de preços para alfaiates; 5) da colocação de moeda nossa na Estrangeira; 6) de preços de tecidos vindos de fora: Londres, Gand, Chartres, Segovia, etc.

Do n.º 1) é exemplo o seguinte: «um dinheiro de Leão valha três dinheiros portugueses».

Do n.º 2): «O abegão fique anualmente... «No Alentejo há ainda abegões.» E continua: «Outro melhor mancebo da lavoura fique anualmente por três libras e vinte (20) alqueires de pão meado (metade milho e metade centeio) na seara» (que lhe é dado em grão, mas não posto em casa). E este: «o melhor cachopo da lavoura... 30 soldos, um froque, uma saia de burel, panos de linho, dois sapatos consertados duas vezes (por ano) e 10 alqueires de pão na seara».

Falta um glossário, quase índice ideográfico, que é o que nos daria melhor ideia do povo daquele tempo. Eis alguns termos da lei: Ordeno (e proíbo) com firmeza, sob pena da minha graça (de me zangar), provas por testemunhos de homens-bons (sérios), Multa de o dobro, o meu inspector é Martim Pais (só um e chegava!), o corpo do prevaricador fica à minha disposição (pilda), ao denunciante 1/3 de cada multa, marco de prata (vinha da Alemanha, já?), dinheiro de Bordeus, quadrado de ouro, quintal de chumbo (50 soldos), bodes vivos, o zebro, o gamo (20 soldos), o corço, couro da vaca, pele de bode, arroba de cerca (7,5 libras portuguesas), não matar coelhos desde as Cinzas à Santa Maria de Agosto (defeso, já então!), não levar objectos de prata para outro reino, alqueire de mel (9 soldos), gafio doméstico (pele 1 soldo, do veado ou de raposa; 3), o tourão, quintal de queijos, pez, a gra, a escarlate inglesa (côvado — 70 soldos).

Em resumo: por esta amostra se vê que para ler os textos do Portugaliae referentes a cada freguesia, este estudo do Banco referido é de todo essencial: aflora ali a vida económica e social e jurídica e salarial de há 700 anos. Vestiam luxuosamente com escarlates e arminhos de longas terras.

Card. Sac. 5/4/85

PARA A SEXTA-FEIRA SANTA DE 85

70-27

PELO

Dr. Francisco de Almeida

I—Pus-me a ver uma obra que o Dom Prior de Barcelos me mandou, fez 3 anos, e que se chama assim: O Problema do Homem e a Realidade Divina. Folheado ele, tive uma ideia que foi a de escrever sobre a Vida de Cristo daquele dia em que caiu defunto. Também Ele. Recordei depois que aqui há uns 20 dias (escrevo a 25 de Março) remeti a um dos nossos jornais este Apontamento: *Para o meu Clube de Doentes*—do qual o director, ou quem mais ordena lá no jornal, não gostou ou achou não oportuno, e por isso guardou muito bem na gaveta ou fez remeter à Sexta Repartição, que é o cesto dos papeis. Tudo isso sem dar cavaco, que assim é que é.

Outra coisa me lembrou o livro do Dom Prior: que arregasasse as mangas e me pusesse psicólogo e escrevesse então a minha versão da Vida de Jesus Cristo. Mas aí, parei e lembrei, bem, que para escrever sobre tal Sujeito, teria ainda de comer muitas raras de sal. Porque todos nós sabemos umas tretas do que foi a Vida do Messias, mas se escrevesse o que já sabeis, era inútil a Vida por mim escrita e dizer o que eu penso pode ser uma grande cadeia de disparates. Ora Jesus Cristo não merece.

donde tirou essa mulher o ensino para assim conseguir salvar o nené? Mas salvou! Donde: morra um homem (aqui, mulher) mas fique do caso a fama (e a honra às nossas honradas mães!).

IV—Ora esta sofreu ou não sofreu? Talvez não, salvo com a quase certeza de que ia morrer ela! Se tivesse a dúvida, que o soldado ferido tinha (pág. 73) ao dizer Doutor, há outro Mundo?, ela não se deixava morrer pelo filho. Ela acreditava no Cristo e no Além com Ele. Porque: o que fizeres ao mais mindinho, a Mim o farás. Logo: Ele pagou à mãe esse sacrifício, que não é nem caloteiro nem troca-tintas: não falha.

Pensais que sou dos que se comovem depressa. Eu não. E todavia, conto-vos esta: tinha eu meus 10 anos e não sei porquê ou para quê, fui à igreja lá da minha Galegos. Era então abade um da Ucha, Padre Gomes da Costa. Como fidalgo, ajoelhei na cadeira dele a qual tinha um livro de boa letra que comecei a ler e lá vi ponto por ponto, quantas o Jesus apangou: 40 ou coisa assim, bofetadas, cento e tal chicotadas. Resultado: o «puto» não aturou e ao ver tanto sofrer, começou a derramar lágrimas. O puto era eu. Mas eu não me comovo que sou duro de coração.

Muito sofreu o famoso Job! Muito sofreu tanta gente aí: uns porque lhes partiram os ossos, outros porque o cancro se lhes instalou no sangue, nos seios, no útero, etc., esta porque o noivo abandonou como a heroína do livro Menina e Moça (que tem 400 e tal anos). Esta então, a ser o caso verdadeiro! Diz ela assim: Menina e Moça me levaram de casa de meu pai para longes terras (uma orfã, exilada, etc). Por isso, ela desanimou do seu sexo e falou assim: Isto é assás para as tristes das mulheres, que não têm remédios para o mal que os homens têm (e os homens têm ou que eles causam); porque tenho aprendido que não há tristeza nos homens. Só as mulheres são tristes... Daí que diga outra: Coitada de mim (começou ela)... São

II—Voltando ao livro do Dom Prior. Pelo título pensei que ele era todo de profundezas filosóficas, tanto que pensei logo em pôr-lhe o título do avesso: em vez de Problema do Homem e Realidade Divina, ser: Realidade do Homem e problema divino. Porquê? Porque do homem sabemos que é real, vêmo-lo; da divindade é que temos problema: se existe, como é Ela, etc.. Tanto que ainda ontem fui ver um filme novo, O Caminho para a India, e fiquei pasmado de que já por 1860 uma noiva de seus 25 anos pusesse em dúvida a ressurreição dos que morreram. Era inglesa e o parecer dela resulta dos desvairamentos do ex-frade, Sr. Lutero. Mas o livro é para ser lido mesmo por gentes das nossas aldeias, tão simples é o fraseado do Autor. O Barc. 6/4/85

III—Digo-vos num instantâneo os capítulos dele: se o sofrer salva (e sobre isso tendes a recente Encíclica do também brilhante João Paulo II); O sofrer do cristo, martirizados, se podes viver sem fé, não morreremos, etc.. E como relata sempre casos, é pelos casos que ensina, por exemplo, o daquela mãe que viajava para a América e tendo-lhe secado o leite, se alembrou nada menos que de alimentar o bebé com sangue dela! Morreu ela, certo, mas o miúdo viveu! E quem ensinou oudores das almas, desventuras. Mas... dores.

V—Ora, afinal, não percebo: por um lado, ser preciso tanta ferida naquele meu Cristo para me merecer o Baptismo a que bem pouco ligamos (dito livro, pg. 79—Chave do Céu); por outro, serem ainda tão poucos os que se deixaram baptizar—e isso apesar de 2000 anos de missões; por outro, ter Jesus permitido que ainda hoje existam arianos, gnósticos, pelagianos e outras seitas assim e mais que tudo, judeus! Lá na minha Galegos, ouvia-se o sinal da fábrica de Barcelos a dizer que é hora: Jesus Morreu! E tudo parava por respeito às dores de tão alto Moribundo. O Barc. 6/4/85

Que resta então, que resultados há de tamanho sacrifício desse Jesus? Para Judas foi inútil, pior, foi a condenação dele, que é hoje um grandíssimo diabo—e os de Galegos mostravam-no queimando-o em figura saída das mãos do Robalo (Roriz). Mas para milhões e milhões de gente, Cristo foi a boia que os livrou de se afogar nos Infernos, alguns por um triz. E que vemos mais? Que há mais de 4000 dioceses governadas em Seu Nome, mais de 500 mil paróquias por esse mundo todo (e por isso 500 mil sacrários), mais de 1 milhão de cruzes de pedra que nos recordam o Cristo a morrer. E além disso: sinais da Lei de Cristo nas leis de todos as Nações (mesmo na URSS, comunista), sinais nas atitudes dos povos, sinais nas Universidades. E o milhão de virgens (freiras) que hoje há na terra e quase 500 mil homens (padres) que por Ele fizeram voto de ficar solteiros! E muito mais que só Ele vê e nós, não.

Deste modo e concluindo: que mo perdoa Jesus se for disparate, mas o certo é que a Sexta Feira Santa é o dia em que Deus recebeu o preço todo para eu poder ser cristão. Recebeu-o do Cristo e eu não posso menos que sentir-me alegre. E agrado.

Nem Cristo quer decerto que eu tenha pena d'Ele.

Morreu o Homem, Cristo. Ficou d'Ele a fama e o mais.

Algumas Notas para a Liturgia Bracarense

São decerto bastantes os leitores, pelo menos deste nossa Minho, que têm acompanhado as exposições do Sr. Cónego Vaz acerca da nossa Liturgia. Seria da 1.ª necessidade que fizesse discípulos, criasse escola. É evidente a necessidade disso. W. N. 14/85

Que é isso da Liturgia? Di-lo-ão os sabidos na matéria. Por mim direi que a palavra significa muitas coisas, de que o núcleo é isto: conjunto de formas oficiais com que uma diocese presta culto, realiza o sagrado. Se for isto, liturgia é um conjunto de gestos e palavras e actos com os quais se louva, adora, pede, etc: é o culto em acção. Mas isso faz-se — oficial — segundo regras fixas, actos sequenciados, como um processo, processamento. Tem um Metodologia, tudo escrito em seus textos, que o Cónego Vaz diz, para a de Braga, antiquíssimos.

Ora acontecem estas duas coisas: 1.ª) que passa este ano o Milénario da morte do liturgista dos Moravos, São Metódio; 2.ª) que vejo os africanos a queixar-se da liturgia com que andam.

DOS AFRICANOS

Andam estes bastante inquietos com — quem diria? — problemas de Teologia. Mais: vejo-os a publicar livros de Teologia em que discutem caminhos, opressões, modos de pensar, etc., dos Europeus, dos Africanos. Um deles, o Padre Pénoukou, de Benin — governo comunista, disse: «Certos pressupostos doutrinários... não servem para nós. Em matéria de liturgia, consumimos aquilo que outros elaboraram. Não os tornamos nossos, contentamo-nos em traduzir».

Significa isto, parece, que:

1) a liturgia — textos, etc. — cria-se; 2) quem criou foram os serviços Romanos — que têm (criador) sua filosofia, sua teologia, sua psicologia, tudo transmitido aos textos litúrgicos; 3) tal liturgia vai cair na África e esta, apenas lhe muda a língua — de Latim para as nativas e ficam prontos, os textos, para os Africanos rezarem (consumir, diz o teólogo).

Pergunto então, já que Braga não só traduz o que vem da central, não só consome: — a) que Psicologia, mentalidade, está insita nos textos de Braga? — b) que filosofia ela revela? — c) que Metodologia? E por outro lado: qual é — tem sido — o pensamento, profano e religioso, dos Minhotos? Como, e em quê, se distinguem dos vizinhos para dizermos que a Bracarense é a melhor para eles? A Liturgia há-de adaptar-se ao povo ou este ser modelado pelo aparato litúrgico? De modo que os bracarenses têm, como a central Rom., que decidir sobre o que deve ser o nosso culto (o dever ser).

A este respeito vejo falar de Secularização, Deschristianização. E de facto, se as Memórias Paroquiais — 1758 — ainda falam em Clamores (Rogações), que teriam sua liturgia, hoje não vejo fazer tal. Um autor, pelo menos meio ateu, teve a ideia nada menos do que estudar a vivência religiosa em França para concluir: que a ideia de Deus varia de pessoa para pessoa — como a de Jesus, a da Igreja, etc; que todavia, até os afastados sentem o tédio, o medo, a angustia se o Mundo não tem um Regente máximo, Deus; onde acontece que conferências sobre problemas nucleares

res de Deus são, concorridos — fome de Deus; que toda-via, a vida quotidiana se processa sem Deus ser ali chamado: a semente dá bem se for selecionada, bem cultivada, adubada, etc. — o que faz ruir peregrinações e santuários; que até nos Cânticos religiosos (da igreja) os temas vão mudando, a saber: de 298 cânticos, 69 são à Virgem e Deus é tratado como Amor, Beleza, Altitude, Pecado, etc. Mas ultimamen-

te passou a usar-se mais o termo Senhor. Os cânticos só descrevem a vida rural: viudeiras, celeiro, etc.. de 1910 a 1960 quase foram varridos dos Cantos palavras como pecado, temor, cólera e outros que tais.

Os de 1960 já não falam em Virgem, Ajuda, Céu, Revelação.

E aqui na nossa zona, que evolução houve? E que significa ela? Longe nos levaria o teólogo africano — e os da nossa terra caso se pusessem a tratar questões de hoje em termos de Teologia. Vejam se se deixam ultrapassar pelos do Benim, Zaire, etc.

SE SÃO METÓDIO

Vi no jornal que o Cardeal checo protestou contra umas directivas lá do sítio que dizem: estorvem quanto possam as festas comemorativas do chamado apóstolo dos Moravos.

Se as gentes deste Portugal raciocinassem, haviam de ter uma palavra para tratar deste grego, padre, monge, bispo e arcebispo que os checos querem comemorar. Porque lhe devem o ser cristãos os checos (até os Boémios) os húngaros, os da Silésia, muitos da Áustria, que

tudo foi a grande Morávia, que teve rei, nos anos 860 a 885, em que faleceu.

A ele e ao irmão, Cirilo, se deve a escrita russa — foram inventores de alfabeto; e a tradução e adaptação de livros oficiais, litúrgicos, do então patriarcado católico de Constantinopla. Parece que os liturgistas franceses o foram acusar ao Papa do tempo por mudar os textos, ou a língua, da liturgia; teve de ir a Roma (880) justificarse, mas o Papa concordou com Metódio. Segue-se então que ele é para os Moravos um pai na fé — como Martinho de Dume o foi cá, fundadores. Mas Braga não sabe nada de Metódio.

Cá estava-se nos começos da Reconquista, fundavam-se mosteiros como o de S. Romão de Neiva e não longe dele é o documento de Rio Covo, Barcelos — ano de 900 e tal.

Também Metódio foi metropolita — como o Martinho de Dume (até isto o aproxima de nós). A liturgia de Metódio que identidades tem com a de Braga? Que relatos (vestígios) haverá de Metódio numa Áustria, Polónia, Hungria, Checos, Bulgária? De 60 a 85 são 25 anos duros: os Papas eram-no pouco

mais que 2 anos, vinha de trás uma centena enorme sobre como explicar a Eucaristia e a condenação de uns contra o Céu para outros; ainda no seu tempo havia um governo a proibir tudo quanto fosse imagem, esculturas, relíquias, e o mais, dos Santos, doutrina que andou pela França e levou um bispo de Turim (Itália do Norte) a expulsar das igrejas as próprias cruzes de Cristo — e mais não fez porque o povo de então lho não permitiu. Este de Turim foi Lutero 700 anos antes de Lutero nascer.

E aqui temos como a nossa cultura de visão do mundo estará espalhada — e foi causada — pela Liturgia de Braga e os Cânticos do Dr. Faria, Benjamim Salgado, Padre Alaio (um génio musical) e tantos outros cantores e poetas deste povo minhoto. Mas aqui (só Deus sabe o futuro) ainda não circulam ordens para estorvar o milenário de Metódio. Nós é que nem o comemoramos ou sequer falamos dele: nem liturgista, nem vulto ad gentes, nem inventor nem pai de muitos crentes. Pois bem o merece e por isso lhe dedico quanto aqui vai.

Acácio Torres

7a. valores

Os mais filosofantes dizem-me já: — então não as dê. Qualquer notícia se pode situar numa escala, ou escadório, de valores, desta forma: para uns, por exemplo, os abastados, nada vale, não interessa, zero; para outros, vale uns pontinhos, poucos, 20 pontos; os novos dão-lhe 50 pontos e as muheres, quase todas, 100 pontos, o máximo da tabela. Dizem-me agora para que cargas d'água é que as opiniões são tão diferentes! Soc, neynhee.

Por exemplo, dizem em Lisboa uns: ganha o Freitas (sim que o Eanes está no fim e os malandros não permitem nova candidatura!); e outros: Freitas? Era o que faltava! Só o Mário Soares tem viabilidade e logo à 1.ª volta. Sa. Ha. Soc. d. Guarda

Vejam este documento, feito em Braga no ano 572 (há 1400 anos):

— 1.º) os bispos visitem as suas dioceses; — 2.º) os clérigos não sejam violentados como escravos; — 6.º) Não consagre templo que alguém levante em terra sua época seu único benefício — 7.º) seja excomungado (expulso) quem acusar um clérigo e não provar a acusação. Ao todo 10 regras; é uma lei que nos interessa e que a assembleia de bispos (Braga, Porto, etc.) criou no concílio de 572. Exame:

Mostra essa lei que em 572 havia ainda pelas nossas aldeias muitos e muitos nem sequer baptizados, pois que ordenou (art. 1.º): aos catecúmenos, ensinar o Credo nos 20 dias anteriores à Páscoa. E em 572, quantos por cento dos da hoje Vila Cova ou de Galegos ou da cidade (Barcelos) seriam já baptizados? Boa pergunta! Vejam se alguém sabe responder. Aviso que há muitas respostas na obra que segue — e todas as fabriqueiras deviam comprar, para a freguesia: é o Dicionário de História da Igreja em Portugal.

Concluo e parece que bem: em 572, havia bispo aqui, bispo ali, que se limitava a viver na cidade (o centro) não ia pelas freguesias crismar, etc.. Senão, não faziam a lei a mandá-lo sair do Paço para os matos. O povo, mesmo os já baptizados (aos outros os bispos não comandam), andava a fazer deste ou daquele padre, gato-sapato, ou criado! Pior: um escravo, só

com direito às sopas! Ag gente destas nossas bandas seria ainda tão crua? É claro que os violentadores eram os poderosos. Outra: sujeitinho houve — e não eram os falhos de pilim — para quem era chic ter capelão e capela em sua casa. Alguns, por devoção, é claro. E os bispos: de futuro, ou a capela é para o povo todo ou não será benzida (só para uma família é que não). Ora nem a Arqueologia nos mostra, nestes sítios, sinais de templos que fossem erguidos há 1400 anos.

Logo: não vi o que tenha sido o Cortejo Histórico — agora nas Cruzes, em Barcelos. Mas vejo-o louvado e folgo por isso. Que objectos, pedras, telhas, missais, testamentos, cartas, etc., há em Vila Cova — ou outra — que nos mostre o viver dos nossos Mortos? Guarita 16/85; veio 14/68.

Por falar em mortos (os nossos antepassados)! 1.º) Conta a História da Guarda que a Confraria das Almas, lá, já existia no ano 1486 (há 500 anos) e chegou a ter 50 mil irmãos; no passado ano de 1954, tinha ainda 13.000 — com esta diferença: «espalhados por todos os continentes» (pg. 339). Portanto, quase em todos os países do Mundo, mesmo entre aqueles que a TV mostrou, quando o presidente Reagan cá esteve (10 de Maio). Em todos os continentes: como os Gregos levavam da terra as brasas quando emigravam, os nossos levam a ideia de rezar pelos falecidos. E o 2.º: No Japão e na China, a religião deles consiste em venerar seus mortos. Não sei bem porquê, mas tal culto foi proibido aos baptizados lá do sítio. Ora vi agora em Maio uma revista a informar que os bispos do Japão publicaram um guia (livro) sobre o culto dos mortos (no Japão). Gostava saber de que se trata.

Ainda por comparação com as nossas freguesias: Vi que se fala agora muito em catequistas profissionais (nas terras de Missão); mas se bem li, nos anos 1690, o nossa São João de Brito já os utilizava na Índia Oriental (Maduré). Vi agora na tal revista que uma vilória em Angola, não vê o padre lá ir desde o ano de 1976 (quase 10 anos!). Mesmo assim, há lá su-

Do extremo interesse da Arqueologia

Há já muitos anos que me confiaram a 1.ª classe de História dos liceus, que era o antigo 3.º ano. Dirigi a classe de tal modo que em Abril tinha dado toda a matéria. E feito isso, distribui a um grupo de alunos a feitura de um trabalho escrito sobre túmulos, a outro, sobre guerras, etc. Sairam-se bem.

Falando de túmulos ou sepulturas quem for a um cemitério como o de Barcelos, se reflectir e estiver atento, tem muito a escrever sobre os túmulos dos principais barcelenses. Por outro lado, a televisão mostrou há dias os estudos que há feitos, e engenhosíssimos, acerca do famoso Santo Sudário. E a Páscoa fez-nos ouvir os relatos ligados ao túmulo de Jesus Cristo, a saber: a) que era sepultura virgem; b) mas foi emprestada a Jesus Cristo; c) que a fecharam com uma pedra rolante; d) que o corpo de Cristo saiu dela, de novo vivo — glorioso. É a Ressurreição.

88-80679

Vi agora 3 volumes de uma colecção chamada Civilizações Desaparecidas: 1 trata dos Megalitos — enormes monumentos em pedra, outro das civilizações das Estepes (hoje da Rússia, e Mongólia) e o 3.º da civilização da antiga Núbia (que implica a do Egípto). E por causa dos da Estepes, fui rever o volume 37 da colecção História Mundi — que é sobre os Citas (gente que viveu pela Ucrânia soviética).

8 Barc. 25/4/85

DOS CITAS

Qualquer pode verificar que a História das gentes que na terra já houve é muita curta — só abrange o período desde há uns 4 000 anos para cá. Por exemplo: sobre os citas, o autor inglês, refere 2 autores gregos, o maior, Heródoto. E antes de Heródoto, como foi a vida e obra dos Citas? É aqui que intervêm os Arqueólogos. Como? Descascando a terra e procurando túmulos. De facto, desde a Inglaterra até à Coreia do Sul, encontram-se pedras ao alto, postas por mão de homem, às vezes, várias; outras vezes, uma só. Em França, há um sítio onde tais pedras atingem vários metros de altura, estão às fiadas, num campo de 3 000 por 100 metros. E a gente pergunta-se: que significam estas pedras? Assinalam sepulturas? São observatórios astronómicos? Quê? Por isso dizia um abade autor: pedras, falem! Digam-nos o que sois! Mas não falam.

No caso dos Citas, os arqueólogos foram-se aos túmulos de perto de Kiev, da Crimeia, do rio Don e pelo que lá acharam, deduzem o que os Citas foram. Assim, torna-se evidente que lá para trás da História onde ela fica muda — que é desde Adão até aos 1.º escritos — só podemos recorrer à Pré-História para descobrir o que é que fizeram os povos que a terra já teve.

(Segue na 4.º página)



Do extremo interesse da Arqueologia

(Vem da 1.ª página)

de 10-31

III

Este livro está muito bem feito: data de 57, foi cá traduzido em 74, atrasadíssimo. O Inglês cita autores da Hungria, da Checoslováquia, da URSS, da Grécia, da Finlândia, da Suécia, da França, da Alemanha, dos Estados Unidos. Portugueses, não! E quer sustentar que os Citas deixaram rastos nesses países todos. Não acredito muito, mas temos de concluir que no Mundo antigo, já havia objectos fabricados por exemplo na Pérsia e que iam parar à Hungria. E assim por diante.

E bem sabemos que os Mongóis tiveram um império tão medonho que ia da Jugoslávia à China, capaz de reunir — e reunia — 250 mil soldados em combate! Os Citas eram mongólios. A sepultura desses chefes era solene, às vezes secreta, e não ia só: sacrificavam a mulher e outros sujeitos para serem sepultados com eles. É o que os túmulos Citas mostram. Para não irem sozinhos para o outro Mundo! E diz o autor o seguinte (pg 179): «A toda a rapariga eslava, que ficava noiva, cabia fazer uma toalha ceremonial... para oferecer ao noivo... Na Jugoslávia, muitas roupas usadas ainda hoje conservam pormenores que podemos relacionar com o trajo Cita».

Concluo eu: se é assim por lá, há-de sélo por cá. O nosso vestuário de que gentes derivou? Que nos diz a nossa Arqueologia?

IV

3.4 Barc.2574/85

Os Judeus sofreram uma grande revolução quando Deus resumiu toda a Moral em 10 regras. Só eles as tiveram. Mas não as ensinaram a mais povo nenhum. Os Citas aprenderam dos gregos; dos Judeus, não.

Por isso, houve citas a casar com viúva (ex-concubina) de seu pai!

Livro bem feito, disse. Até traz um Mapa com as estações arqueológicas como essa de que tanto se falou em Galegos, agora silenciada, foram desenterradas cidades anteriores, a Jesus Cristo, tais como: Neápolis, Ólbia, etc., a 1.ª marítima e a 2.ª ribeirinha (como Barcelos o é porque à margem do Cávado). Foi também a Arqueologia que nos deu o que foi a famosíssima cidade de Troia (hoje território turco).

CONCLUSÃO

A Arqueologia mostra-nos quais e como foram as gentes antes que de si escrevessem e todas na mão de Deus. A Arqueologia só confirma que Deus a todas criou, ideia que as melhores cabeças que já houve (filósofos) nunca suspeitaram. Mostra a loucura dessa teoria que se chama Evolução e com a qual o ateu quer provar que Deus não há nem nada criou, teoria obsoleta — que um Catedrático inglês vem a Lisboa estes dias refutar mas que é propagada na televisão e em quanto é livro escolar, pelo menos esses. Como assim se nada há que, de boa fé, surgira sequer a tal Evolução? Mas o homem é tão inteligente que até é capaz de negar que há sol!

Deste modo, mostra o livro dos Citas que, até os soviéticos se afadigam a resolver mamoas, cabeças, etc.: pôr as pedras a falar, que a Arqueologia é bem necessária.

SOBRE POLÍTICA INTERNACIONAL

OS ALBANESES

I—O Portugal pós 25 de Abril criou em Lisboa diversas associações que todas vão dar ao mesmo, amizades com gente governada pelos comunistas. Por exemplo: associação Portugal-URSS, Portugal-Albânia, etc.. Valia a pena saber quantos e quais são os de cada confraria. Que eu saiba, Portugal nunca teve laços especiais com a Albânia, um país que tem menos de 100 anos, bastante falado, mas de pequeno peso no grupo das Nações.

Vejam o que ela é: 1) fica a oriente da Itália, separada desta por braço de mar, a zona a que pertence chamam-lhe Balcans, tem por vizinhos terrestres os Gregos e os Jugoslavos, extensão de 1/3 de Portugal e 1/4 da nossa população, diz-se a si própria país das Águias porque o povo vive em terras altíssimas, falam o albanês que não é língua eslava, como são as dos Jugoslavos até à Rússia; 2) ao contrário dos Sérvios, Croatas, etc., não são povo invasor—mas não chega cá a Arqueologia albânea. Governaram-nos os Rómãos, depois o império de Bizâncio, a seguir os Turcos (desde 1400 a 1900).

Resultados: a) quase todos os Balcans seguiram o Patriarcado de Bizâncio—contra a Áustria, Alemanha, Polónia (e nós) que seguimos o de Roma; b) quando Bizâncio fez cisma com Roma (anos 1.000), a Albânia cismática ficou com os Turcos (muçulmanos) que trocaram Cristo por Maomé.

Daqui que: 1) se na Jugoslávia uma tribo ficou com Roma (a Croácia), outra (a Sérvia) ficou com Bizâncio, mas a Grécia é quase toda de Bizâncio. Por isso: se a Jugoslávia tem 31 por cento de Católicos, a Grécia só tem 1% e a Albânia 10%. 2) se na Grécia foram só uns 5% que se passaram para Maomé, na Albânia passaram-se para ele 70%!

Porquê esta diferença? Obra 27/4/85

II—Comparando com a Europa, vemos esta evolução: 1.º o Império (Romano) fêz-se católico e a Europa virou católica; 2.º Meio Império (Bizâncio) fez-se cismático, e o Europa Oriental (Gregos, Búlgaros, Romenos, Russos) caiu no cisma (que não há meio de findar); 3.º a Europa Oriental caiu sob governo maometano—e foram muitos os cristão que passaram ao Islamismo (o mesmo se deu em Portugal desde os anos 700 até 1200); 4.º A Europa Oriental, cismática, caiu sob governos comunistas (desde 1945) e pergunto se os povos de lá não virão a ser todos ateus, como a Albânia virou maometana.

(Continua na quarta página)

SOBRE POLÍTICA INTERNACIONAL

(Continuação da 1.ª página)

III—Curioso o caso da expansão maometana: começou há 1.300 anos e fez maometanos países inteiros, outrora cristãos (Turquia, Tunísia, etc.). Os Portugueses já encontraram maometanos até em Malaca, Java, etc., (em 1500). É uma religião do agrado dos homens. Por isso, ser ela falsa, não a impede de dominar 800 milhões de pessoas. E vai aumentar. Até quando permitirá Deus isto? Paulatinamente até conquistou 70 por cento dos Albaneses!

IV—Os Impérios do Mundo foram: o de Roma, o de Bizâncio, o Germânico (desde os anos 800), o Turco (anos 1300 a 1900), o Inglês (1700-1900) e agora só dois: América contra Rússia e vice-versa. Ora um deles tem de cair (como todos os anteriores—Roma, Turco, etc.), cairam. E a Albânia, que aderiu ao russo, fugiu depois para o chinês e actualmente, nem esse: está só no Mundo. Cheia de basófia. Até ver. Hoje, qualquer tem menos dificuldade em a conquistar do que a que os Turcos tiveram, apesar de tão altos montes.

V—Outrora era a Dalmácia. Se não erro, já nos anos 1200 tinhá 6 dióceses, católicas. Acho que ainda as tem. Mas desde 1945, são igreja do silêncio e terão apenas 10 por cento de católicos. Desde 1919 exigiu ao Patriarca de Bizâncio ter ela seu patriarcado (cismático). Há 3 ou 4 anos circulou aí foto de um padre católico, enforcado por ter baptizado uma criança. Em 1949, diz um autor, ainda lá assistiam os Jesuítas. Depois... O chefe do partido e do governo era o Dr. Hoxa, um ex-muçulmano, professor, formado em Paris, guerrilheiro anti-Hitler como Tito o foi na Jugoslávia. A Albânia quer (e não consegue) que a Jugoslávia lhe devolva a província de Kosovo. Das 6 dióceses nem uma tem bispo, que o governo não deixa o Papa nomeá-los. Se os há, são secretos. Os que havia morreram a trabalhar em minas. O que era da Igreja foi nacionalizado logo em 1946, calcula-se que ainda haja lá 300 mil católicos. Toda e qualquer religião (mesmo Maomé) é proibida desde 1967. Só em 46 matou 20 padres prendeu 40 e profanou (tornou armazém, etc., como cá em 1910), 327 igrejas ou capelas. Todavia, vi há tempos um livro (o caminho—e é da Opus Dei) que informava ter sido traduzido em albanês!

VI—Ora o tal Dr. Hoxa morreu agora a seguir à Páscoa, com 76 anos, mais 2 que o Padre Kurti, enforcado por baptizar o miúdo! E agora, Dr. Hoxa? Mas creio que os Albaneses não vão ter mudança nenhuma com a saída de Hoxa. Continuarão a ser o que João Paulo II lhes chamou: A Heroica Igreja da Albânia.

Obra 27/4/85 Francisco de Almeida

O 25 de Abril, as Cruzes e o Diabo

No Barcelense de 27 de Abril, queixa-se um ilustre colaborador dele, de que lhe chamam crítico-mor. É verdade que não deixa passar nada a que não dê sua trinca-dela: não sem razão, claro; mas parece que Cristo mandou outra coisa, isto é: meter-se na massa e fermentá-la. Ora para isso não pode afugentar a caça, isto é, a massa. Foi o que fez, ao contrário, a senhora M. M. F. S. no Jornal de Barcelos do princípio de Abril, com o título A Mulher: leu na revista católica, Além Mar, uma lenda, (mês de Março, pg. 30) segundo a qual as mulheres são, em todos os campos, 10 vezes superiores aos homens. E vendendo gato por lebre, a nossa super-feminista, veio atribuir tudo aos pobres missionários. Não quero ser crítico-mor (que o diretor do jornal não deu pela fraude), mas lá isso passar sem repor a verdade é que não.

Ora, os feitores do 25 de Abril foram isso: vendedores encobertos da fraude, do dolo, da mentira, da manha, tudo artes do diabo. Como se sabe? Pelas obras.

II J. Bute. 16/5/85

Assim, se os do 25 de Abril, primitivos, vulgo M.F.A. tivessem vingado, já em Barcelos teria deixado de haver Cruzes: foi o que se deu na URSS de 1917, na China de 1949, na Albânia, etc. Deste modo, percebe-se o valor e alcance, até político, das festas como as cruzes: recordar às gerações novas — que todos os anos são outras — o Portugal aderente a Cristo que viveu no século de 1500 e ainda = vacinar as populações contra a ideia de quanto ateu, materialista, feminista, marxista, maoista, leninista, colectivista, aí há — que os há — filhos de Caim, isto é, do diabo.

A este respeito vejo no Notícias de Famalicão, de 26/4, um Magalhães a defender, que se compre, leia e estude o Dicionário de História da Igreja em Portugal. Eu gostaria mais da História dos Portugueses cristãos. Se não puder ser a de Portugal toda, seja a da nossa Arquidiocese (a Sé de Braga). Aqui discordo: antes dessa, geral, precisamos da história de cada Arciprestado. Se esse ainda for enorme, ao menos a da nossa freguesia — que os párocos, arciprestes e arcebispos têm descurado. Importante porquê? Porque os do M.F.A. querem lavrar os cemitérios, quebrar as cruzes (na URSS foram igrejas à bomba,

Pois o diabo é isso: fino, astuto e manhoso. É pior do que Maomé o pintou, que foi o de um anjo desobediente e pouco mais. Maomé falsificou tudo. Só que pertencendo ele à ontologia do Invisível, é como as ondas hertzianas ou da T.V.: só com óculos especiais se veem — a rádio e a TV — E Deus não nos deu ainda óculos desses. Também não é a figura de homem elegante que os romances do século de 1800 pintaram. Acredito que deva ser verdade o seguinte, dito por um convertido: 1) que ele é quem inspira a todos os humanos que Deus não há; 2) que nem diabo (ele) sequer há — e vai aí uma onda a negá-lo! Ao contrário do que o Homem das Cruzes nos ensinou e provou!

33-55
70.35

O 25 de Abril,^{de} as Cruzes e o Diabo

4. de Abril 16/5/85

3) que o diabo tem quem o adore! 4) que houve mulheres a gabar-se de ter filhos dele! E gostaram dos amores dele. 5) que um filme como o Avé Maria, vinde de França, é obra inspirada pelo diabo; 6) que ele toma aparências até de santos frades, como um de um vitral em catedral da França. 7) que é ele quem sugere que o Paraíso é só na Terra (como Marx disse); 8) que há ricos que o são por terem trocado — ao diabo — a alma por notas.

Assim não admira que um médico alemão, pregasse já em 1795, o que segue = 1) nunca fales verdade; 2) nunca aceites que algo pertence a alguém; 3) serve-te da rectidão dos outros; 4) instiga todos a que façam mal; 5) não ames ninguém; 6) faz infeliz quantos possas; 7) sé lógico e nunca reconheças ter feito errado.

Por isso, diz ele: todos os poetas, pintores, romancistas, têm algo de diabólico. Os romancistas desde 1800 preparam a revolta, contra tudo e todos, à Satan. Byron e Leopardi e John dos Passos e o autor (inglês) de Leviathan (1651) e Kafka e Mann são inspirados pelo diabo, tanto como as Escrituras o foram por Deus! Que o diabo se esconde na Arte e até na Música, como foram os casos de Tartini (1713) e Paganini (1840).

Pois bem: como é isto que esquecemos as cruzes (e há tantos à vista de todos) e fazemos as obras próprias do Adversário da Cruz? Pois claro! Não o vemos aí pintado, nem o rabo, os cornos ou as patas dele. Mas vemos tantas e tantas obrinhas dele! No cinema, etc., etc. O pior é quando se apresenta com capa de santo, como o namorado à pequena, ou a víbora ao rapaz casadoiro ou até casado ou mesmo ao padre — até no confessionário se atreveu a convidá-lo para o mal.

Conclusão: Há imbecis em muita banda e de muitas cores. Não sejam «imbeciles». Sério, absoluto, só Deus. No 25 de Abril não parece que Deus tenha estado, mas permitiu aos da outra banda fazer quanto fizeram cá na massa portuguesa. Foram eles o fermento, lá continuam. Não espero bani-los; só quero que os fermentos bons, que os há, sejam mais eficazes que os do diabo. Ao menos, tão poderosos. Se fizeres o bem, ele o desfará quanto possa. Logo: no mal que crie desfaz quanto alcances. Como? Ensinando a sá história das gentes do teu cemitério, das cruzes da tua aldeia, dos males que o diabo operou nos que conheces. Que as Cruzes neutralizem o diabo e o seu encoberto 25 de Abril porque ainda não é verdade o que me dizia o empregado que me servia a bica — 25 de Abril? Isso já acabou! — Não é verdade. Mas por hoje, de crítica, bastará.

25/4/84.

FRANCISCO DE ALMEIDA

AS MULHERES E O MÊS DE MAIO

(Continuação do último número)

*Vem de
pt 8-32
vem 12/45. 5*
Contava-me, há dias, um sujeito do Gerês que a imagem de Fátima percorreu a Polónia, há anos, a par da fronteira oriental (Russos). E que foi uma maravilha ver tanta gente do lado russo, ir para os altos, até com luzinhas, para ver e acompanhar—como podiam—a imagem da Mãe de Deus! Os comunistas não conseguiram tirar aos Russos a Mãe de Deus do coração. A par da Polónia, o povo é católico, de rito oriental, os chamados Rutenos, unidos a Roma, desde vai para 400 anos. *O Barc 1/6/85*

SIGNIFICA ISTO: Que proponho se estude e ensine como tratam a Mãe de Deus os povos que tiveram o azar, castigo, ou o que é, de ser governados, mandados, espezinhados, calcados, moídos por esses filhos de Satan. Talvez nos ensinem quanto é válida a devoção à Mãe de Jesus Cristo, a grande mulher, ou como dirão os das Áfricas, a Mulher Grande.

Fui procurar nos Autores russos, mas não vi o suficiente porque: 1.º) o que para cá se traduz só trata de Política; 2.º) Temos tido medo dos Ortodoxos; 3.º) Temos o pecado de esquecer os católicos das aberrantes Democracias Populares. Democracia já, diria governo do povo. Hoje são governos do povo popular.

As penas eram estas: se for plebeu—agoites na praça e 3 a 5 anos de galé; se para as Áfricas.

Aqui ficam algumas notas para o mês de Maio.

lar—e isto é estúpido. Na prática, significa: povo submetido a meia dúzia de letRADOS—nem operários, nem lavradores, como eles apregoam.

O meu Autor é russo, exilado em Londres e professor da Universidade. Infelizmente é Ortodoxo, cismático, dos separados Roma, desde há 800 anos. Na obra, que tem 377 páginas, trata de Maria em menos que 1 página, sob o título: **A MÃE DE DEUS**. E começa: «Entre os Santos

(Continua na quarta página)

(Continuação da primeira página)

(no rito oriental), é reservado lugar único para a Mãe de Deus—a Virgem Maria», a que chamam Teotocos (portadora de Deus). E diz mais: «Os seus ícones (imágens) encontram-se por toda a parte». Portanto, parecidos com Portugal. Continua: «os hinos e orações dirigidos a Ela são universalmente usados»—quer dizer, muito frequentes—o que também os Portugueses fazem (Enquanto houver Portugueses, Tu serás...). *O Barc 1/6/85*.

Mesmo assim, os bispos ortodoxos não ensinam ao povo (zangados que andam com o Papa): 1) Que Ela seja Imaculada; 2) que Ela já esteja no Céu com seu Corpo.

A nossa História da Arte tem muito sobre os retratos da Virgem. Os Russos, Gregos, etc., também (ícones que são famosos). Retratam, pintam de jeito diferente dos Romanos, Latinos, de nós.

Ora—e para o meu tema, o problema é este: 1) há, na nossa região, muitas pessoas que conhecem a Arte dos Orientais e por isso têm imagens da Virgem: russas, húngaras, romenas, turcas, armenas, etc.. Porque é que as senhoras lhes não pedem conferências, exposições, sobre a Mulher Grande, agora no mês de Maio? 2) Outros possuem fotos das igrejas e outros templos que esses orientais lhes dedicaram.

3) Outros andaram por lá, em viagens, e poderão contar o que vissem e ouvissem, no referente a Maria. Porque não convidá-los a ensinar como é por lá? Ninguém dirá que isso não é cultura—um sector dela. Estou a recordar que no Regulamento da Inquisição, o último, de 1774, o rei se gabava de ser o protector do culto católico e mandava—para apurar se x era católico ou não—que dissesse a Avé Maria (p. 78). Mas na URSS, o governo protege que se não ensine a Avé Maria (está ao avesso!). O nosso rei castigava, entre os herejes, estes: os que sustentassem que a Mãe de Deus não foi Virgem—antes ou depois de ter o filho! (pg. 167).

As penas eram estas: se for plebeu—agoites na praça e 3 a 5 anos de galé; se para as Áfricas.

Francisco de Almeida

MULHERES E O MÊS DE MAIO

16/85

da; 2) que Ela já esteja no Céu com seu

Corpo.

A nossa História da Arte tem muito so-

bre os retratos da Virgem. Os Russos,

Gregos, etc., também (ícones que são fa-

mosos). Retratam, pintam de jeito dife-

rente dos Romanos, Latinos, de nós.

Ora—e para o meu tema, o problema é este: 1) há, na nossa região, muitas pes-

soas que conhecem a Arte dos Orientais

e por isso têm imagens da Virgem: russas,

húngaras, romenas, turcas, armenas, etc..

Porque é que as senhoras lhes não pedem

conferências, exposições, sobre a Mulher

Grande, agora no mês de Maio? 2) Ou-

tro possuem fotos das igrejas e outros

templos que esses orientais lhes dedicaram.

3) Outros andaram por lá, em viagens, e poderão contar o que vissem e ouvissem,

no referente a Maria. Porque não convidá-

-los a ensinar como é por lá? Ninguém dirá

que isso não é cultura—um sector dela.

Estou a recordar que no Regulamento da Inquisição, o último, de 1774, o rei se gabava de ser o protector do culto católico e mandava—para apurar se x era católico ou não—que dissesse a Avé Maria

(p. 78). Mas na URSS, o governo prote-

ge que se não ensine a Avé Maria (está

ao avesso!). O nosso rei castigava, entre

os herejes, estes: os que sustentassem que

a Mãe de Deus não foi Virgem—antes ou

depois de ter o filho! (pg. 167).

3

O Pico de Regalados e o Padre Vilela da Mota

Por Francisco Almeida

I

Ora cá temos nós uma terra, o Pico, que já foi gente e se vê desde o século passado, suplantado por Vila Verde. Mas devido a uns quantos amigos do Pico, anda seu nome até por Lisboa. Causa? O moto-cross. Já foram ao Pico? Nem por isso conheço o Pico, senão para dizer que é uma terra bonita e farta. Falta-lhe ainda o filho que dela vasculhe e reuna os documentos e os publique em história do Pico.

É que a história de um concelho só se faz, ou deve fazer, a partir do conjunto das pequenas monografias das suas aldeias. No caso, há a monografia do que foi a Vila de Prado.

Mas não basta pois não cobre por exemplo, o Pico. Vejo por exemplo o jornal O Vianense que me traz a notícia de mais um número da revista do concelho de Caminha.

Aqui direi que os nossos concelhos se têm deixado atrasar. Senão vejam: que coisa mais importante do que uma revista anual que fosse, do concelho de Vila Verde que relatasse o que de mais valor se tivesse feito no concelho no ano de 85? Certo que há o jornal, por exemplo este «O Vilaverdense» onde muito se arquiva na roda do ano. Só que, como disse o Dom Prior da Matriz de Barcelos no seu livro agora editado, Reflexões Impertinentes: os escritos dos jornais, mesmo palpitantes, quase todos se perdem. Porquê, pergunto eu?

A razão é esta: quem é que tem pachorra para arquivar todos os números do Vilaverdense ou de outro qualquer? Um por cada 100 mil habitantes, se for.

Daqui que não devem estranhar que eu estranhe falar-se no Vilaverdense tão pouco aos homens da região do Pico e outras de Vila Verde. outrora foi o Prof. Dr. Machado Vilela. Mas foi-se.

Nem estranhar que vos recorde o Padre Vilela da Mota.

II

Era o Padre Vilela da Mota um homem alto, sacudido de carnes, sempre muito aprumado. Viveu na minha aldeia, a terra dos galos, barcelense, que paroquiou durante uns anos. Veio transferido de outra, a de Alberta, onde foi um dos sucessores de um meu tio-bisavô, um abade Coelho.

Conheci o Padre Vilela, de seu nome completo, Manuel Vilela da Mota Barbosa, aí pelos fins da guerra, era eu menino. Dos estudos que eu fiz algo ou melhor, bastante a ele devo. Mas nunca sobre ele escrevi salvo na monografia, pequeníssima, da minha terra, relato telegráfico. Merecia gratidão mais pronta. Vilaverdense 30/6/85

Ora pus-me a rever novos documentos sobre a freguesia e fui dár com um do punho do Padre Vilela. O caso foi este — e nem todas as freguesias terão tido um abade assim cuidadoso, tanto do bem da sua igreja como da história dos seus fregueses.

Por todo o lado, os bens das igrejas e capelas foram nacionalizados, expropriados (roubados) no ano de 1911. A cada freguesia foi um bigodaças da câmara arrolar tais bens. Mas onde parava o arrolamento dos bens da minha terra? Não sei se o Padre Vilela andava à procura dele ou se o achou casualmente. Mas achou-o e copiou-o todo no Livro de Usos de Galegos. E anotou, rigoroso que era: achei o original na Câmara de Barcelos e temendo que se perca, copio-o aqui tal como ele é. Datou a cópia e assinou.

Prestou um valioso serviço à igreja e aos Galegos.

Se fora vivo, que prazer eu não teria em aprofundar muitos meandros e funduras que

v. my
Gabinete
Abogado
Almeida
Vale Lobo
Gantam

aquela cópia tem e não me deixa ver! A última vez que lhe falei foi exactamente por 1959 na sua casa — quinta do Pico. Era um homem culto, atento, sagaz, atencioso, que falava lhamamente com qualquer dos seus fregueses, ao mesmo tempo que preparava, acendia e fumava um cigarro. Até o cigarro o aproximava mais das gentes.

Que eu saiba, não escreveu Memórias: levou-as com ele. E foi pena porque sabia muito embora não tenha chegado a saber o que eu só há uns 5 anos soube, a saber: de um secreto sinédrio que alguns ultras contra ele reuniram, na casa de um corifeu. Quem mais poderá falar-nos deste avantajado picoense? Nada menos que o irmão e familiares que tinha no Brasil e em Galegos o visitavam. E a sobrinha, que com ele convivia, então menina e moça, a Dona Adozinda.

TAREFAS DE EDUCAÇÃO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Aviso que este apontamento se destina mais aos nossos professores do que a outros educadores da região, tais como os párocos e os pais. E lamento que, de quantas faculdades aí temos a tratar problemas desta nossa época, nada transpire para o público leitor. O apontamento foi-me sugerido pela leitura das Conclusões de um livro famoso, embora já tenha 20 anos, a saber: Jean Fourastié — *Le Grand Espoir du XX siècle*, que tem coisas bem mais úteis que uns considerandos de Cruz Malpique num dos nossos periódicos.

Assim: a grande esperança é o aumento, progresso das técnicas, vulgo, da maquinaria. O Autor prova-o assim: na França de 1800 eram precisos 8 em 10 franceses para dar de comer à nação — 80% na agricultura, que passavam a 75%, a 50% e por aí abaixo, cada vez menos nos campos e a produção deles não desceu. Porquê? Máquinas.

E os primeiros que saíram (de 80% para 75% — os 1.ºs 5%) foram para outras máquinas, fora do campo — o êxodo rural. Resultado: a Humanidade come hoje mais 50% do que comiam os de 1800 — está farta, salvo Moçambique, etc. — coisas da Ideologia. O trabalho já não é braçal e antes cada dia mais intelectual.

E daí? Daf os problemas, que disse da Educação. Vejam os títulos que pelas Américas, Inglaterra e França se debatem — e por aí hão-de ver

do que é que precisamos (ver A Criatividade Rouquette — livros do Brasil) e seguem os títulos de obras, e dos problemas:

— A Originalidade de cada pessoa — como medir as diferenças nela. Neste capítulo, que tanto interessa, o que temos é nada.

— Da Intuição: ensaio psicológico sobre ela. — Guia para os talentos criadores (inventivos). Precisamos de divulgar isto.

— Ciência e Super-Ciência.

— Dados que hão-de fornecer-se os Inventores.

— Como se desenvolve (aumenta) um talento criativo.

— A Imaginação enquanto construtora.

— O Processo Criativo é sempre por Associações (traz a terreiro, à colacão).

(Continua na página 4)

TAREFAS DE EDUCAÇÃO

(Continuação da pág. 1)

As redes da Revolução em Ciência.

— A Natureza (o que é) da Inteligência no Homem.

— A Imprescindível troca de notas entre os sábios e entre os engenheiros (problemas que o dito Fourastié também debate).

— Como se estimulam (picam) as faculdades de Investigador.

— Estudo da Criatividade pelo lado Psicológico (só desse ponto de vista).

— Exploração entre Estudantes sobre a relação (ou não) entre ser inteligente e ser inventor.

— Como diversos resolvem o mesmo Problema (o que a Etnologia demonstra, por exemplo: quais são para nós os parentes — e quais para os Maoris da Austrália: são mais complicados que nós; porque é que os Pigmeus castigam o Adulterio com a morte e os do Vietnam, só com uma multa e nós, com nada?).

E ainda: Criatividade e liberdade individual — um tema que na URSS decreto não é grato.

— E agora vejam como os vossos alunos, fregueses, filhos, respondiam a estes problemas, por exemplo:

1) As águas do Mar movem-se. E se não se movessem, fossem estagnadas? Que sucederia?

2) O ovo da galinha é para o redondo. E se fosse de outra forma? Podia ser?

Teria o mesmo poder de defender a clara e a gema?

3) Cada homem é tal que pode dobrar as pernas pelo joelho. E se as pernas da gente fossem inteiiras, mono-pegas, não dobrassem, que sucedia por exemplo quando caísse?

Os temas que aí ficam já bastam para os nossos mais atilados professores irem procurando um ou outro trabalho sobre algum deles.

Não empaturrem os alunos, ponham-nos antes a aprender a peneirar as coisas, coleccionar, medir, comparar e em resumo: o que entre duas coisas é igual e a lista dos dados em que são diferentes. E mais: porque é que a coisa é como é e não é de outra forma? Por exemplo: não era possível o homem ser diferente daquilo que é? Ou a forma que tem é a mais inteligente que podia dar-se-lhe?

25-6-85

Francisco de Almeida

36. 59

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

1. carta

Meus senhores leitores: vou falar-vos hoje de uma multidão de assuntos, de cá e de fora. Ora vejam.

Primeiro: acabo de receber, aí de Barcelos, 2 livros. No maior lê-se isto: Consagro este trabalho... Meu pai perdi-o quando eu ainda não tinha 3 anos; a minha santa Mãe devo, em grande parte, a minha vocação sacerdotal. *A 103 a Linha 31. 8.85*

Daqui, nós concluímos que este padre-escritor ficou órfão, andava ele de bibe. O rebento, o do bibe, que mal terá conhecido o pai, honra-o ainda meio século após a morte. Isto confirma o dito de Correia de Oliveira, poeta de Belinho: quem tem filhos ainda vive, mesmo depois de morrer. Se não forem uns estragados, digo eu, porque sei de filhos que nem aos pais, vivos, ligam.

Agora as donas mulheres: este confessa que a mãe, viúva, o guiou para chegar ao que os livros chamava Homem de Deus, -padre. Aqui direi o segninte: soube agora que uma mãe em Galegos, ordenou agora 2 filhos sacerdotes, para compensar um 1.º que desertou. As mães barcelenses que tomem exemplo destas duas: da mãe que o Autor do livro louva e da mãe em Galegos. Mas de quem são os livros, perguntais. Respondo: do Dom Prior de Barcelos, a quem aqui, penhoradamente os agradeço e louvo pelos trabalhos. É que eu não sei escrever livros — não é para todos, os escritores são raros — e isso mais nos estimula a dar o seu a seu dono: Honra ao Mérito, quero dizer, ao Dom Prior. Além do mais, sendo tamanhas as ocupações do pároco de cidade, onde consegue ele tempo para tanto livro? Parabéns.

Segundo: os 2 livros são de 85. O maior recolhe Sermões desde o ano de 47: em Barcelos, no Porto, em Famalicão, em Braga. E anoto que nem no Porto nem em Braga se chama para sermão maior senão os artistas que voem alto. Eu recordo-me de um que ouvi na Sé de Braga: o franciscano Frei Mário Branco. Só vos digo: que maravilha, voz e tudo! É assim o Dom Prior, vós sabeis. O 2.º livro põe a circular à parte, um sermão que o 1.º também traz sobre este tema: a Revolução de 1640 que chutou os madrilenhos para a terra deles.

Se lerdes os Sermões, tereis isto:

a) que hoje quase só o Dom Prior publica as obras de arte que são os seus sermões; b) vereis que são resumos, curtos que são; c) encontrareis doutrina e arte: Filosofia, Sociologia, História, Teologia. Hoje não é a época de 1640, tempo do nosso maior artista do púlpito. Já leram um sermão que seja, do Padre António Vieira? São um assombro, ainda hoje se editam.

Mas o Dom Prior podia bem ser mais contundente, mais doutrinário, é preciso. A Mãe de Cristo sozinha: mas, e as nossas mulheres e mães,

(Continua na página 4)

70.40

28

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da página 1)

quantas não ficam, sem culpa delas, também sós? O adultério, o divórcio do marido que voa para outra, o sem-escrúpulo dessa fêmea que vos rouba o marido! (1.º livro, pág. 9). Outro sermão trata S. José. Noto isto: Maria foi convidada, aceitas ser Mãe? Disse que sim. Ora não podia Deus fazer tal convite sem convite anterior a José (que era o dono dela). Logo, perguntou ao José: aceitas continuar? Tem de ser em celibato (casto como um Sacerdote, por exemplo, Santo António, S. João do Calvário, o arcebispo do 25 de Abril e o Padre Benjamim — que o livro também evoca (pág. 14, 45, 98 e 115). Evidente é que isto foi duro para o Pai do Menino. Mas ele aceitou o repto e mostrou-se defensor capaz. Ora o que eu vejo é tantos e tantas a recusar passar sem aquilo de que gostam! *A Voz do Minho 31.8.85*

A leitura do livro por-vos-a este problema: eu posso ler um sermão, quer dizer instrução religiosa e civil. Mas nenhum dos 150 milhões de russos, nenhum dos 1000 milhões de chineses, pode ler um sermão.

Terceiro — Um ou outro de-vós já leu a obra de um russo, chamada Nomenklatura. Pesado, mas vale a pena. Agora reparem: o Autor demonstra que é possível viver com toda a gente de tanga: lá, ninguém tem 1 palmo de terra, nem casa que diga sua. Os salários dão para sopa e pão, coisas a vender poucas há. Resultado: ganham mal e ainda lhes sobram notas! Ora mostram os Manuais de Filosofia Moral (cá) que os gerentes russos mentem ao povo (lá); que Lenine falhou como profeta da riqueza russa; que na URSS a ninguém se fala nem deixa falar de alma, de Deus, de Santos. Como é então que temos aqui (Portugal) quem vote nos amigos do governo russo, que os russos (Nomenklatura) tanto atacam? Sempre houve insensatos.

E as eleições? Vai ser assim: P. C. sobe, P. S. baixa e baixam todos os outros — como o Cunhal deseja. E pelo mão do novo P. R. D.

Não me admiro nada porque vi aqui o Frei Alcindo a tecer louvores aos do P. S. — que os Manuais chamam ateus.

Quarto — Não sei — e seria curioso ver — se nas novas igrejas (Japão, Angola, Brasil), também se publicam Sermões. Decerto, sim. Digo-vos esta coisa estranha: enquanto com os Portugueses — 400 anos — só 1/3 dos timorenses se fizeram católicos. Vieram os da Indonésia e — porque será? — Nos 600 mil que são, 300 mil fizeram-se católicos. Em 10 anos. De 200 mil passaram a 500 mil (5 sextos). E decerto, sem sermões. Mas gostariam de ler os do Dom Prior. Oxalá cheguem a Timor, a Angola, ao Brasil e aos emigrantes, que muitos temos.

E porque esta já vai longa, fico-me aqui. Mais uma vez felicito o Dom Prior de Barcelos, até pelo brilho que empresta à catedral da nossa Colegiada. Até porque por este lado nos honra, aos barcelenses.

15-7-85

Francisco de Almeida

39-33
70.41

verso

Mons. ALBERTO DA ROCHA MARTINS

D. PRIOR DE BARCELLOS

Telefone 82451

9.9.85

verso

amor cansado:

Regratulado de Barcelos, em

Porto, para regalo do meu
espírito, a sua apreciação
à minha obra humana.
Sempre gentil e amá.

Vel. o Vauzinho confiante
de que com o seu apre-
ço e com as palavras
sou gratificado. Que
não me fale formal de
Terra-natal perdida, por
índio, destruída a

minha gratidão. Sei
que não mereço tanto, mas,
nem por isso, devo deixar
de lhe agradecer.

Deixe, ficou só puro
meu grande abraço e
disponha sempre de
Te seu grande admirador.

as.

9-09-95

Spur. Mário Faria
Sputin

AS MISSÕES E A LIBERTAÇÃO DOS POVOS

Celebra-se a 20 de Outubro o Dia Mundial das Missões. E afi está uma comemoração que não vem pela mão da ONU e por isso os nossos afadigados jornalistas — que Deus proteja, se puder — dela não falam. Porquê? Porque boa parte deles são intelectuais frustrados, sem coluna nem costelas, carregados de vícios, uns marginalais. A libertação só lhes interessa enquanto seja para criar revoltados, o que em boa parte têm conseguido, missionários que são, pagos por quem lhes dê boas sopas, por exemplo, a K.G.B. *16.8.85*

É esta e outra gente — preciso é proclamar-ló — que, desde os anos de 1960, se afadigou em escrever folhetos e livros contra os missionários católicos. Às vezes, dizem os entendidos, com alguma razão. Que queriam eles então?

Que os missionários fossem embora — de Angola, etc — porque o cristianismo não era preciso aos Angolanos. Que, a ficarem lá, ensinassem a cultivar a terra ou a mover máquinas, que não à louvar a Deus. Que deixassem de ser tutores dos povos, sem o que os povos pagão não chegariam à maioria. *16.8.85*

Realmente, na revista *Além Mar* de Outubro de 85, um dirigente reconhece isto: «de há quinze anos a esta parte (portanto, de 70)... a paz social está a desaparecer; quase todos os meses há um missionário assassinado; agora os bispos são autóctones (negros, amarelos) e temos de obedecer aos bispos locais, que por vezes têm ideias muito diferentes das nossas».

Bom que assim seja: para que o padre de Portugal, em vez de ensinar Portuguesismo — como os políticos da Lisboa queriam — farejem o que de bondade esses povos possuem e elevem tudo ao nível do que Deus quer — a purificação dos povos. Daí que a revista mostre isto, quanto

diocese de Nampula: 2 milhões de negros, o bispo é branco, Vieira Pinto, e foi promovido a arcebispo. Mudou de métodos: de 74 a 84, só criou 2 novas paróquias (52 para 54), mas formaram-se quase 1000 mini-paróquias, com chefes leigos, já que, se em 74 tinha 92 padres, 41 Irmãos (frades) e 167 freiras, após as fugas de 75, ficou com 40 padres (3 nativos, pouquíssimo), 17 irmãos e 84 freiras (metade das de 74). Como estes sujeitos são inventivos, adaptam-se bem às novas situações. E assim é que é, para honra de Portugal, na pessoa do nosso conterrâneo, arcebispo Vieira Pinto.

No caso de Moçambique — e de quase

16/X 70.42 40
tudo o resto — obteve-se a libertação política. Difícil é o caso na África do Sul, dado que as diversas etnias negras (zulus, etc.) se temem umas às outras. Mas agora, como obter a libertação da fome, do medo, da guerra, da ignorância? Isso levará mais tempo, séculos. Ou é que Portugal já se libertou desses males?

Ora Vieira Pinto e outros andam por aquelas terras de Além Oceano por querer, de graça, com sacrifício. Os Portugueses têm que saber destes homens e mulheres, nossos, que por lá andam. Certo: para muitos, isso é perder tempo; para outros, é essencial à felicidade dos povos. Porque, que vale a um sujeito chegar a ter tudo no Mundo se, no fim, cair no Inferno? E a verdade é que, contra os jornalistas que acima disse, temos muita gente de ânimo e coração ao lado dos missionários. *16.8.85*

É verdade que a revista *TV-Guia*, por exemplo, se gaba de ter 250 mil assinantes, enquanto esta, *Além Mar*, só tem 25 mil (10 vezes menos). Mas é alguma coisa. É verdade que há aí em cada freguesia, grupos para tudo, mas não há o grupo motor dos adeptos das missões. Mesmo assim, a verdade é que, em 84, os Portugueses deram, para as Missões, 27 milhões de escudos, o que dá 25 tostões por cabeça (somos 10 milhões). Não sei se é muito, se é pouco, comparado com o que deram Irlandeses, Americanos, Italianos, etc.. Hei-de ver isso e depois digo-vos.

A razão é esta: mostra a revista a freira Ana Monteiro, que é de perto de Bragança, a ensinar numa escola de Sudão (catequese e o mais até à Universidade). Dizei-me: — quem paga o sustento desta nossa Ana? Temos de ser nos, via Santa Sé. Do mesmo modo, nos cumpre sustentar o arcebispo de Nampula. E por exemplo, a freira Maria Isabel, de Felgueiras (Guimarães) que missiona no país chamado Chade (África). Esta relata como faz: vai chamando as mulheres da zona, ensinando-lhes artes domésticas, etc., o que torna os maridos delas todos inchados! O que significa que não são capazes de ver o bem puro, a fé em Cristo, senão aliciados. Mas é a estes, que Deus nos manda tratar como a nós próprios.

É verdade que os sujeitos, homens, são pouco sensíveis a esta conversa. Será por isso que a revista mostra isto: dos 416 mil leigos católicos que há no Japão, elas são 247 mil, mas eles, só 169 mil; quer dizer: eles são 1 terço e elas 2 terços (elas o dobro deles!). Porquê?

Por outro lado: cuido que em 84, Portugal não adquiriu 90 freiras novas. Mas foi de 90 o aumento de freiras Japonesas, do ano de 83 para 84. Concluo: precisamos em Portugal de corrigir umas coisas para ajudar melhor os povos.

Duas palavras sobre Missões em 85

Francisco de Almeida

Em Famalicão há uma casa de missionários, talvez só uma. Isso basta para que no Notícias de Famalicão (jornal), a cada passo se

(Vem da 1.ª página)

Ora isto de Missões é coisa que outrora esteve quase só ao cuidado da Cúria Romana. Como é que até aos anos 1600 quase se não falou em Missões? Os da Cúria convenceram-se, do erro, de que tudo era católico nesta Europa. Com Lutero se viu que era só baptizados e mal. Se assim não fora, não se teria chegado a 1920 com tão pouquíssimos católicos como 2700 na Noruega, 4000 na Suécia, etc.

Quem em 85, olhar para as Nações da terra, fica pasmado com a divergência de percentagens dos católicos. Assim = 1.º) repara que estão fechadas aos missionários estas terras = Rússia, Checos, Hungaros, Búlgaros, Abanenses. Quase fechadas todas as terras de Maometanos = Marrocos, Mali, Paquistão. Fechados ainda de todo = Tibet, Nepal, Coreia do Norte, Vietnam, China.

As percentagens são deste teor (católicos): Argentina — 93 por cento, Canadá — 45%, Dinamarca — meio por cento (em 1920 só tinha 25 000 católicos), Etiópia — 7 por mil, Formosa — 1,7%, Gana (África) — 4,9%, Hungria — 62%, Índia — 1,6%, Japão — 3,5 por mil, etc. Evidente é que há motivos humanos, históricos, para explicar como é que um tem 93% de baptizados e fiéis a Roma (há os infieis, que são os protestantes) e outro, como o Japão que nem tem 1 por cento. O certo é que mesmo no Nepal — fechado — vivem 200 católicos antigos.

Suponhamos que os fechados se abriam (China, etc.). Se isso acontecesse, não haveria missionários (que sempre são religiosos e freiras — mas isto é invenção recente) para remeter aos chineses, logo território tão e tão vasto. Por isso os Papas apelam para as rectaguardas

publiquem novidades de povos longínquos.

Em Barcelos há pelo menos 4 casas de missionários de diferentes ordens, mas boicotaram (ou são boicotadas) notícias das terras onde servem. *Barc 24x85*

O Papa escreveu umas notas para o Dia Mundial de Missões em 85. Nasel assoma a ideia de o Mundo ser um campo de batalha: Roma, a Europa, são a rectaguarda; a Amazónia, Moçambique, o Sudão, são as 1.ªs linhas de combate. Boa imagem porque assim num exército há o povo, que trabalha, o soldado que combate, o general que comanda e o quartel general que planeiam, quanto a Missões, que é um exército de milhões de pessoas, há toda essa gente empenhada. Mas o povo quase não sabe desta guerra.

estes rapazes são extremamente criativos e vai daí surgiram ordens novas na Índia e até nos Camarões e em Angola, etc. Acham estes novatos que os Europeus estão gastos e precisam de freiras e monges ao jeito africano, indiano, etc.

Agora é que a gente começa a entender porque é que os religiosos ficaram cá, sem bens, desde 1834. Foi um crime. E todavia... Acho por isso que o sistema russo

das, católicas, sejam de Portugal, sejam do Japão e o apelo é este = olhem que falta catolicizar uns 3 bilhões de pessoas, preciso que me dêem mais agentes, combatentes, pregadores e ajudantes (freiras) que eu possa mandar para as 1.ªs linhas — lá para os sítios onde as gentes são pagãs ou de outras religiões que não a mandada por Cristo.

Por outro lado, a Cúria Romana (conselheiros do Papa) atrasou-se em formar sacerdotes e bispos, tirados dos povos já aderidos a Cristo. A prática lhe fez corrigir o erro e é assim que para cá de 1820, Roma mudou de política missionária. Daí que, por 1950, já a Índia tivesse 1 308 padres nativos (contra 1 296 estrangeiros) e uns quantos bispos indianos. Hoje têm de ter quase só nativos, que o governo indiano não quer lá estrangeiros (a fobia aos de fora). Os padres indianos vão em 11 000 e os bispos em mais que 110. Isto significa que a Índia já pesa em Roma 5 vezes o peso de Portugal.

Outra viragem = até há anos só na Europa, quase, havia religiosos e religiosas, longa tradição que em Portugal vem pelo menos dos anos 500 (S. Martinho de Dume). Mas

é providencial, neste sentido = não sei o quê nem como nem quando, mas sei que Deus vai tirar daí boa colheita. O caso é que padres e freiras, com bens cá, não se resolviam ir pregar para longes terras. E agora, sem bens, fazem-no. Ainda agora, a Além Mar de Outubro nos mostra um português (padre) com seu jipe no Norte do Zaire, uma portuguesa (freira) no Chade e outra no Sudão. Outrora, eram os bens da Ordem que sustentavam as despesas dos missionários. E agora? Elas não têm bens. Então?

É o povo que aguenta tudo isso: viagens, anos de formação (não nasci ensinado), sustento lá nas missões.

Para isso, os portugueses deram em 84, 27 mil contos — Braga 2 500, pouco porque Macau, bem menor deu quase 600 contos. Quer dizer = o Papa apelou a que se desse para as Missões, mais que os 25 tostões por cabeça, de 84.

Os 800 milhões de católicos não podem dar 800 milhões de contos por ano, mas os que têm dêem aos que nada têm (e são muitos).

É com ajudas destas que o Japão já consegue dar missionários ao Brasil, a Índia à Etiópia, o México à África, etc.

Não cabe aqui muito mais que o já dito. E acho que basta para que criéis devoção por esta maravilha que são as Missões católicas.

Uma Ronda pelos Jornais da Semana

70.44

FRANCISCO DE ALMEIDA

Para governo dos nossos leitores, digo já que nesta semana só comprei jornal diário na Segunda-Feira a seguir às eleições. Nem tive tempo nem interesse no dos outros dias (hoje são 11 de Outubro). A ronda versa notícias várias e jornais provinciais. *Cara-Sar-25-X-85*

Por exemplo, o Cardeal de 4 de Outubro; não me chegou a tempo o convite para as festas do «Cardeal Saraiva» e como não morro por viagens, difícil me seria comparecer. Agradeço o convite. E reparei ao ler o editorial Feiras Novas, no que de feiras escreveu a falecida católica, Virginia Rau e o economista Armando de Castro. A 1.ª lá refere a lei que criou feira em Ponte de Lima — há 1000 anos. Logo: feira velha. Porque lhe chamam feiras novas? Por ser a das colheitas: pão novo, vinho novo. O Dr. Armando de Castro pretende ser um historiador da Economia. E nesse campo escreveu um livro que só peca na parte em que arranca de preconceitos. Chama-se Portugal na Europa do Seu Tempo, quer dizer, uma obra onde percorre dados de quase todos os países europeus, entre os anos 500 e 1500. Até a Rússia.

Valioso pelas informações que ali juntou, a partir de obras históricas de cada Nação. Por exemplo: 12 volumes de Reliquae Manuscriptorum — acerca da Alemanha; e 6 volumes da Áustria, outros sobre o Império de Bizâncio (até aos Turcos), etc., etc. (veja a pg. 15, nota).

Alguns problemas que cito: porque foi que todos os povos admitiram os chamados Nobres? Como explicar que em todas as nações tivesse havido

alguns escravos? Porquê e para quê todos fizeram feiras? Ensina-nos que já nos anos 1000 havia sujeitos tão livres, tão livres, que iam desde Portugal vender coisas à Pérsia, à Moscovo, etc., etc. Quer dizer: mais livres que o russo, o chinês, o coreano ou o checo de 1985. Estes andaram para trás na roda da civilização. As feiras são o local de encontro de homens livres. Limitados a um passe de 40 quilómetros, os moscovitas nunca poderiam vir às Feiras Novas de Ponte. Nem um limiano consegue percorrer o mercado; se o há, da Lituânia de hoje, tão falada por Armando de Castro.

Isto são factos e não me interessam o que significam, a interpretação — que nisto, a leitura, as coisas passam-se como na política: cada cabeça, sua sentença. Mas das feiras que ontem foram, eu pergunto: ainda têm razão de ser? Os tempos vão muito alterados, como o programa na TV. mostrou: os rombos que a TV. provoca.

Outra constatação: vi votos de algumas freguesias e só me interessam agora os dos pequenitantes. Vejam-nos para Barcelos: UDP — 615, PSR — 338, PCTP — 211, PC(R) — 163, POUS — 118.

Para Famalicão, freguesias: Lousado = POUS — 2, PCTP — 8; Gondifelos: UDP — 9, PDC — 8, PSR — 6, POUS — 4, PCTP — 2; Louro: PSR — 6, PCR — 4, PDC — 16, PCTP — 4. Em Esposende: Palmeira = PSR — 4, PCR — 1, PDC — 9, POUS — 2, UDP — 9, PCTP — 8; Marinhas: PDC — 19, PSR — 17, UDP — 8, FUP — 1, POUS — 5, PC(R) — 4, PCTP — 1.

Estes os factos. E podem significar que em toda e qualquer comunidade (freguesia) há sempre gente simpática para que algum dê seu votinho aos pequenotes, como 1 voto ao Arnaldo de Matos — que fala pelos cotovelos e manda o Tomé maio Cunhal para as sendas da amargura. Ou a valorosa Carmelinda que se põe rouca a gritar aos camaradas. Os votantes e os pequenotes são corajosos e tenazes: porque ou conseguem algo ou não. Se sim, ai dos 4 ou 5 grandes; se não, não deixam os grandes em sossego. Claro que Josif Stalin não permitiria este interessante folclore de vozes, ideias, liberdades. O problema está em fixar, se é de fixar, até que ponto cada um pode dizer, na TV., quanto lhe pareça que há-de dizer. Cabe ao povo agir como a mulher séria: aos loucos não dar ouvidos.

Quanto ao novo governo = eles hão-de entender-se que só berram enquanto à Vaca não seca o leite. E vai secando = recordar os quantos salários por pagar, que todos ouvimos. *Cara-Sar-25-X-85*

No dia 8 ou 9 fiquei pasmado quando um advogado, socialista e de muito juízo, me diz esta: o PSD perdeu e bem o mereceu. Ai se fóra agora! Mais lhe valera ceder qualquer coisa ao exigentíssimo Cavaca, de quem o mesmo advogado disse: o povo não votou PSD, o que fez foi votar no homem. Se calhar, tem razão o advogado.

Seja como for, é muito que 1 em cada 4 fiquem em casa; com 25% de inférteis, e mais 26% de duros, temos ai a desgraça das boias q. go-vernará. Já bastaram as do 28 de Maio. Eanes para onde levará isto? Pois o certo é que Eanes com tanto adepto, não tardará em ter vontade de satisfazer os seus. E fazer mais e melhor. O que é que é melhor para nós todos? Por exemplo: os portugueses devem sofrer que cas-tigo? O que mata por querer deve morrer, como lhe faz o lideu? Há ou não há uma Filosofia das leis, do castigo ao assassino?

Uma ronda pelos Jornais da Semana

(Continuação da 1.ª página)

A Propósito do Dia Mundial das Missões

Há países em que o ensino da Geografia não é dado nas escolas do Estado. Só assim se comprehende que um embaixador da América em Moscovo não soubesse onde ficava Portugal. Apesar de pequeno país, para um embaixador, é escandaloso. Pois bem: um dos bons meios para andar a par do que vai pelo Mundo — é aprender Geografia — é ler uma revista missionária: a «Encontro», a «Além-Mar», outras.

Na Além-Mar de Outubro de 85 são relatados casos destes países: o Sudão, Moçambique, Brasil, Somália, Índia, Portugal, Angola, Guatemala, Zaire. O pa-

dre português com esta injusta situação: enquanto Famalicão tem 1 pároco por cada 3.000 habitantes e o raio de 3 quilómetros — um luxo — o padre Abílio, no Zaire tem uma paróquia

de seus 500 mil habitantes e mais que 100 quilómetros de raio. Seguidamente: isto não é tratar o próximo, negros, como para nós queremos.

(Continua na 2.ª pag.)

2000-12-04 10:00:00

Horra sejas contudo ao cor-
respondente de Ribeirão que
transcreveu notícias sobre 3 re-
ligiões da sua terra. Se votas-
semos, eu ganhava esta pro-
posta: que sabão mais os famili-
ares em Ribeirão, do que os de
gostar de saber isso das 3 reli-
giosas, das outras irregulares, a
censas, das segrado sobre 3
que é que no mossc ambiente se
tinha de guardar segredo sobre
corajosas ralatrigas que esco-
heram caminho do qual toda a
gente diz que já se não usas? E
84, o Japão formou mais 90
treiros (90 num só ano), coisa
que Portugal nem sonha? E
a família deixá-las à deriva e ir

a Proposito do Dia Mundial das Missões

V. M. Rito
tel + 7124

7.11.1

O Bracarense Missal de Mateus e os Fieis Defuntos - Acácio Torres

Publicamos a seguir o excelente e belo artigo de Acácio Torres. Antes, porém,

1. Dúzia
um esclarecimento: confundi-me com os elogios imerecidos que me dirige. Pobre de mim... O que acontece é que eu sou um dos poucos mais de dúzia que, em todo o ocidente, se dedicam a estes estudos. Tenho a consciência de saber alguma coisa, mas nada que mereça tais elogios.

1) Vamos a tentar responder: foi o latim da Itália o usado pelo *Missal de Mateus*?

A resposta levar-nos-ia demasiado longe, em todo o caso, a liturgia hispânica serviu-se dessa tradução e, como Braga era parte dela, sem dúvida que o latim primitivo era esse. E o actual ou, mesmo, o do *Missal de Mateus*? O actual, não; o do MM carece de estudo pormenorizado que neste momento ainda não fiz. Estou, porém, convencido de que Braga, como os demais, procuraram posteriormente utilizar a tradução de Jerónimo. Aliás se as leituras bracarense são do *comes* atribuído ao mesmo santo, ainda que, doutrem, sem dúvida que a tradução escriturística também veio a ser aceite em Braga. Quando? É preciso estudar.

Em todo o caso, convém referir que a *Vetus Latina* perdurou no texto hispânico do séc. III até ao X, ao que afirma Fábregas Rau em *Passionario Hispânico*, vol. 1. Madrid-Barcelona, 1953, p. 290. **CV. 7. XI. 85**

Segue o artigo de Acácio Torres, que vem na altura

própria. Não foi publicado na semana dos Fieis Defuntos, por já estar composto o meu e não poder ser substituído.

Eis o artigo:

«Acabo de ler no Cávado de 24-10 o apontamento sobre as origens do falado *Missal de Mateus*. Isso me sugeriu tratar aqui dois temas, tão resumidamente que caiba tudo em uma carta, já que não encontrei outro papel capaz.

O 1.º tema é este: se no nosso bracarense, como escreve Vaz, «S. Lucas e os demais apóstolos figuram no *M. de Mateus* com o texto das origens» e sabendo-se que os Ocidentais antigos (Roma e África) traduziram os Evangelhos, do Grego para o Latim aqui falado, antes dos anos 380, os textos do *Mateus*, são da chamada *Vetus Latina*.

(Conclui na pág. 6)

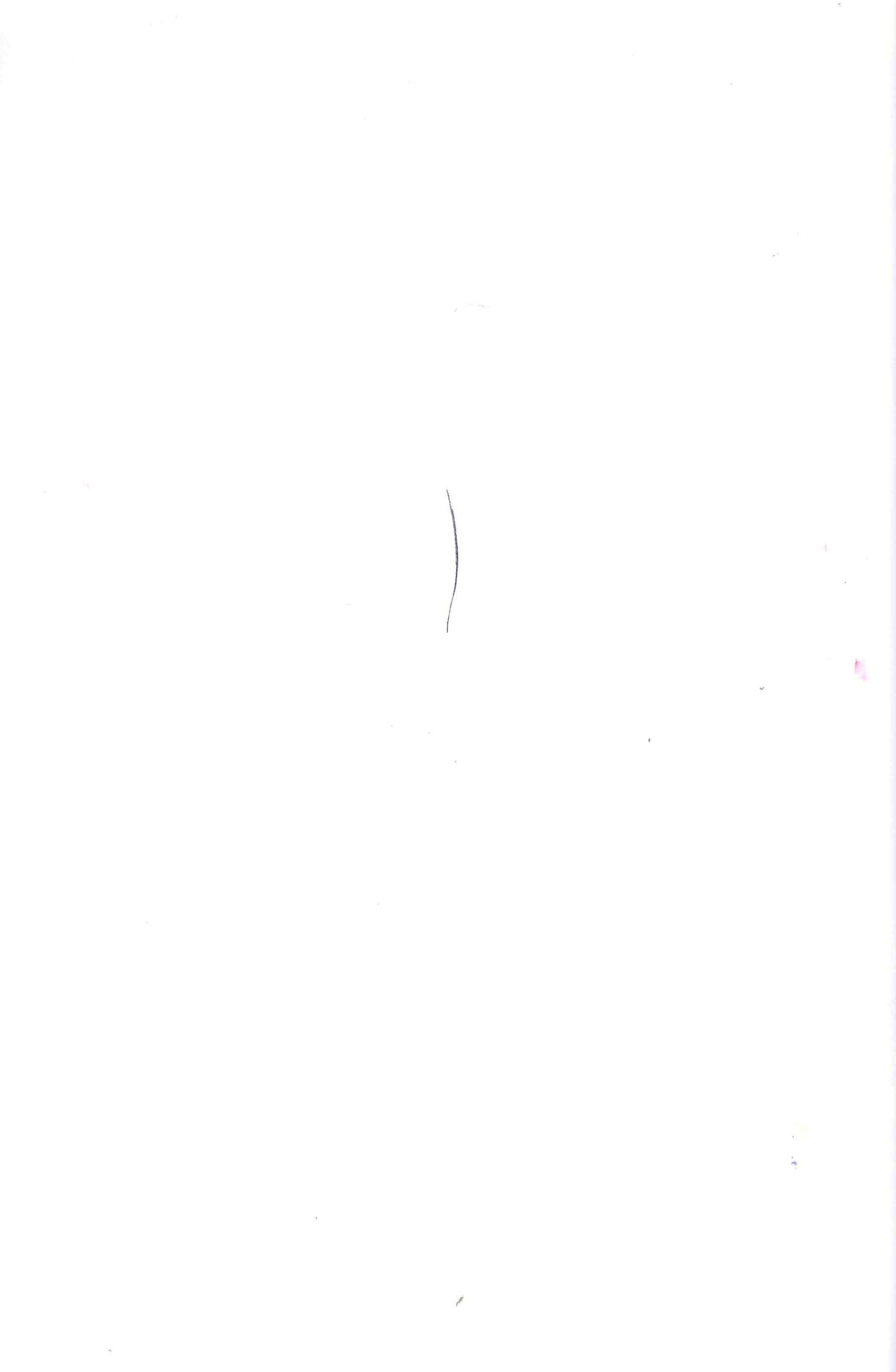
(Conclusão da pág. 3)

tina (ou alguma delas) ou são já da tradição corrigida por São Jerónimo? É este um pormenor ou problema (por que mais problemas ponho de que resolvo) que levo à mesa do nosso Especialista do Rito, Sr. Cónego Vaz.

O 2.º tema deriva do mesmo artigo de 24-10, pois Vaz escreveu: «só os mártires tiveram culto oficial desde as origens... Só no terceiro século a eucaristia passou a ser oferecida como sufrágio...». Ora estamos quase em Novembro, mês, não sei porquê, dedicado aos fieis defuntos.

A expressão faz-nos logo separar estes, da categoria dos defuntos infiéis, quer dizer, na economia da expressão primeira, dos malditos, condenados — que o Papini, e outros mais, pretendem não malditos para sempre. Mas, adiante.

Tudo isto supõe ser falsa



O Bracarense Missal de Mateus

1047

28

45

a tese dos Marxistas e dos pais deles. E eu vi que uma Ernologia dos povos primitivos da Terra — Esquimós, Africanos, Índios, Chineses, etc. — demonstra nada menos que esta coisa fenomenal e ao parecer, tremenda para os materialões a saber: que todos os povos do mundo, na sua filosofia e cultura, simples, sustentaram que o homem morre, mas não morre, porque a vida dele continua no Além. Só não distinguem se fiéis ou infiéis defuntos.

Mais: dos povos estudados nas Histórias da Civilização (Ribeirinhos como os Egípcios ou os Assírios, marítimos como os Citas ou os Gregos), não houve um só povo que não levantasse casas mortuárias, túmulos, para os seus falecidos. E qualquer Manual de Arqueologia, mesmo o de Farinha dos Santos, nos apresenta — contra vontade é certo e distorcendo a ideia — este fenómeno: ainda por aqui se andava talvez de tanga, e já os sujeitos tinham cuidados com os corpos dos defuntos: puseram-nos em cistas, etc., etc., de cócoras ou de outra forma, mas até deixavam alimentos a esses mortos. E os arqueólogos sioníticos, ateus embora, encontraram alimentos e até cavalos, ao escavar o dos citas, defuntos. E toda a gente sabe quanta veneração, pelo menos respeito, dedicam os Japoneses aos que eles chamam os Antepassados. Assim sendo, bem que se vê a imprudência do filósofo que venha

dizer que tudo se acaba cá.

Para além dos textos de Mateus, vemos o que dizem os nossos *Portugaliae Monumenta Historica* e até *Liber Fidei*, aqui de Braga: doações e doações (esmolas) como sufrágio por si ou familiares. Até o testamento do rei Afonso III — que o Dr. Leite de Vasconcelos copiou nas Lições de Filologia — mostra como tratou de sufrágios por si. Em Ponte de Lima há a paróquia de Vilar das Almas. São defuntos?

É que, como mostra Sousa Araújo em *Subsídios para o estudo das Irmandades (confrarias)*, a certa altura, as nossas gentes, como por essa Europa, até fundaram sociedades para sufrágios.

CV. 7.XI.85

Acácio Torres

02294



Missões deram nova face à Terra

10/48 57

O Dia Mundial das Missões

Cord. Sar 8.XI.85 Francisco de Almeida

D.10/48
Entre os muitos temas que na roda do ano o «Cardeal Saraiva» tem versado, vou falar das Nações que há no Mundo e de como já não são o que ontem foram.

Alguns dos senhores leitores vão julgar o tema descabido aqui mas passem então adiante: penso que boa percentagem de limianos gostarão que aborde o tema.

Ao dizer nações, saibam esta: o número delas tem vindo a crescer de ano para ano — por vagas: há 160 anos surgiram as americanas (Brasil, Argentina, etc.); de há 25 anos para cá, muitas outras, sobretudo em África. O total vai agora em

162 Estados. Falta libertar bantantes.

Muitos leitores, a par com os trabalhos do ganha-pão, entrem-se com os chamados hobis, a saber: este coleciona selos, os nossos Colaboradores vão escrevendo o Mundo e seus problemas.

Confirma-se o que diz o Povo: há gente para todos os gostos. Mas nem sempre liberdade (possibilidade por lei) de falar deles. Nós temos liberdade. Ao tema.

II

Primeiro há que dizer que no Tibet, por exemplo, os missionários católicos não podem entrar. Por isso, é difícil os cató-

licos, que lá haja, aumentarem de número. Verdade que Cristo mandou: — Ide. Mas em alguns casos não quer dar os meios. Porque no caso do Tibet, teria de afastar os homens que proíbem e isso Deus não o faz à força.

O comando missionário não está no Papa, mas no Instituto criado há uns 350 anos, a saber: a Congregação Para a Propagação da Fé, com assento em Roma. Tem de saber que povos há a quem ela possa mandar pregadores. Por exemplo: ultimamente, os povos africanos têm-se mostrado muito interessados. Porquê, não se sabe.

III C. Sar 8.XI.85
A ideia mestra, a estratégia, das missões mudou desde há uns 60 anos para cá: a tal Congregação, em vez de mandar gente da Europa para a Birmânia, por exemplo, passou a criar quadros lá: e é assim que o Japão foi partido em quase 20 dioceses (como Viana).

Agora, cada bispo que crie seu seminário ordene seus pastores, suscite vocações de raparigas, etc. Não é novo: Portugal e a Espanha, chegados a Brasil ou México, criaram logo quadros. Fomos nisto pioneiros.

A coisa deu nisto: Angola tem desde 1976, o dobro das dioceses que tinha; os bispos, em vez de serem europeus ou de fora, são nativos, pastores de seu povo.

IV

A nossa Televisão a cada passo mostra os nossos monumentos. Alguns são muito belos, como a Batalha. Ficou caríssimo. Hoje não era possível uma obra daquelas — que o povo pagou através de impostos. Tais monumentos alteram a face da Terra. Ora ainda agora em 85, o país novo que é a Nigéria (África) inaugurou a maior catedral do Mundo moderno. Há 100 anos não havia um católico lá e são agora uns 5 milhões com seus 32 bispos e um cardeal. E aí está: alguém criou lá uma ordem para nativos, homens (a de Santo Estevão), adaptada aos usos e mentalidade das gentes nigerianas. A Nigéria vai, ano a ano, adquirindo nova fisionomia.

Cord. Sar.

V 8.XI.85

As coisas, neste campo, passam-se muito devagar, também porque os missionários não bastam para tanto quilómetro de terra e tanto milhão de gente. Usam os meios que podem, por exemplo: no Japão, um americano ensina pela rádio — cujo tempo paga — durante 5 minutos por dia. Calculém que dos 110 milhões de japoneses, lhe prestem ouvidos uns 6 milhões. Até ensinam por correspondência (carta) e há lá 40 mil desses correspondentes. Coisa de atender: os católicos, homens, lá, eram em 1984, 169.242, mas as mu-

lheres, quase o dobro ou seja, 247.239.

Já Aristóteles, citado na Encyclopédia Fisher, dizia, há 2.200 anos, que a mulher, face ao homem é: mais vigilante, mais persistente, mais invejosa etc. Podemos talvez dizer: maior sensibilidade religiosa que o homem.

VI

Em cada povo, o missionário encontra obstáculos especiais: no Yémen e outros, é proibido ao povo passar do Islãismo ao

Catolicismo; na Tailândia e outros, o facto de o povo pertencer a um sistema religioso, brilhante, criado por homem; na África, o facto de os usos aprovarem ter-se uma ou 100 mulheres (quantas possa comprar). A nova ideia dos gerentes missionários é esta: que todas e cada uma das nações católicas, exportem missionários. Sim senhor. Mas quem é que há-de ir pregar aos de Alasca, com aquele frio todo, como a Sibéria? Porque faltam padres, os bispos do Alasca ordenaram uns 20 diáconos, que podem fazer o mais urgente = baptizar, presidir a casamentos, etc. São homens casados.

Seguindo o clima, a Índia dá religiosas (enfermeiras, etc.) para a Somália, o México para Angola, o Japão para o Brasil. E para os poder dar, até os latino-americanos têm fundado Institutos para Missões Estrangeiras. Fogo cruzado.

VII

Tudo isto, tanta gente, tanta obra, em tantos territórios, custa muito dinheiro. Que vendo povo. E foi assim que só a diocese de Viana, em 1984, deu para Missões, uns mil e cem contos, embora Macau, muito menor, tivesse dado quase 600. Uma revista de Missões, diz ter 25 mil assinantes portugueses. E um autor informa que dos anos 1919 a 1924 foram lançadas no Mundo mais 160 revistas de Missões. Isto vai realmente muito mudado.

O MÊS DE NOVEMBRO 10.49 e o culto dos antepassados

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

V. V. 10.49
A. 23/11/85

V. V.

Dados da Etnologia Universal

No meio do turbilhão político em que andamos metidos, surge-nos no caminho o mês de Novembro, frio e gelado aqui, mas quente em outras bandas da Terra. *A Voz do 11.12.23/11/85*

E em Novembro, é dos usos, pelo menos entre os barcelenses, sufragarem os vivos todos os seus mortos, cada família os seus, como é normal, os seus fiéis defuntos ou, na linguagem mais antiga, os fiéis de Deus. Isto nos leva a fazer já distinções como estas — não há sufrágio dos defuntos infiéis — não prestam sufrágio os chamados protestantes, ao contrário dos cristãos gregos, russos e outros, ditos ortodoxos; prestam veneração aos seus mortos todos os povos chamados primitivos, pagãos ainda não civilizados.

Leio num Manual de Etnologia o seguinte, acerca dos Esquimós (a norte dos Estados Unidos e Canadá):

«Além do mundo visível, existe para ele um reino dos mortos, onde faz calor e para onde vão muitos sujeitos depois da morte, acreditam que o guardião do Além é um cão e que este animal acompanha os mortos para o Além».

A leitura disto provoca estas observações — 1.º) que os Esquimós, como os Patagónios, os Mongóis, Chineses e Maiores da Austrália, crêem que um homem morre sem morrer de todo, pois segue para o Além, outro mundo — nisto estão todos contra quanto agnóstico por aqui anda; 2.º) acreditam que o Além é o contrário da vida cá: aqui, frio, dores, mas no Além, calor, bom tempo, felicidade; 3.º) todos estes povos estão assim preparados para entender e aceitar a doutrina católica de que há fiéis defuntos, vivos; 4.º) que o trabalho do missionário tem de ser, antes de tudo, vasculhar sobre quais são as verdades, acerca da outra vida, que a população, a que vai pregar, já possue.

Esses milhões de pessoas que já por cá andaram são chamados pelos primitivos de Antepassados (que passaram antes, de nós). Antepassados ou avós os dizemos nós também, com esta diferença — para nós, eles são apenas antecedentes; para os primitivos são os fundadores da tribo, os que do Além dão a vida aos de hoje, os protectores dos homens de hoje, os intermediários entre os viventes cá e Deus. Por isso legislam assim — 1.º) não se pode faltar ao respeito aos antepassados — e mudar as regras de viver, os usos, é desautorizar os antepassados; 2.º) o mundo de amanhã vai ser igual, no essencial, ao que é hoje e foi ontem; 3.º) sendo os antepassados espíritos vivos, não se pode irritá-los nem ser ingrato para com eles. O tal Manual conta, acerca das gentes da África Oriental (Moçambique, Quénia, etc.):

«No centro da vida religiosa sobressai o culto dos antepassados. E depois: «o culto era prestado por sacerdotes e virgens do templo, sob a direcção do rei, com fogo sempre aceso».

A Voz do 11.12.23/11/85 Continua na página 4)

que este povo também tinha especial devoção às almas dos seus parentes falecidos, a que chamavam deuses lares — espíritos da família ou antepassados, ascendentes. Quer dizer — dos primitivos para nós, civilizados, verificou-se uma desvalorização dos antepassados, tão grande que até se nega que eles vivam ainda. *A Voz do 11.12.23/11/85*

Isto levanta o problema — como foi possível à razão humana todos os povos — chegar por si (filosofia) à verdade que Roma ensina, quando, hoje, alguns raciocinantes não conseguem lá chegar? Caso para dizer que os humanos ou se corromperam ou são menos inteligentes que os primitivos. Vejam isso.

De facto, os Portugueses não só sufragaram seus parentes, como se vê nos testamentos que fizeram, como se preveniram de os vivos se esquecerem deles ordenando se rezasse por eles, que partiam, e deixando marcados os dinheiros para esse efeito. Mas não só isso: desde os anos 1300 até criaram cá sociedades (irmãdades) cujo fim era precisamente o sufrágio dos fiéis de Deus ou defuntos. Uma delas, estudada em 1974, teve a sede em Cervães (Bom Despacho) e teve como sócios, gente até Mariz, barcelense. Logo, bom é não se perder só com política.



COISAS DE LUNGE E DE PERTO

10.50

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Nossa Senhora faz 2000 anos

Passou-me que a 20 de Outubro se comemorava o Dia Mundial das Missões. Senão ter-vos-ia dado a panorâmica delas neste ano de 85. Passou, mas não sem se dizer alguns números desta maravilhosa empresa, a saber: que no ano de 84, os Portugueses deram ao Papa, 27 mil contos para as Missões (Braga, diocese, uns 2.600); que nos anos 30 da nossa Era (ainda a Mãe de Jesus era viva), toda a Terra era uma diocese, que se foi partindo, partindo, até às mais de 3 mil que hoje tem, entregues a quase 4 mil bispos, Papa à cabeça; que até o Alasca (terra dos Esquimós), fria como gelo, 17 vezes Portugal, com 400 mil habitantes, 40 mil católicos, já tem 3 dioceses e 19 diáconos, casados; que os catequistas das dioceses novas (a de Braga já perdeu a conta dos anos que tem), são 236 mil, etc.

4.11.10.30.XI.85

Ora bem: falando-se de tempos idos, alvitrou o meu amigo que os santinhos que se davam às crianças tinham muito interesse educativo. E vai daí, trouxe-me um molho deles, alguns com mais de 80 anos! Foram pertença de uma tia-avó da mulher dele.

Ele é Santa Ana, muitos de N. Senhora, São Francisco de Sales, Brito, Bosco, Ligório, a de Ávila e até uma foto de Pio X. Mas dizendo da Homenageada: temos de reconhecer não ser capazes, por falta de documentos, de tecer a biografia dela. Também não sabemos sequer o dia nem o mês nem o ano em que nasceu o seu Menino. Não se usava. Só desde 1600 para cá é que temos registos.

Os tais santinhos (imagens) que vos disse, trazem um de Santa Ana. De que ano não sei. Nem como aqui chegou pois veio da França e fala em Francês (Sainte Anne), com uma oração assim: Se Maria é rainha do Céu ó grande Santa, obtende-me aquele favor de que eu tanto preciso! Possivelmente, a imagem que mostra Ana a ensinar a Mariazinha (futura Mulher das Dores) a ler, é dos anos de 1910 a 1917, quando a República proibiu até ensinar a catequese! O facto estranho é que grande parte das imagens vieram de fora: Itália, Inglaterra e até da Alemanha, não raro com oração em Português. Logo, digo eu, foram encomendadas por exilados de Portugal.

O exame disto nos levaria longe, mas seria uma boa achega à Sociologia da República que os Maçons aqui montaram. Eles, certo, admitiam um rosto de mulher, a República; não de Santa Maria, sim, da prostituta

francesa. Já caíram todos, mas a Mãe do Cristo ficou. Senão, não se falava agora do aniversário dela, com 2 mil anos.

Quem foram os contemporâneos dela? Alguns como estes: o historiador judeu chamado Josefo, o célebre orador chamado Cícero (Roma). E agora vejam: só os letreados ouviram falar de Cícero.

Mas desta filha de Ana, tem falado quanta língua há na Terra, por esses anos fora. E vão continuar. Não há ninguém na terra mais enternecido. Senão as igrejas das nossas freguesias não eram tantas «de Santa Maria» (Bárculos, Lijó, Galegos, etc.).

Uma das minhas imagens mostra-a no Barreiro (Sul de Lisboa): coroada, como os reis usavam, pimpolho no braço esquerdo, manto amplo debruado a ouro. É dos anos (a imagem real) de 1700. Está errada porque a Mãe de Cristo nunca teve dinheiro para coroas e mantos de ouro. Era mulher pobre, como hoje as temos. Outra, semelhante à do Barreiro, é a da Senhora da Luz (norte de Lisboa), de quando as filhas dos reis não andavam à caça de votos para os maridos. A gente da Luz fez circular a sua Senhora linda em Post Card (bilhetes postais).

Deram-lhe muitos e muitos nomes, tantos quantos os desejos dos Povos. Uma é Auxiliadora e vem com o famoso reitor de colégios que foi Bosco (os Salesianos, que à Auxiliadora fizeram grande templo em Lisboa). Várias são «de Fátima», pelas razões que se sabe, mas a mais bela, de Fátima, é aquela primitiva, de há mais que 50 anos com a azinheira e 3 meninos. Uma mostra-me La Virgen de los Dolores, na fala dos Madrilenos. Outra é da Conceição. De Paris, a da Grotte de Lourdes, em 4 línguas, sendo uma o Português. Imagem toda artística e colorida.

4.11.10.30.XI.85

Outro problema das minhas imagens é este: quem serviu de modelo aos pintores? Os Italianos mostram-na gordinha e trigueira, os Portugueses pintam-na de cara meio mourisca (Lisboa tem mulheres semi-marroquinhas) e os Alemães, uma Santa Maria com rosto da Baviera.

Muitos preferiram dar-lhe o rosto imaginado como os Bizantinos faziam. Conclusão: se cada freguesia pedir emprestado aos fregueses tudo quanto eles possuam referente à Virgem, eu pareço-me que Barcelos teria 89 exposições de se lhe tirar o chapéu. E isso seria maravilhoso nos 2 000 anos.



COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

C. 1774

Ronda dos nossos Jornais — O Natal de 85 e Novo Ano de 1986

4.I.86

Pus-me a ver os jornais de Barcelos: Barcelense, Voz do Minho, Jornal de Barcelos e a Guarita (de Vila Cova), da semana que findou em 21 de Dezembro, solstício de Inverno, o dia mais curto do ano.

No Barcelense, o Natal é focado de 8 formas diferentes (contemplação do Natal, etc.). Em A Voz do Minho, sob 3 formas (e a mais profunda é a dos Aziúmes). No Jornal de Barcelos, também em 3 aspectos (mesmo a daquele Autor, de que não gosto, e se oculta nos anónimos e pesados editoriais). Conclusão: O Natal é para os barcelenses um acontecimento que se tornou uso da comunidade, acto social, dado sociológico, festa.

Ora se aqui é assim, assim não é por exemplo no Japão — porque lá a massa não aderiu ao Menino-Deus. Nem na Albânia, porque o governo não permite. Nem em Marrocos, porque conhecendo embora o Cristo, desde há mais de 1200 anos que ensinam que o Profeta de Deus é só Maomé.

Eu não posso concordar em que o nascimento do Menino, lá em Belém, tenha sido sem enormes Editais. Porque só meia dúzia de pastores, que sempre foram gente rude, soube do caso. Nem sequer os do vilório que Belém era, souberam que seu Messias chegou. Não concordo, mas aceito: porque se Deus quis aquilo quase em segredo, boas razões tinha para assim fazer, em vez de eclipsar o Sol, por exemplo, durante 8 dias: isso dava nas vistas. Seja como for, o Divino aí está e Barcelos dedicou-lhe a Casa do Menino-Deus, como sabeis. Os rurais das freguesias fazem-lhe presépios, preparam-se com Novena, põem fato novo para o ir beijar no dia 25 e até dão folgas ao estômago em Sua honra. Tudo isto são usos, uns sagrados e outros profanos, mas todos grados (causados) por uma ideia mestra: ali está o Engenheiro deste Mundo todo: o que fez a vaca e lhe deu o poder de parir; o que fez os astros e deu a um o poder de nos fazer os campos germinar; o que nos pôs aqui (sem nos consultar) e nos deu o poder de O mandar às favas como o contrário: de o copiar. A muito Deus Se baixou para poder falar com uma língua, carpinteirar numa oficina, morrer como a nós há-de suceder. Mas Ele é Ele e nós não somos quase nada ao pé desse Bebé.

Ora bem: os que por essa terra hoje são fiéis (católicos) vão em 800 mil vezes mil, um exército! Só que não são sequer um quarto (25%) da gente da Terra. Portanto: 3 quartos da gente que há ainda não percebeu ou não quis perceber ou não pôde entender o favor que Deus veio cá trazer. E os que eu mais estranho são as mulheres judias. Como foi que a judia Maçalena percebeu e as actuais (8 milhões delas) não percebem que Cristo é que é o prometido Messias? Mas quem vir o que fez aquele teimoso do Jonas, outro judeu, começará a entender a cegueira dos judeus! Má raça! E foi Deus encantar-se logo com ela!

(Continua na página 4)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da página 1)

Conclusão: no ano de 86, em vez de andarmos só a dizer mal do Governo, dos deputados, da Câmara, bom será alongar a vista por essa história fora e aprender com ela o que é essencial e o que dura tanto como a seara de Agosto.

Mas eu disse Ronda dos Jornais. E aqui destaco a Conferência havida no Círculo Católico (que até nos esquece que temos). E a festa dos 50 anos da Catequista Ti Maria de Gilmonde.

Parabéns aos pioneiros de Gilmonde neste acto de Justiça às, dantes, esquecidas professoras de Catolicismo das freguesias. Se fossem a ganhar, quanto lhes devíamos? Claro que o meu Bebé de Santo António é quem lhes há-de pagar.

No próximo ano de 86, outras freguesias vão fazer festa às suas professoras de teologia infantil. Daqui a saúdo, Ti Maria de Gilmonde!

Eleger e Aprovar. Em Barcelos foi então aprovada a APU por 2000 e tal sujeitos, o PS por 11 mil e o PSD por uns 27 mil fulanos.

Pergunto como se pode aprovar — para em nós mandar — quem pretende nada menos que: bifar tudo a toda a gente (nacionalizar), e meter na cadeia quem com eles não concorde, fuzilar quem se deixe baptizar, etc., etc. No fundo, isto é tudo disparate, inconstitucional: como se pode sustentar que a Nato está certa (lutar por defesa contra Moscovo) e ao mesmo tempo permitir que se candidatem os pró-Moscovo? Ora há aí 4 candidatos, graúdos, a Belém. Cada um deles terá x, y, z, sujeitos a aprová-lo. Se se aprová a Lurdes, teremos um presidente que não quer desagradar a ninguém. Se se aprova o Zenha, teremos um presidente que permite todas as tropelias aos audazes (por exemplo, soltar tudo da cadeia antes de lei que o autorizasse). Se se aprova o Mário, teremos um bom homem, mas sem carácter (diz e diz que não disse), melhor todavia que a Lurdes, catavento, ou o azedo Zenha, apesar de ser de Braga. E o pior é que nenhum dos candidatos é nenhum Messias (não pode fazer o que promete nem o que quer). 5 anos se passaram e a massa maior (os trabalhadores) já sofreu bordoada que chegue nestes 10 anos. Se não se percam, hão-de todos sofrer mais. Mas se maus aprovam, a quem hão-de culpar depois? Só à própria estupidez.

Conclusão: não beneficiam nada os que rejeitarem o Natal em 86, só perdem. Eleger, aprovar, ateus causará mais dores ainda. Já o Hegel dizia que a História deve mostrar que a Humanidade se sucede (avós a netos) segundo regras de um grande Plano (Planeamento). Ora o homem (José, António) de 1986 não é mais nem menos homem que o barcelense do ano 1140 e por isso: se o de 1140 cometeu erros, ao de 1986 é impossível não fazer asneiras; se aquele fez o bem, o de 1986 também o pode fazer: é só não se deixar ir como o burro das eleições autárquicas barcelenses. De modo que: se em parte somos condicionados pelo que nos rodeia, somos livres para optar pelos melhores governantes ou pelos piores com estes estragar o Natal e ficar menos livres.

BOM ANO a todos.

Francisco de Almeida

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

I Semana (Oitavário) para a Unidade dos Cristãos

I

Lá na minha escola de Galegos faziam os petizes ler aquela história do pai que ia morrer e que pediu um molho de vergastas (vimes). Disse vergasta porque nas nossas bandas, o vime é planta rara.

Dizia a história que nenhum dos 3 filhos do moribundo teve força para quebrar o molho de vimes, mas uma a uma, separadas as vergastas do molho, até o mais pequenino dos filhos foi capaz de as quebrar todinhas. Daí aquela lei social que o povo decretou: *a união faz a força*. Outro exemplo: aquele do Candidato Comunista a favor da «convergência» em favor do Zenha. Convergência é palavra cara dos estudos da física: com uma lupa, que é um espelho torto, todos sabem que se pode transformar o Sol em fogueira. Porquê? Porque a lupa faz *convergir*, reunir os muitos raios, dispersos, do Sol, em um só raio, com uma potência que é a soma de todos. A convergência do dito traduz-se também nestas palavras: Proletários do Mundo, uni-vos! Ora bem. Deus mandou aos homens como o pai na história dos vimes e disse: — Não façais partidos ou seitas ou facções. Para isso deu todos os poderes ao Pedro de Roma. Para que houvesse um só general (pastor) e um só exército (rebanho).

1/2/86 II 10.00 Minho 1/2/86

Demonstra a História do Cristianismo esta faceta dos homens: eles têm um desejo tremendo de ser generais (o pastor) ou seja, uma vontade enorme de pôr os outros às suas ordens, de dominar, de explorar. Até aqui, Marx não inventou nada. Dessa faceta resultou que um grupo de cristãos, antigos, liam os Evangelhos só nas entrelinhas, para além dos textos. Era a gnose, a sabedoria, eles os sábios, Pedro um ignorante! E depois surgiram os Maniques, os Montanistas, etc., até ao Sr. Lutero, Doutor com todas as letras, atarracado e atrevido, de raça alemã, anos 1520, que fez teoria e levou atrás de si os que hoje se chamam Protestantes. E sabe Deus quando surgirá outro demónio a partir os católicos de 1986 em dois grupos ainda! *Há quem se esforce por que isso aconteça*.

Deste modo, em 86, contra o mandado por Cristo, os baptizados dividem-se assim: *Grupo A* — o dos fiéis ao Papa; *Grupo B* — os que recusaram o Papa desde os anos 1000 (os gregos, russos e outros, que se chamam a si mesmos Ortodoxos, correctos!); *Grupo C* — os derivados de Lutero (que se subfraccionaram em quase 400 partidos: Jeovás, adventistas, etc., uma fartura!).

III

As pessoas são livres de seguir o Papa ou Lutero? Sim e não. Sim, porque qualquer pode decidir roubar, ser adúltero, etc., mas há-de pagá-las. Logo: não é lícito seguir Lutero ou derivados nem ser ortodoxos. Dizeis: — mas são-no. Respondo: mas há-de ficar-lhes caro.

Ora: o Oitavário de todos os anos é coisa nova. Provou-se que só Deus é capaz de trazer Ortodoxos e Protestantes ao molho dos vimes, fazer de todos eles um só. Por exemplo: como é que o governo russo ia permitir aos bispos e povo, de lá, unirem-se ao Papa? Assim, manda neles o governo que não o Papa. Para obter coisa igual foi que o governo da China, comunista, proibiu os bispos de contactar com Roma. Por isso o Ortega da nova Nicarágua se esforça por criar

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da página 1)

lá uma «Igreja nacional». Por isso criaram, alguns, em Portugal, a Igreja Lusitana que tem 1 bispo, 12 padres, 8 paróquias e duas missões (Revista Além-Mar, Janeiro/86, p. 15).

IV

A Revista que citei relata os esforços do Papa para que os 3 grupos (A, B e C) se vão conhecendo e aproximando. Mas não faltam protestantes a acusar seus chefes de traição, trair Lutero, Calvino, etc., os fundadores!

Conclusões: 7.11.12.86

— 1.^a) Não percebo como é que Ortodoxos e Protestantes cultos — e há milhares deles — não aceitam o Mandamento de Cristo: sejam um; — 2.^a) Cuido que só por um empurrão de Deus eles se farão um com o Papa; — 3.^a) Penso que isso vai demorar ainda muitos anos; — 4.^a) Os governos (da Inglaterra, EUA, URSS, China, etc.) hão-de opor-se quanto possam; — 5.) É mais provável que o povo regresse ao Papa, pessoa a pessoa, como se dá na Inglaterra (eram 50 mil católicos há 100 anos e são hoje 5 milhões — 100 vezes mais); — 6.^a) Mas as viagens do Papa, os estudos de comissões mistas e assim, são meios naturais, humanos com que a tal Unidade se pode acelerar; — 7.^a) Anote-se que tanto os Protestantes como os Ortodoxos para não perder adeptos, autorizaram o que Deus proibiu! que é o divórcio e novos casamentos no templo. E agora hão-de dizer que isso é regalia, direito adquirido de que não abdicam!

Que fazer? Até agora, os do campo que me lêem (alguns lêem) nem ouviam falar disto, não sabiam ler. Agora não têm desculpa de não ler: só 1 em cada 100 jovens de hoje é analfabeto. Para melhorar o Mundo é preciso que os Cristãos sejam 1 só grupo, uma só voz, uma só força. Ponham-se em campo, lutem pela Unidade.

3

São Falsas as Teses da Cosmognose

Pelo Dr. Francisco de Almeida

Os leitores leram pelo menos o título que no Barcelense vem aparecendo, desde há tempos e que é este: Cosmognose. Não sei se algum percebeu patavina daquilo que o autor dos artigos quer ensinar. Decerto não os leram e portanto, de perceber, níqueles!

Ora vamos lá descascar isso por partes. ~~OBSC 31/5/86~~

Primeiro: o autor dos artigos é medroso ou age tão ocultamente como o diabo. Assina-se C. E. G. e traduz: Centro de Estudos

de Antropologia Gnóstica. Se é assim, então temos aqui um «colectivo» de escrevinhadores, um grupo. E se assim é, pergunto: como se chamam esses escrevinhões, onde moram, que vida levam? É que pela pessoa sei o que ela me possa ensinar ou «des-ensinar», o que não deixo. Portanto, dêem a cara, mostrem-se.

Segundo: existe de facto um ramo de saber a que chamam

Antropologia. Na realidade não existe um antropólogo que concorde com outro antropólogo. Logo: a Antropologia é um a treta, não uma ciência. Para mais, dividem-na em antropologia cultural, económica, etc.. O reino da confusão.

Mas os escrevinhadores tratam só da antropologia gnóstica. E falam pelos cotovelos, de nada. Meras fabulações, palavrório.

Por isso desafio esses escreventes do Barcelense a definirem-me o que é antropologia; o que é gnose; o que é antropologia gnóstica ou gnósica; quais os capítulos ou temas de que isso trata.

Terceiro: dizem que fazem Estudos. Exijo—ou chamo-lhes mentirosos—que me digam de que teor são: a) se históricos; b) se psicológicos; c) se teóricos; d) se experimentais; e) com que instrumentos os fazem—tudo porque me convenço que não há estudos nenhuns, só propaganda.

(Continua na Quarta Página)

SÃO FALSAS AS TESES DA

COSMOGNOSE

(Continuação da 1.ª página)

Quarto: Tanto é propaganda que no Barcelense de 17 de Maio, começa o artigo transcrevendo. E chega ao cúmulo de nem dizer quem é o autor—o sabichão—transcrito. E todavia diz ser evidente... Cada Mundo... Espaço infinito... Fohat...

Ora Vejamos: ~~OBSC 31/5/86~~
 a) é falso que haja espaço infinito—é um erro filosófico; b) não há Mundos, mas só astros—para além da Terra e de nós, homens;

c) não há nada gente em qualquer outro planeta, cometa, estrela, etc.; d) não há ser inteligente senão na terra e fora dos astros (Deus, Anjos, Diabos); e) nenhum astro tem inteligência.

Logo: é falso que seja evidente, que seja certo, manifesto, etc—que é a tese desses senhores oculos.

Consequentemente é falso tudo quanto é dito no artigo Cosmognose. E estranho muito que ninguém tenha dito isto mesmo a esse propagandista, de filosofia

barata.

E não me trate de parvo, como faz no dito artigo. Nem a mim nem aos outros leitores.

E portanto: tem de provar por A+B tudo quanto no artigo afirma. De afirmações gratuitas estamos todos fartos. E gnósticos, falsa filosofia, já os havia entre os Romanos. Ou não sabia?

16-V-86

Francisco de Almeida

P. S. Os leitores acautelem-se com os ocultistas como os da cosmognose.

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

As coisas belas do Mundo da Ciência

V No 216/86

I

Pus-me ontem, 7 de Abril, rabiscar um apontamento, para um jornal de Famalicão, a que pus o título de A Ciência da Química e a Ressurreição. O título pareceu-me estranho e mesmo assim, mantive-o. Porque não pôr as Ciências a discutir os factos que as Escrituras relatam? Ora vai daí, passei a mão por 3 pequenos livros, a saber: A Missa no Rito Bracarense — do Cónego Vaz, Consciência e Inconsciência — do advogado, Dr. Sousa e Melo, O Homem — de outro advogado, o Dr. Manuel Guimarães.

Pois bem: sabendo, e todos nós, que para alguém se atrever, e aguentar a escrever duas linhas é preciso saber muito, eu fico impressionado com o muitíssimo que estes 3 autores souberam dizer, cada um na obra atrás referida. Daqui eu concluo: seja qual for a escola que o rapaz frequente, se ele tem fósforo, espirra por si e os escritos brotam-lhe da cabeça tal como onde muita água há, ela espirra nas fontes.

V No 216/86

O livrinho da Missa em Braga tem enorme valor, mais que tudo para nós, que somos do Minho. Lê-lo far-nos-á reparar em cada um dos gestos e em cada palavra do padre oficiante. E a este respeito, reparem nisto: em Barcelos, no dia da Páscoa, é o mordomo quem dá a cruz a beijar; em Antas, Famalicão, vi eu agora que a dá a beijar o chefe da casa (e se ele for mulher?); e oíço que em Mirandela, lá para o nascer do Sol, a dá a beijar o padre que vai com o Compasso. Portanto, 3 ritos diferentes, não sei porquê. Mas a variedade alegra os olhos e afasta o cansaço, a monotonia. Todo o Mundo tem o rito romano e Braga tem o dela, diferente. É um monumento que anda esquecido; é património cultural dos Minhotos. Mas só lendo o livrinho que disse, os meus leitores apreciarão o que aqui relato de fugida. Pois leiam e dêem os parabéns ao Sr. Cónego porque é um benemérito dos nossos valores.

Entendi menos o do Sr. Dr. Sousa e Melo que é também um brilhante romancista, como provou pela obra O Ministro, no qual perpassa a alta finança dos anos 73/74 — até ao 25 de Abril. Quando tiver lido melhor, dir-vos-ei do fundo que é esse Consciência e Inconsciência Nacional, problema que é de todas as épocas. Ou não ouviram hoje, 8 de Abril, as palavras e juízos de Cavaco Silva?

Ora o de que queria falar-vos, para não esquecer o título — Beleza das Ciências — era mais do Dr. Manuel Guimarães. Vamos a este.

II

O livrinho, que aqui lhe agradeço, é uma Conferência que fez no clube Tábua Rasa em Lisboa e vá lá: o clube publicou-a, o que é muito caro. Se o Rotary de Barcelos publicasse a do Padre Dr. Abel, suponho que até faria dinheiro e D. António Barroso e o Padre Abel, merecem-no.

A Conferência do advogado, Sr. Dr. Guimarães aborda O Homem (definir o que é ele) em 3 campos: na Ciência, na Poesia, na Advocacia. Resumidamente direi que o Dr. Guimarães escreve de fugida como o faz a abelha ao poifar nesta flor e logo noutra e noutra. À advocacia tece um brilhante hino; dos poetas fala (ele é poeta e ouvi que o maior sonetista português vivo — veja a Terra do Não Ser) como eu já suspeitava que são: gente que fareja segredos — e os vê — antes que ninguém os topasse, quase que como nós, não poetas, sendo cegos e eles, poetas, videntes. Mas impressionou-me o que disse sobre os saberes a que chamamos Ciências.

Exemplos do que diz: Para Pitágoras, o número domina o uni-

54
10.56 10.56
Cosmologia (H2)
Cosmografia (H2 Cié)
Cosmopoesie

64

COISAS DE LONGE E DE PERTO

verso (pág. 10); Einstein veio ensinar que a Matemática se veste de inteira harmonia com os mistérios do Mundo; hoje, já caíram todos os determinismos na Ciência e isso levou os homens de novo à Metafísica, o que vai fazer, diz, pela boca de Malraux, que o século próximo volte a ser religioso, a ter Deus na Vida (pág. 12).

De tudo, conclui eu que o Dr. Guimarães é mais profundo pensador e atento filósofo, do que é costume nos poetas, se bem que quem leia por exemplo, Bernardim Ribeiro — que escreveu a Menina e Moça nos anos 1540 — topa logo que ele era um belo psicólogo e bom filósofo, embora nos pareça mais cheio de dúvidas que as ditas por Descartes no famoso Discurso do Método.

A Voz da Minha 7/6/86 III

Mas, voltando ao meu tema. Eu tive um professor de Matemática tão brilhante que multiplicava um número de 4 algarismos por outro, de 4 algarismos, de cabeça, e rapidíssimo. Por exemplo: 9631 vezes 4582. Por isso, um de nós (não eu) lhe disse uma vez, cheio de pasmo: — que cabeça! Tive outros professores de outras Ciências. E hoje fico admirado porque nunca ouvi qualquer deles admirar-se (e fazer-nos admirar) as muitas maravilhas que cada Ciência nos ia descobrindo. E foi erro deles proceder assim.

Por exemplo: não é um assombro que os átomos se alinhem como fila de soldados para formar um cristal, sejam eles de ferro, de cobre ou ouro?

Não é um assombro que a Lua, todos os 29 dias, sem falhas, apareça Lua Cheia? Quem terá sido que a programou assim? Não é de espantar que todos os anos pela Primavera, apareçam as aves em namoro pégado? Não é de espantar ver todos os anos, entre as donzelas barcelenses, umas quantas que tomaram a sério as palavras dos namorados que lhes prometeram casar e se deixam, como a da Menina e Moça, ir todas no engano? Não é um mistério verificar-se como os corpos vivos ou que Vida tiveram, são feitos quase só de 3 elementos que são o Carbono (C), o Hidrogénio (H) e o Oxigénio (O), que combinados assim, dão petróleo e gás, dão açúcar e de outra forma dão perfumes?! Quem foi o engenheiro que fazia aquilo ser assim ou que o urâno dê os afamados raios xis (R. X.), os quais, furam nem que seja uma placa de ferro?

Que é então uma ciência? Nada mais que um cavador que abre valas no chão à procura do que há lá pelo fundo. Mas não passa disso, é só cabouqueira. Diz-nos: a si falta-lhe um fermento no pâncreas, um pigmento no cabelo. Até sabe consertar o defeito (medicamentos, operações).

O poeta faria mais: olhava a flor, abanava lá por dentro dele (comovia-se) e punha-se a descrever — cantando — o belo que a flor é: em si, no destinatário, no engenheiro que fez a flor. Mas os cientistas são homens atarracados, duros de sentimentos como cepos e nada se comovem nem abalam ao descobrir os segredos de como o corpo da ave é construído, o do peixe se move nas águas e em qualquer deles a vida se processa: a química com que se alimentam, o eléctrico que os atrai, a ciência certa com que sabem tratar dos filhos, etc. Tanta maravilha que fica oculta, fica segredo para todos quantos não tiveram acesso aos saberes das Ciências!

Que faz a população? Joga as cartas como vi agora num café em Sandiões, ali ao lado de Alheira. E toda a ciência que tem é dita em tremendos e seguidos palavrões!

Não sigam os meus leitores os de Sandiões, antes procurem saber, conhecer, os segredos que há em cada coisa, aí ao vosso lado, a fisiologia de cálcio na vaca leiteira, o que é a caseína que vos azeda o leite, que matemática usa um melro ao fazer seu ninho, porque será que o ovo nem é sequer redondo de todo.

Como disse o Dr. Guimarães, citando Isaías, das Escrituras: Vede, ó cegos! Nunca seremos capazes de saber e apreciar quanto de balança e de esquadro foi usado para fazer, nem que seja o corpo de um sardão! Maravilhosas Ciências que tantas maravilhas desenterram, verdadeiras pérolas.

1057
1057
B
55

65

ALGUMAS NOTAS DA FILOSOFIA POPULAR

Pelo Dr. Francisco de Almeida

1—Vem este apontamento a propósito daquilo que em O Barcelense do dia 18 de Outubro, escreveu o nosso abalizado crítico, político e social, Ângela, no seu *Do Sopé do Facho*, perguntando: que é isso de Inteligência? E que é a Honestidade? Por aqui, aqueles que o leram—e muitos terão sido, penso eu—já se situaram. Ora acontece que qualquer dos nomes—inteligência, vontade, honestidade, são versados, cada um a seu modo, na vida de cada dia, na cidade como nos campos, entre sábios como entre incultos, no estudo do Direito como num Romance, nos cursos filosóficos como nos teológicos, na Faculdades de Psicologia como nas de Ciências da Educação. Quer dizer: não se pode dar dois passos sem tropeçar nesses conceitos. Todos sabem o que significam e ninguém sabe defini-los, caracterizá-los. Melhor: as definições são polémicas.

2—No 1.º exame que eu fiz em Braga, apareceu um problema muito difícil. No fim, alguns rapazes reuniram a comentá-lo. Um de Esposende falou de como lhe deu a volta e eu concluí: este é «esperto», inteligente. Lá na aldeia, dos que na escola não engrenavam, dizia-se que eram «rudes». Um professor de Latim no 7.º Ano, no colégio João de Deus no Estoril, propôs ao director separar os alunos em 2 grupos: os adiantados e os atrasados. Respondeu que não pois isso iria criar «classes» e provocar nos atrasados um complexo. E disse há dias a T.V. que no Porto se está a preparar uma escola especial para «trabalhar» as crianças superdotadas, sejam inteligentes acima da média.

3—A Filosofia católica estuda esse dote que só os humanos possuem na chamada Psicologia Racional ou Psicologia Metafísica. Conclui-se que é uma capacidade, um poder, uma faculdade que só pode nascer da alma e não do «cadáver». Com esse poder, intelecto, nós vemos o que se não vê, e todayia existe, por exemplo,

Barc. 1.XI.86 -
INTELIGÊNCIA, VONTADE E HONESTIDADE

TODOS OS SANTOS E FIÉIS DEFUNTOS

XI.86

Deus. Cuido que a palavra foi formada a partir destas duas peças: intus e legere, que significam ler lá por dentro, intelligere, entender, perceber. Podia ser intus videre, ver por dentro, pois se diz que a razão vê relações entre coisas como os olhos vêem as pedras da calçada. Desde 1870,

(Continua na 4.ª página)

(Continuação da Primeira Página)

começaram os psicólogos a tentar medir o tamanho, grandeza, da inteligência—e criaram-se os Testes Mentais, os coeficientes da inteligência, decomporam-na em factores (uns «bons» para línguas, outros para matemáticas), e por aí fora: teorias e mais teorias.

Penso que a certa é a velha, a que lhe chama Ratio, a razão. Claro que é apreciadíssima. Consiste em «topar» quando alguém nos quer enrolar em saber dividir, separar, decompor, o que parecia uma única massa e muitas massas.

Acontece que nós temos essa faculdade como que espontânea e faz, sem o querermos, a leitura da situação, deste modo: isso, não o faças; isso, deves fazer. É a consciência moral, do que é bem, do que é mal. Esta voz fala, quer se queira ou não queira. Mas há situações complexas e os filósofos quiseram averiguar donde nasce e se tem razão de ser aquela voz cá de dentro que lhes dizia: não faças. É um problema eterno, como podem ver no livro de entrevistas do Papa, o *Não Tenham Medo*!

Por isso, todo e qualquer Moralista estuda os actos dos homens por estes lados: se ele viu mal no que ia fazer (se é cego, níqueles); depois: se ele quis o acto, a pesar de lhe ver o mal, seja, se foi livre de o fazer ou de recuar—e é o campo da vontade. Se viu o mal e mesmo assim o quis, tem de responder ou pagar por ter abraçado o mal. E se é de actos face a outros homens, então entram em funções o Código Civil, o pen-

nal, as leis eleitorais, etc..

4—Ora a Honestidade consiste em os humanos fazerem aquilo que a Ratio lhes ditou como Bem e repudiar o que ela ditou como Mal. Agir oportamente é ser desonesto.

É claro que Moisés ditou regras de honestidade: isto não o faças. Cristo confirmou-o. Mas perguntam os marxistas lá na URSS: porque é que isto há-de ser Bem e aquilo, Mal? E reconhecem que não são lá muito claros nisso da Moral e defendem-se contra os que os acusam de ser homens sem moral nenhuma.

Mas a Psicologia, a Educação, as Artes, o Direito, a Moral, etc., estudam isso a que chamam Interesses. Eu diria gostos. E diz o povo que gostos se não discutem. É falso porque para os gostos do Namora—livro dele, recente—a URSS é a sua Bem Amada! Quero dizer: os gostos, interesses, nascem também da estrutura da pessoa: da carne, do sangue, dos cro-

mossomas, das hormonas e por aí adiante. Significa isto que alguns sujeitos têm mais dificuldade que outros em impor ao seu Querer que marche pelas carreiras do Bem moral. E ainda: que muitos são culpados por certos Interesses que lhes nasceram.

E se nalgum acto humano, social, externo, público, a rectidão moral, a honestidade é de exigir a toda a força, esse acto é o acto político onde os sem Deus se cuidam com a folga toda, exactamente por rejeitarem Moisés e Cristo e a lei moral: interessa? Então é «moral», honesto! Mas sabem que isso choca os povos e por isso lhes mentem, ocultam as intenções, etc.. Para que a Caça lhes não fuja. E com isto fica explicado o que o meu amigo Ângela queria explicado—trazia água no bico.

5—De tudo concluo que ir contra a lei moral é um erro de perspectiva, uma fraqueza, e uma estupidez, uma in-inteligência. É erro da ratio imaginar sequer que o homem de agora o gerou «a Natureza». Porque ela é estúpida e ninguém pode dar o que não tem. Logo: a inteligência não

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Os Santos e Fiéis Defuntos — fenómenos Sociológicos

1. Voz do Minho - 1. XI. 86

1 — Oiço já os meus leitores dizerem: — lá vêm as palavras caras. Mas é verdade: em Portugal, esses dois dias envolvem uma festa, o primeiro e uma recordação pública, o segundo. E em ambos as populações se movimentam. Ora as corridas de grupos de gente são factos de sociedade, publicizados, de massas e por isso o estudo deles cai na Sociologia, logo, sociológicos.

Parece que a comemoração pública dos mortos crentes se começou a fazer pelos anos 700. Tem portanto uma história percorrida de 1200 anos. E o estudo anterior a Cristo sobre os mortos leva-nos à Arqueologia que quer saber se e como os antigos enterravam seus mortos. Perto de Lisboa, na terra chamada Muge, até encontraram esqueletos de uns 3000 anos antes de Cristo. Conclusão: não é agora que todos os povos têm especial tratamento para com seus mortos, que os Africanos e os da Ásia chamam os Antepassados (antepassados, que morte, também diziam os velhos, é passagem).

2 — Eu tive um professor que falava assim: — trabalhai, meninos, que descansar é debaixo da lousa. E o povo diz: — que a terra lhe seja leve. Isto leva-nos à consideração de que, em vez de escolher a serra de Sintra como fez o vaidoso Ferreira de Castro ou um canto da sua quinta, como fez o lúcido mas pervertido Bertrand Russell, os filhos dos nossos antepassados crentes os fizeram sepultar sempre em chão benzido, sagrado: ele foram os adros das igrejas, foram as próprias igrejas, foi depois o cemitério.

E é curioso observar como nos anos 1840, isso dos cemitérios seolveu em problema político, mais que social. Por isso, na Morgadinho dos Canaviais, se vê o conselheiro, progressista (hoje seria marxista ou maçom), a fazer jazigo no cemitério e sepultar lá sua defunta mulher, a 1.ª que não foi a enterrar no adro. O conselheiro estava comprometido com a maçonaria que assim lhe impunha o enterro da mulher fora do da igreja, isto por 1867. Não abusem dos mortos!

3 — Hoje o problema não se põe. Mas eu cuido que estamos a enterrar os fiéis de Deus ao lado de puros pagãos e isto, os cristãos de Roma dos anos 100, não deixavam fazer: cavaram cemitérios exclusivos para os crentes fiéis. E tem bastante que se lhe diga: tanto que os protestantes querem os seus em cemitérios deles e os judeus, na mesma. Tudo isso apesar de o poeta Virgílio, da Roma de há 2000 anos, ter escrito e bem, que de qualquer lugar se marcha para a eternidade.

Quer dizer: também nisto dos enterros, o pensamento religioso apresenta e faz nascer fenómenos sociológicos.

(Continua na página 4)



COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da pág. 1)

Não há terra que mais cuide dos seus mortos que uma cidade como a de Beja. O cemitério deles é uma cidade. Como assim, se sabemos que eles pouco vão à igreja, em vida? Nas aldeias barcelenses estão a surgir jazigos e mais jazigos, melhor mármores comemorativos. Luxo ou nova visão da morte ou sinal de que corre nelas mais abundante o dinheiro? *AVG 20.11.86*

4 — A morte é em Portugal geralmente acompanhada pelo religioso — o sacerdote. Ora na Rússia isso é quase exceção, por falta de «popes» e porque os do partido não gostam. Mesmo assim só desde 1943 é que passou a haver um ou outro enterro religioso — acordo de Estaline com a América para esta lhe fornecer canhões contra Hitler. Mas na Guarda, houve um bigodaças que por 1870 mandou que o enterrassem sem padre nem cruz nem nada — à civil. Valeu-lhe muito esta exibição de revolta contra Deus!

Mas acho que bem perto de nós estará o dia em que os nossos crentes terão de ser enterrados sem padre, por os não haver. Em Lisboa já vai sendo difícil arranjar sacerdote disponível para um enterro. E foi assim que, haverá 1 ano, no enterro de amigo meu, estranhei ver um bispo negro, de Angola, a celebrar a missa. Soube depois que se prontificou a presidir ao enterro por falta de padre disponível. E será por isso que o arcebispo de Nampula (Moçambique norte) Vieira Pinto, e o cardeal Malula, do Zaire, estão a preparar leigos que possam substituir o sacerdote, que não há, no acompanhamento dos enterros de fiéis defuntos.

Que, para os outros, agnósticos e assim, o problema não se põe: nunca, dizem, sentiram necessidade nem medo quer de Deus quer do diabo. Enterram-nos como batatas, na expressão do soviético que explicava a viragem lá, em 43. Claro: levam grandes bandeiras e em passo de ganso se o morto for um tubarão do partido.

Ora quando vejo nomear dois padres, zona de Vila Verde, para curarem, juntos, 5 freguesias, acho que os barcelenses têm de pôr as barbas de molho: não vão ter o luxo de um padre no seu enterro. E com isso haverá novo dado sociológico.

Conclusão: é aqui na terra o tempo de todos provarem que aderiram à lei moral de Deus e Moisés e Cristo e a cumpriram. Se o não fizeram — foi-se para eles tudo quanto Marta fiou: nem serão santos nem defuntos fiéis (a Deus). Mas está escrito que quem perder a alma perde tudo. Logo, os infiéis fazem mau negócio, opção errada. E deixem-se de acreditar nas cantigas de insensatos. Aprendam com os fiéis defuntos.

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

A Razão Política, o Natal e o Ano Novo

I

São hoje 23 de Dezembro de 1986. Portanto, cheira a Natal. Uma coisa é certa: eu não faria decreto aquela atribulada viagem que vejo os nossos fazer para virem de Paris e outras terras meter-se por esses comboios para uns dias de Natal no Minho. Em 60, trabalhava eu no Estoril e fui a Galegos pelo Natal. Rapazes! Que diferença de climas. No Estoril, quase só em camisa; em Barcelos... rachava. E a gente cria hábitos. Mas também é verdade que no Sul, o Natal não tem o cheiro que tem na nossa terra.

Então pergunto: o Menino nasceu mesmo em Dezembro, lá na Palestina? Bem podia o Pai ter poupado o Filho ao gélido tempo de Belém em Dezembro. E agora vejam os Natais dos povos: Do Canadá à Sibéria — o Norte da Terra, tudo gelado, de Angola às Filipinas e daí à Venezuela, calor de criar mosca; lá para o pólo Sul, outra vez como a Sibéria. No mesmo dia, uns gelam, outros têm primavera, outros suam. Mas todos celebram o mesmo Cristo que chegou

ATOS n.º 10. I. 87 II

A este respeito é bom que oícam esta, da História da Arte, de Gombrich acerca do Egito: «o rei era considerado um ser divino... ao partir deste mundo, voltava a ascender para junto dos deuses donde viera» (pág. 32). Temos então: a) rei no céu; b) rei cá; c) rei de novo no céu. Era mito, lenda.

Ora o único sujeito de quem isso foi verdade é esse Jesus. Por isso, para o provar, foi que João Evangelista escreveu sua Biografia de Jesus. Não se perde em miudezas: tudo o que escreveu foi para demonstrar que Jesus é «divus», divino, Deus. Espantoso este João Evangelista. E que vejo? Que não lêem seu Evangelho! Célebre o começo da biografia que diz: Ainda nada existia, e já o Verbo existia, porque estava em Deus, era Deus, Ele fez o Mundo, veio cá ao que era seu, o Mundo, o reconheceu como dono, Senhor.

E eu digo: e o paciente Deus tolerou esta afronta!

João Baptista viu-O, baptizou-O e disse: é esse, o Cristo, identificou-o. Nem assim O aceitaram. Chamaram-lhe Samaritano, possesso do diabo, mentiroso por Se dizer maior que David, ou Moisés ou Abraão e mais: existente antes que eles existissem. Vale a pena lerem João e verem quantas vezes Cristo provou ter poderes exclusivos de Deus.

A Conclusão é esta — dos meus leitores, uns crêem que Ele é o Senhor — e estão certos; outros são tão cegos como os Judeus

Escreveu-nos

(Continua na página 4)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da pág. 1)

referidos por João Evangelista, por exemplo: Capítulos 5, n.º 39, 7, n.º 1,10 n.º 19, et. E esses já estão condenados porque só por mal-dade é que não admitem que o Bebê do Natal veio, viveu cá e voltou de novo a Sua Casa. E quem ler o Natal que não seja assim, perdeu o tempo.

RAZÃO POLÍTICA

Trata-se em Idade da Razão, época da Razão ou racionalista, de ser ou causa ou motivo, etc. O tal evangelista refere isto (Cap. XI n.º 47); Juntaram-se e diziam: — se o deixamos proceder assim (isto é, com pulso livre), hão-de todos crer n'Ele. E depois? — Hão-de vir os de Roma destruir-nos a cidade e a gente.

Ora se o Baptista não teve medo, o certo é que os Palestinianos o tinham. Diz o Evangelista: — a) Nicodemos foi ter com Ele, mas de noite! (cap. 3, n.º 1); — b) Os judeus queriam matá-Lo (cap. 7, n.º 1); c) já tinham legislado que, se alguém dissesse que Jesus era o Messias, fosse Expulso da Sinagoga (cap. 9, n.º 22).

Quer dizer: a liberdade que os Políticos da Palestina davam ao povo era tanta como a que deu Lenine! Lindo serviço!

Porquê? — Não lhes interessava se Jesus era ou não era o dono do Mundo; o que temiam é que se o povo aderia ao Cristo, ele, Cristo, não defenderia a Res Política existente, deixava o Colonizador (Roma) agir e então, adeus rendas do Pontificado, etc.!

E não quiseram ouvir, nada, daquele Jesus do Natal — que temiam!

VIII/10/1882

IV

Ora não só ontem, mas também agora não é o Cristo que assusta os nossos e outros Políticos. Assusta-os que Cristo fosse pobre, não permita ficar com o alheio, nem levar a Vida sem peias. Cristo e as leis d'Ele estavam ao Máximo! Logo: não serve para fundar as leis do País, nem os costumes, nem as prisões nem os tribunais nem... nada. Diziam as antigas Leis: Eu nome de Deus! E hoje: Em nome da República! (que não é nada nem ninguém).

Os Bizantinos gabavam-se de que suas leis eram fundamentadas nos Evangelhos. Os nossos gabavam-se de as fundar em votos. E se foram honestos... mas não são moralmente justos.

Assim as leis têm de ser Iníquas. A Razão Política delas não é o Natal do Divino Bebê, não senhor, mas só o medo do Romano e de que o povo adira ao Cristo, vá a Belém.

Que conseguem? Nada, senão a ruína de si próprios. É destes que dentro de anos, se há-de ver nos cemitérios, o que vi no funeral do meu saudoso professor e a quem uma atenção excepcional fiquei a dever, porque mobilizado já para a guerra de Angola, o Professor Doutor Paulo Cunha. E foi isto: que em 5 a 10 por cento dos jazigos vi a placa «Abandonado!». Não me admirei. As famílias perdem-se e dispersam-se. E pensam estes políticos que fica sequer o nome deles? Não fica, não senhor. O Menino do Natal, para ser justo, e é-o, tem de lhes dispersar os ossos, as obras e as leis que fizeram.

CONCLUSÃO

O Ano Novo será tão velho como o de 86, ou pior, se os leitores se guiarem pelos safados que aí andam. Novo, diferente, útil, feliz, só o será se se guiarem pelo Menino do Natal. Mas não quereis, porque os judeus também não o quiseram. Digo então que precisamos de um Natal diferente que cause diversa Razão Política e esta nos dê um 87 próspero e útil. É o que a todos, como para mim, desejo.

Francisco de Almeida

fizesse maldade nenhuma, esse era um Nobre que trazia Paz, príncipe da Paz. Para o tal profeta, esse era o Cristo.

— ★ —

que um judeu, muito tempo antes de Cristo cá vir, qualificou, profetizando, qual havia de ser o Messias. Vocabulário, por isso enganador, já que em 1984 não conhecemos nem invasões nem conquistas, por um lado, e por outro, não temos Rei nem nobreza e por isso, nem príncipes nem princesas: somos todos iguais, de sangue A ou O ou de outro tipo, sempre rubro e nunca azul, e resumindo, todos repúblicos que assim o manda a Constituição, desde há 74 anos. Não há príncipes.

Em vez deles, temos generais e marechais, para guiar as tropas — que não têm nada a combater; temos conselheiros no que foi o velho Desembargo do Paço (real); ministros nas pastas (hoje dossiers) de que na Monarquia tratavam os Secretários do Rei; República Portuguesa no que dantes era o Reino de Portugal. Estas mudanças não são apenas nos nomes: é que o rei de hoje (Eanes) não manda nem um centésimo daquilo que El-Rei podia mandar. Verdade seja que o Rei era sagrado (como que baptizado) numa igreja para ser rei e Eanes, republicano, assinou apenas uma papeleta, jurando uns não sei quês.

Portanto e em conclusão: quando os povos eram, quase todos os anos, invadidos, roubados e saqueados, e tinham de fugir à cavalaria galopante do rei vizinho, eram trucidados, e aí um chefe de cavalaria que se apresentasse, a cavalo, capacete de plumas, trajado de ouro e jóias e não

Porque há o Padre que quer fazer de bispo, o escrivão que se julga o juiz, o soldado que se julga capitão, pelo menos, todos os trabalhadores querem se lhes reconheça a patente e o pré de general, quem sabe o Direito é o delegado sindical — sindicato disse, o operariado julga suas questões pela Moral natural (lógica) e fica revoltado quando a lei se lhe atravessa contra a lógica ou perde a acção por falta do sol — que são as provas. Como pacificar estes corações e estas mentes e vontades? Por que não estão dispostos a ser roubados e dar ainda a outra face. Mas não raro esquecem que ladrões são também eles, trabalhadores, filhos do pecado original como o patronato.

O que os verga e só, é que a greve só piora as coisas e nem tudo foi, por enquanto, nacionalizado.

E se fosse, quantos deles não tinham embarcado já para um campo reservado à reeducação política? Quer dizer: tudo sem saída, sem remédio. O jôio agarra-se bem ao terreno.

Conclusão: o Papa ensina, certo, mas uns não ouvem — surdos, a outros não convém ouvir e muitos recusam ouvir e menos, seguir as regras do Papa. Seja como for é preciso que o Dia da Paz não se torne rotina nem banalize. Se isso suceder, as violências dos confrontos serão cada dia mais ferozes.

A propósito da Monografia de Esmeriz

N.º Tam. 13/5/88

FRANCISCO ALMEIDA

Primeiro — Não é já novidade nenhuma se disser aos leitores do Notícias de Famalicão, residentes ou emigrados, que a freguesia de Esmeriz publicou e que conseguiu apurar acerca da História daquela terra. Publicou. Através dela, este nome «Esmeriz» foi posto

de Esmeriz. Pareceu-me que os Autores esqueceram o dito para Famalicão pelo

(Continua na 2.ª página)

T. xto no verso

v. Texto no Verso

ao neste jornal e com muito brilho. Folgo por o nome de um colaborador nosso ser referenciado na de Esmeriz e desta forma (pg. 16) = Dominação Romana — marcos miliários — especialistas — Eng. Joaquim Ribeiro dos Santos.

Para que conste. Referido o ilustre autor da monografia de Cabeçudos e mais que uma vez: o Sr. Desembargador Costa e Sá (por exemplo, pg. 62 nota 117). Vão gostar de se ver referidos uns como a C. P. dos combóios) e os franciscanos de Montoriol (Braga) — porque os de Esmeriz têm sido devotados amigos do homem de Assis, S. Francisco.

E agora vejam = da confraria franciscana temos os Estatutos (pg. 359). E não há uma só paróquia de que existam Estatutos! Porque será que assim acontece? Os especialistas em estudos da População vão ter na monografia vasto material de estudo. Falta a taxa da esterilidade ou fecundidade das mulheres de Esmeriz. É assunto que desde há 20 anos passou a estar na moda (e no Mundo inteiro, pela mão da ONU).

Terceiro — Mostra a de Esmeriz que tem sido como Alberto Sampaio referiu, a saber: a igreja, edifício ou fonte ou sede de serviços, foi sempre o centro da freguesia. É por isso até o edifício, igreja, precisa que lhe façam a história. Não raras vezes, a igreja até mudou de sítio para estar sempre no meio dos fregueses. Teve encomendados e curas (de almas) como o foi em França o Cura de Ares, que Roma canonizou. Cá, não temos párocos nos altares, nem fregueses, o que não significa que o não mereçam vários. Impressiona, saber que os antigos páro-

Pois na Rússia os párocos paga-os o Governo (e o jornal Missões Franciscanas, de Abril deste ano, informa que há lá 800 e tal igrejas abertas (para 60 milhões de fiéis). Não são nada para tanta gente, mas são muito para quem só tolerava aberta a de S. Luís dos Franceses, em Moscovo. Se os Russos pudessem ter monografia paroquial de ao menos 1/10 do volume da Monumental de Esmeriz! Deixo isso ao versado Chico da Cufe, do Correio da Manhã.

N.º Tam. 13/5/88

Quarto = não percebo como surgiu em Esmeriz a capela e devoção a São Mártil. Como não consegui ainda apurar as origens da capela de São João (o Baptista) na minha Galegos (Barcelos). Os antigos não escreviam Memórias e sem elas não sabemos as origens dos nossos monumentos. A da Honra de Pereira nasceu decreto para ser a cabeça do morgadio. Bem disseram os autores da de Esmeriz, Padre Carneiro e Dr. Franquelim, o da Universidade do Minho = que é preciso estudar essa Honra que aos de Esmeriz honra. Não sei se a de Esmeriz traduz polémica com os de Cabeçudos. O Dr. Franquelim escreve seco e duro. São estilos de narrar. Pergunto eu: também na minha Galegos vejo Cruzeiro dos anos 1500 como o é o de Esmeriz (foto da pg. 267). E dantes as freguesias nem cruzeiro paroquial tinham? Não sei responder-vos. Dinheiro pouco haveria, se como referem, quase tudo em Esmeriz eram só jornaleiros (pé descalço, como os antigos operários o eram). Tudo muda e as terras, Dote da noiva, Igreja, perdeu-as ela a favor dos fregueses. Como diriam os do Vaticano II: a Igreja purificou-se. E tanto que o Pa-pa de 1986 teve 114 milhões

C. e Sá
— Desemb.
→ Ataque - cad. n.

Notas: 2. 8/4/88 -

2. vol. 92

Ver 50 →

v. 10 38 (garcia n
e meação)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Gente da Nossa Terra

Fui estes dias à aldeia e encontrei lá a oferta de um livro. É ele: O Padre Américo (aquele das casas do Gaiato). Autor: o nosso conterrâneo, barcelense, ali de Salvador ou Carapeços, que pessoalmente não conheço e se chama Durães Barbosa.

A Voz do M. 24/9/88
Já aqui se falou deste livrinho (alguém falou). E não é daqueles, meio-romances, que os barcelenses

vudem a ler. Os meus parabéns ao

Padre Dr. Durães de quem me falou as vezes o Dr. Francisco Gonçalves, também dos padres da Silva.

Ao mesmo tempo, os meus agradecimentos ao Padre Durães pela oferta que se dignou fazer-me, tanto mais que a obra implica as Pedagogias, as Psicologias, as Ciências de Educação, a Psicopedagogia, coisas de que pouco sabemos. Mas refoco em alguns dados da obra do Dr. Durães. Ora vejamos — e tanto quanto me apercebo e a

coisa é inteligível aos leitores.

1.º ponto: ninguém sabe o que seja a Educação e contudo todos nós temos uma ideia do que isso seja. As Etnologias dizem como os

professores educam. Sabido é que os marxistas e tal educam — preparam os pequenos para ser os dirigentes do ano 2.000. A Igreja, Roma, reclama-se de Educadora.

Logo: Tem de haver luta entre filosofias da Educação. Por isso querem uns a Escola única, etc.

2.º ponto: é riquíssima a História da Educação. Mas o padre Américo foi mais que isso: aos famintos deu pão e deu ensino. Morreu em 56. Quem lhe ligou quando era vivo? Acho que poucos.

Ouvi falar dele por 1950. Criou, inventou um sistema novo de fazer os vadios da rua uns homens. Lá fora nem cá não o copiaram. Acho que os pais aprenderão alguma coisa de como educar os filhos se lerem o livro do Padre Durães. Mas... e os professores e educadores de colégios ou Seminários? Le-

(continua na página 4)

Três Ajuntamentos-Conferencias-Reuniões

— Supremo Tribunal de Justiça

— Código de Processo Civil — no C.E.J.

— Da T.V.I. — acções

Supremo

P.2 CV, 3/2/94

O Sr. Presidente do Supremo de Justiça, que funciona na cidade de Lisboa, acompanhado pelo Sr. Procurador Geral da República, costumam ter a amabilidade de convidar os Srs. Magistrados a assistir à sessão solene de abertura do ano judicial. Na universidade, pelo menos desde os anos 1500, também se usa solenizar a abertura de cada novo ano lectivo com uma cerimónia especial de começo das aulas. Em Braga, pelo menos o Seminário diocesano, o chamado «do Arcebispo», usava solenizar a abertura das aulas com um especial discurso — a Oração de Sapiência — para a qual convidava as autoridades da cidade, o comandante militar da Região Norte (Porto) e famílias do Burgo — relações de boa vizinhança.

Mas todos solenizam a abertura na época da abertura — Outubro. Não está bem vir o Supremo e a Procuradoria solenizar a abertura, em Janeiro de 94, de um ano Judicial que já se iniciou em Setembro de 1993. Como sempre, nas sessões de abertura feitas no Supremo, é oferecido aos convidados um copioso Porto de Honra.

Digamos, para melhor compreensão dos leitores, o que é o Supremo.

Supremo: há três Supremos em Lisboa: o da Justiça, o Administrativo e o Militar. Refe-

ria-me ao Supremo de Justiça.

As coisas passam-se assim: o Tribunal que julga em Barcelos, e por aí abaixo, civil, crime, trabalho, é a 1ª instância. Às vezes, a decisão (sentença) não admite recurso, pelo que é a última palavra. Quando o caso admite Recurso — agravo para questões, geralmente de formalidades na apelação, para o caso em si, o fundo da questão, então os de Barcelos (o vencido) recorrerão para a Relação do Porto (e os de outros lados, para a de Coimbra, a de Lisboa, a de Évora — são 4 as Relações).

Há processos nos quais o Acórdão (decisão de vários desembargadores — que *Acordam*, resolvem) é a última palavra. Há, porém casos em que o vencido na Relação pode pedir justiça (Recorrer) a uma 3ª instância — que é exactamente o Supremo Tribunal de Justiça (decidem aí — acórdão — juízes conselheiros).

Um aparte: houve na Inglaterra um sujeito chamado Newman que foi professor na universidade de Oxford. Era filho de um banqueiro. Certo dia resolveu converter-se ao Catolicismo. Pai e Mãe cortaram relações com ele. Era solteiro e fez-se padre. O bispo de Londres entregou-lhe o governo do colégio universitário católico (Reitor). Estava programada para o dia x a sessão magna de abertura das aulas, com a Oração de Sapiência a cargo do Professor 2 (tal Oração só se en-

trega a alguém muito dotado). Mas os marotos dos professores combinaram-se com o da Oração de Sapiência, este fez-se doente e avisaram o Reitor Newman:

— 2 não pode vir!

E o Newman: — Quem há de fazer a Oração?

Propuseram: — Gostaríamos que V. Rev^a se encarregasse disso.

Volta Newman: — E qual o tema?

Resposta: — Logaritmos! (que é um capítulo das matemáticas. Era impensável propor um assunto destes).

Newman percebeu que pretendiam divertir-se e perguntou-lhes: Dão-me uma hora?

— Concedido.

E ficaram todos de orelha arrebitada a ver como se ia sair daquela o Reitor.

Pois bem, reza a história que Newman era uma cabeça de tal modo espantosa que, durante uma hora, falou a toda a Academia sobre logaritmos. E com uma profundezia tal como os divertidos professores nunca antes tinham ouvido.

Quem de nós é que ainda se recorda de algo mais, nos logaritmos (logo o nome!...), que não sejam arcos, ângulos, senos, cosenos, a tabela dos logaritmos e pouco mais? Agora, suponham que, como Newman (que não era formado em matemática) vos convidavam para fazer um discurso solene

Cont. na pág. 3

10.62

656771

~~B~~~~casa~~

TERCEIRA PÁGINA

Três Ajuntamentos-Conferencias-Reuniões

— Cont. da pág. 2 —
e sobre senos, cosenos e outras curiosas entidades matemáticas! Era o fim.

=Processo Civil=

P.3 CN. 312144

Esta matéria foi versada em conferência no C.E.J. (Centro de Estudos Judiciários ou Escola Superior de Magistrados, que fica ao lado da Sé de Lisboa). Só pude ouvir dois dos cinco conferentes: o Dr. Baptista e o Dr. João Correia (este conectado com a Inter). O código que regula o andamento dos processos não criminais (ditos civis) tem nada menos que uns 1500 artigos. E como cada artigo contém 3 e mais sub-regras, segue-se que saber Processo Civil é saber de cor — e jogar com elas na hora que for preciso — umas 5000 a 7500 regras de processo.

Ora bem, o nosso 1º código (Portugal) data de 1876.

Agora corre aí um Projecto de Código novo, que altera bastante «boca» a «boca» das matérias, por exemplo: o que estava nos artigos 370 e tal passa a situar-se no 900 e tal.

Depois querem alguns que seja gravado o que foi dito na audiência. Outros querem filme sonoro, em video. Uma ideia que parece boa, mas cara: se a Relação quer anular um julgamento por ampliar (captar) mais factos, então deve captá-los ela (levam-se lá as testemunhas, de Barcelos ao Porto nem é muito).

O Dr. João Correia quer (estamos ao nível da feitura das leis e já o sustentou antes em outros Cadernos, bem úteis, do C.E.J.) que o Juiz explice por que razões respondeu ao Questo «Não provado». O Código de Processo actual só o exige (explicitar porquê) quando responde afirmativo.

Suponho entender a pretensão do Dr. João Correia. Mostro como: pergunta-se (quer-se

saber) se António esteve no dia 20, às 16 horas, no sítio Z. A resposta só pode ser «Sim» (provado) — e o Juiz dirá por que motivos diz «Sim»; ou dirá: «Não Provado».

Agora o dilema para o juiz: se responde «Sim», terá de condenar o Réu a pagar ao interessado, 200 contos; se responder «Não», então absolverá o Réu de pagar os 200 contos. Portanto, é mais fácil e mais cómodo (e seguro?) responder «Não». Só que isso pode ser ilícito face à lei Moral e aos olhos de Deus porque se absolve quem devia ser condenado. Condenar é mais difícil do que absolver.

E as provas que às vezes não contraditórias, são! Ora o João Correia, com a tese dele, dá-nos a entender que, advogado que é, ter tido casos em que ele esperava que o Juiz respondesse «Sim — Provado» e condenasse quando obteve um «Não Provado» e o Réu, absolvido. Por isso é que acontecerá

— Cont. na pág. 5 —

100
Ans

100

Três Ajuntamentos-Conferencias-Reuniões

Cont. da pág. 3
aos Juizes não conseguirem certas noites «pregar olho». Respondo «Sim» porque tal e tal. E vai ver se há falha em algum deles da cadeia com que chegou ao «Sim». Naquele caso do Padre Frederico, na Madeira, muita gente esperava a resposta de «Não Provado» a certos Quesitos. Mas os julgadores responderam «Sim» (o que foi surpresa para muitos).

E motivos dos «Sins»? João Correia quer também os motivos dos «Nãos». Nada a opor à tal pretensão. Só que vai ser preciso nomear maior número de juizes — quando se diz aí que o Juiz alemão tem 1/3 dos processos que ao Juiz português são distribuídos, e o Juiz italiano 1/2. Seja: se o português tiver 1500 (3 anos de entradas a 500 por ano), o italiano só terá 750 e o alemão só 500. Se o Juiz português soubesse alemão e lho deixasse, requeria colocação nem que fosse na gelada Hamburgo, pelo menos, havíamos de vê-los a concorrer ao lugar de Juiz da Audiência, mesmo em Veneza. Para mais, o alemão ou o italiano, ~~é~~, ^{todavia}, melhor pago que o português.

Na Inglaterra deu-se esta: um Juiz, por se lhe ter avariado o carro, seguiu de autocarro para o Tribunal. Condenou um su-

jeito o qual se queixou de ter sido condenado por o juiz estar irritado. Ele até andou de autocarro! O Conselho lá do sítio ouviu o juiz e castigou-o com este argumento: o carro avariou. Pois levasse outro. Na Inglaterra, um juiz ainda ganha para ter dois carros!

Mas, enfim. Portugal não é país de gente rica.

T.V.I.

R.S.-EN 31244

Era oradora uma rapariga de seus 26 anos, e atenciosa, que expôs quadros e números por slides que ia projectando na parede. Que 24% dos accionistas da TVI são licenciados, etc., etc. A ideia: que devem ser os indivíduos — o António, o Zeferino, etc. — a comprar as acções e a mandar na TVI, não vá acontecer que algum tubarão económico se apodere da TVI e a faça passar a TV Diabo.

Mais disse, que a R.R. tem 25% das acções da TVI, etc. É claro que há uma lei das sociedades. Mas pode aceitar-se que X, sendo anticatólico, mas dono de 40% das acções, vá para a gestão da TVI e consiga pô-la a operar contra os católicos e contra os ensinamentos do Papa?

Não é de crer. Mas se não

é, o que morde aos gestores da TVI para quererem as acções mais nas mãos deste e daquele, atomizados, que não associados em grupo? As más línguas diriam que, como no feixe dos vimes, é mais fácil governar nas empresas em que os accionistas são milhões, mas dispersos, do que... poucos, mas sindicalizados.

Uma coisa é certa: os accionistas confiam na direcção da TVI porque, tendo a paróquia de S. Sebastião da Pereira uns 2500 habitantes, dos quais frequentam a igreja ao domingo, pelo menos 10% (2500), só estavam presentes 3 homens e umas 10 mulheres. A juventude não. Dos homens, um era o prior. Das mulheres, 5 eram religiosas que operam na paróquia.

Agora pergunto: teremos quase 4000 paróquias (no Norte, dizemos mais freguesia, mas no sul, a paróquia tem menos gente que a freguesia). Andam aí com Congressos europeus de Paróquias. Quer-se revitalizar a quadrícula «paróquia». Quantas são e quantas não são as paróquias accionistas da TVI? Se forem poucas, entendo que é mal e que aos párocos — e aos não párocos que para isso tiveram dons — cabe obter Acções da TVI de que a paróquia seja titular.

76 84
68 10-69
02

F. M. 23/2/95

A VOZ DO MINHO

COISAS DE LONGE E DE PERTO

O Novo livro do Abade da Ucha

Dois livros de Galegos: de 1916 e de 1831

v. 18.5

I Continuam 23/2/95

Parece que os jornais barcelenses, todos, estão a dar tudo por tudo para travar os gastos. Por isso, vou ser muito breve com o apanhamento de hoje.

III

478.2-94

O ilustrado Sr. Padre Hélio, de S. Romão, acaba de dotar a Terra Barcelense com uma dispendiosa publicação que é esta: *Ao Redor da Senhora do Facho, ano de 1994*, executado em Braga, 245 páginas, 9 capítulos.

Transcreve e reúne nela centenas de textos que recolheu por tudo quanto é terra, faz a História do Santuário e Cruzeiro situados no alto circundado por Alheira e Roriz e Galegos e Lama e Oliveira, recolhe desde os tempos arqueológicos até ao Hiber Fidei — dos anos 1000 sem esquecer as descrições de O Barcelense — anos 40 — nem a Revista Acção Católica (de Braga) nem o Diário do Minho.

Em resumo: Ali se fala do Facho, do Fundador, Padre Benjamim do Outeiral, padre Castilho, Moutinho, Victor, da Lama, etc.

Além disso, amplia em muito a Monografia de S. Romão e também a da Pousa, as quais ele tinha publicado vai para uma segura dúzia de anos.

III

Não me contento que não peça aos da Lama para publicarem o livro que o Pe. Victor deixou pronto (1963). Reparo que ainda agora me chegou às mãos o livro, valioso, de um poeta, que só tem a 4.ª classe, vive em Arcozelo, pego a Ponte de Lima.

E sabem quem pagou a publicação? Nada menos que a Junta da Freguesia. É uma junta inteligente, esta de Ponte de Lima.

Aqueles senhores de Manhente — O livro da Dr.ª Costa Fernandes — só trevas.

Em resumo — sugiro à nossa Senhora Câmara que faça distribuir este Ao Redor do Facho em que até Martim aparece retratada. E recomendo-o ao Sr. C. Bastos — que felicito pelos seus trabalhos culturais — e ao Dr. Victor Pinho, outro divulgador de mérito.

Por fim: parabéns ao Sr. Pe. Hélio.

(Continua no próximo número)

(nemh-nun)

70/70 75 70 85
68

COISAS DE LONGE E DE PERTO

O Novo livro do Abade da Ucha
Dois livros de Galegos: de 1916 e de 1831

De Galegos

IV in f/voz de Minho
23/2/95 - P.4.

A muito de História Social nos levaria a pesquisa sobre o Rol da Desobriga de 1916. É do punho do abade de então, que era de Melgaço, o Padre, colado, António José de Outeiro. Era o que dizia (era destemido) — a carapuça vai daqui, igreja abaixo. A quem servir, enterre-se até às orelhas.

O Rol vai por fogos ou famílias. O n.º 1, até lá, é o abade. O de minha Avó materna é o n.º 5 e reza —

5 — Maria Luísa de Almeida, viúva, 39 anos e filhos = Manuel — 13; Rosaria — 9; Teresa — 6; Ana — 4.

Aponta sempre a idade do maridão e o da mulher — por ex. — meus avós paternos = n.º 55 — Domingos, 58, Maria Rosa, 55. No fogo n.º 6 apontou para minha bisavó = Ana Joaquina — viúva, 91 anos e filha — Teresa Alves, solteira, 65.

Agora vejam isto, que nos parece, pelo menos hoje, uma calamidade:

— Fogo n.º 20 = ele — 65, mas ela, só 45 anos; Fogo n.º 32 = ele — 20, mas ela, 32 anos; Fogo n.º 41 = ele 65, mas ela só 49.

E mais estes:

n.º 54 — 67/50 anos; n.º 57 — 62/21 anos (a criada?); n.º 58 — 62/40 anos; n.º 115 — 71/54; n.º 119 — ele 41 — ela 58, etc. Ao todo, em 904 habitantes, uns 20 casais aberrantes.

É de pasmar como, apesar de tudo, a vida moral de Galegos era tão sã, o que hoje...

E cumpriram a desobriga 577 — todos menos 7, que o abade explicou não ser por serem rebeldes (hereges). Os ausentes eram já então 134 (quase 20%) e os menores (7 anos) eram 186.

(Continua no próximo número)

Second \star (n)



biblioteca
municipal
barcelos



27663

Artigos de jornais regionais